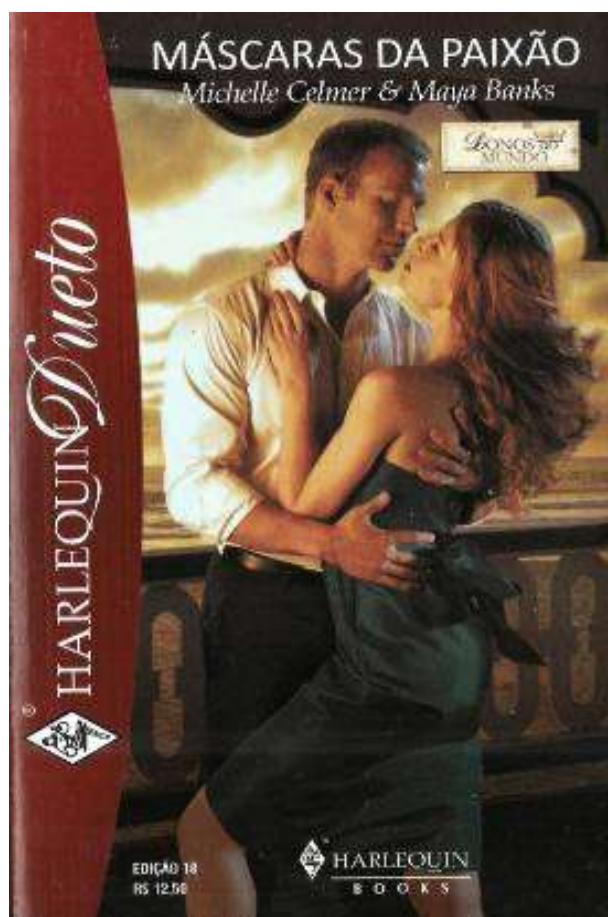


DEVOÇÃO TOTAL

(Billionaire's Contract Engagement)

Maya Banks

Série Kings of the Boardroom



Ele a desejava havia meses, e finalmente surgia a oportunidade de tornar Célia Taylor sua, ao menos temporariamente. O bilionário Evan Reese sabia que ela estava desesperada para que ele assinasse um contrato com a Maddox Comunicações. E talvez Evan o fizesse... Mas, antes, Célia precisaria acompanhá-lo em um casamento em Catalina. Lá, ele poderia seduzi-la, sabendo que ela também o desejava. No entanto, como Célia reagiria quando descobrisse que estava se passando por sua noiva?

Digitalização: Rita

Revisão: Simone R.

PROJETO REVISORAS



PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V/S.àzI.
Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a
transmissão, no todo ou em parte.
Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas
vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original: BILLIONAIRE'S CONTRACT ENGAGEMENT

Copyright © by Harlequin Books S.A.
Originalmente publicado em 2010 por Silhouette Desire
Arte-final de capa: Isabelle Paiva
Editoração Eletrônica:
ABREU 'S SYSTEM
Tel.: (55 XX 21) 2220-3654 / 2524-8037
Impressão:
RR DONNELLEY
Tel.: (55 XX 11) 2148-3500
www.rrdonnelley.com.br
Distribuição exclusiva para bancas de jornais e revistas de todo o Brasil:
Fernando Chinaglia Distribuidora S/A
Rua Teodoro da Silva, 907
Grajaú, Rio de Janeiro, RJ — 20563-900
Para solicitar edições antigas, entre em contato com o
DISK BANCAS: (55 XX 11) 2195-3186 / 2195-3185 / 2195-3182
Editora HR Ltda.
Rua Argentina, 171,4º andar
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ — 20921-380
Correspondência para:
Caixa Postal 8516
Rio de Janeiro, RJ — 20220-971
Aos cuidados de Virgínia Rivera
virginia.rivera@harlequinbooks.com.br

CAPÍTULO UM

Os predadores circulavam.

Célia Taylor estava parada nos fundos do salão de baile, uma taça de vinho na mão, enquanto estudava a multidão. O enfoque do evento beneficente deveria ser mais prazer do que negócios, porém negócios vinham em primeiro lugar nas mentes de seus concorrentes.

Do outro lado do salão, Evan Reese estava reunido com um grande grupo de pessoas. Ele parecia relaxado, um sorriso fácil tornando o rosto extraordinariamente bonito ainda mais maravilhoso.

Deveria ser crime existir um homem tão lindo assim. Alto e forte, parecia o tipo de homem que ficaria à vontade num dos trajes de atleta que sua empresa criava e vendia. Uma aura de confiança e poder emanava dele, e, acima de tudo, Célia adorava um homem seguro de si.

Considerando os longos olhares que haviam compartilhado durante as últimas semanas, ela seria uma tola se não cogitasse a ideia de ver aonde o flerte iria levá-los.

Se ele não fosse um cliente em potencial.

Um cliente que ela queria muito obter.

Célia queria a conta... Seu chefe e agência estavam contando com ela... Mas não dormiria com um homem para conseguir o que queria.

Desviou-se da visão de Evan Reese antes que ficasse muito fascinada somente observando-o. Vinham fazendo um jogo delicado desde que ele demitira sua última agência de propaganda. Evan sabia que ela o queria... profissionalmente falando, é claro. Ora, provavelmente sabia que ela também o queria nu em sua cama, mas Célia não ia pensar sobre isso. Talvez mais tarde naquela noite, quando pudesse se dar ao luxo de fantasiar um pouco.

O problema era que sempre que uma empresa grande como a Reese Enterprises demitia uma agência, todas as outras agências rodeavam o cliente em potencial como tubarões. Aquele era um mundo competitivo. E, na verdade, ela deveria estar lá, paparicando-o como o resto de seus concorrentes, mas preferia esperar que ele a abordasse.

— Célia, que bom que você veio. Já falou com Reese?

Célia virou-se para ver seu chefe, Brock Maddox. Apesar do smoking sofisticado, ele não parecia particularmente entusiasmado.

Ela o estudou.

— Quanta elegância, Brock. Continua arrasando corações?

Os lábios dele se curvaram em desgosto.

— Pare com isso, Célia. Eu trouxe Elle à festa.

Célia olhou além do ombro dele para ver a bonita assistente de seu chefe parada a poucos metros de distância. Quando Elle olhou na sua direção, Célia sorriu e acenou.

— Você está linda — balbuciou Célia.

Ele sorriu e abaixou a cabeça, mas não antes que Célia visse um rubor colorindo-lhe as faces.

Brock gesticulou impacientemente em direção a Evan.

— Por que você está parada aqui enquanto Evan Reese está lá? — Brock olhou ao redor e endureceu a expressão. — Eu deveria saber que o velho patife estaria aqui.

Célia seguiu seu olhar para ver Athos Koteas a uma pequena distância de Evan. Embora não fosse admitir para Brock, ver o rival deles tão perto de Evan Reese a deixava nervosa. Koteas era dono da agência Golden Gate Promotions, e não apenas atraía alguns clientes importantes da Maddox recentemente, mas também lançara uma campanha na mídia contra a Maddox.

Aquela não era uma conduta ética, mas isso não surpreendia Célia. Koteas era cruel, e faria qualquer coisa para vencer.

— Bem, sim — murmurou Célia. — Os agentes publicitários dele estão ocupados trabalhando em cima de Evan.

— Alguma razão pela qual você não está fazendo o mesmo?

Célia pôs uma mão sobre o braço dele. Sabia como aquela conta era importante para Brock... Para todos na Maddox Comunicações.

— Preciso que você confie em mim, Brock. Estudei Evan Reese extensivamente. Ele sabe que estou interessada. Virá até mim em breve. Estou segura disso.

— Está cinquenta milhões de dólares segura, Célia? Maddox é uma agência pequena, e esse tipo de negociação significa a manutenção dos empregos de nossos funcionários, enquanto que, se continuarmos perdendo clientes e contas, não posso garantir nada.

— Eu sei que estou pedindo demais — disse ela baixinho. — Mas não posso andar até lá e tentar seduzi-lo. — Célia gesticulou para as mulheres que cercavam Evan. — É isso que ele espera, e não posso conseguir essa conta baseada em *ideias*, Brock. Passei cada minuto do meu tempo preparando a proposta. Não existe possibilidade de Evan recusar.

Brock a estudou por um longo momento, os olhos brilhando com o que parecia respeito. Ela adorava trabalhar para ele, que era um chefe duro, exigente. E era a única pessoa para quem Célia contara sua versão do que tinha acontecido em Nova York no seu último emprego como publicitária.

— Nunca esperei que você conseguisse a conta de uma maneira que não fosse brilhante, Célia — disse Brock suavemente. — Espero nunca ter lhe dado qualquer outra impressão.

— Eu sei. Aprecio sua confiança mais do que imagina. Não irei decepcioná-lo. Não irei decepcionar a Maddox Comunicações.

Brock passou uma das mãos pelos cabelos e olhou novamente ao redor. Parecia cansado. Era verdade que ele trabalhava demais. A agência era tudo para Brock. Mas durante os últimos meses, novas linhas tinham aparecido ao redor de seus olhos. Mais do que qualquer coisa, Célia queria ser capaz de conseguir-lhe aquela conta. Ele acreditara nela quando todos haviam pensado o pior.

Ela olhou para cima e viu Evan andando na sua direção.

— Não olhe agora, mas ele está vindo para cá. Talvez você deva ir dançar com Ele ou algo assim.

Sem hesitar, Brock virou-se e se misturou com a multidão.

Célia deu um gole no vinho e tentou fingir indiferença. Mas enquanto ele se aproximava, já podia sentir o aroma único. Masculino e deliciosamente sexy. Não fazia sentido para Célia, mas parecia sintonizada com cada nuança de Evan, e isso não tinha nada a ver com o estudo que fizera dele e de sua empresa.

— Célia — murmurou ele.

Ela se virou com um sorriso caloroso.

— Olá, Evan. Apreciando a noite?

— Acho que você sabe que não.

Ela arqueou uma sobrancelha e o olhou sobre a borda do copo.

— Eu sei?

Evan pegou uma taça de um garçom que passava e voltou toda sua atenção a ela. Célia quase arfou diante da inspeção fervorosa. Era como se ele a tivesse despidido ali mesmo, na frente de uma multidão. Seu baixo-ventre se contraiu. Evan tinha olhos maravilhosos, que pareciam penetrar seu modesto vestido de noite. Célia se sentia nua e vulnerável sob aquele olhar ardente.

— Diga-me uma coisa, Célia. Por que você não está com o resto dos predadores tentando me convencer de que sua agência de publicidade vai levar a Reese Enterprises ao topo?

Ela sorriu.

— Porque você já está no topo?

— Você é tão provocadora.

Com aquilo o sorriso de Célia desapareceu. Ele tinha razão. Ela estava flertando, e era a última coisa que queria fazer.

— Eu não estou desesperada, Evan. Sei que sou boa. Sei que minhas ideias para sua campanha são espetaculares. Isso me torna arrogante? Talvez. Mas não preciso lhe vender coisas sem importância. Tudo que necessito é de tempo para lhe mostrar o que a Maddox Comunicações pode fazer por você.

— O que você pode fazer por mim, Célia.

Ela arregalou os olhos com a insinuação ousada. Então ele apressou-se em corrigir a suposição errada de Célia.

— Se as ideias são suas e são brilhantes como você diz, eu não estaria contratando a Maddox e o que a agência pode fazer por mim. Estaria contratando você.

Ela franziu o cenho e detestou se sentir em desvantagem. Apertou mais os dedos em volta do copo e rezou para que seu súbito desconforto não transparecesse.

Ele a estudou com curiosidade.

— Essa não foi uma proposta, Célia. Você saberia a diferença, acredite.

Num movimento ousado, Evan traçou um dedo ao longo do braço nu dela. Célia foi incapaz de conter um tremor.

— Eu só quis dizer que se você conseguir me convencer e eu assinar com a Maddox, não vai passar o trabalho para algum executivo júnior. Esperarei que você supervisione a campanha em todos os níveis.

— E você espera assinar com a Maddox Comunicações? — perguntou ela.

Houve um brilho de divertimento nos olhos verdes de Evan. Ele deu um gole no vinho e a olhou preguiçosamente.

— Se sua proposta for boa o bastante. Golden Gate tem algumas ideias boas. Estou considerando-as.

Os lábios dela se comprimiram.

— Somente porque você ainda não ouviu as minhas.

Ela sorriu novamente.

— Eu gosto de confiança. Não gosto de falsa modéstia. Estou ansioso para saber o que você tem em mente, Célia Taylor. Tenho a impressão de que coloca no trabalho toda essa paixão que vejo queimando em seus olhos. Brock Maddox é um homem de sorte por ter uma funcionária tão poderosa. Pergunto-me se ele sabe disso.

— Estamos indo para a fase de marcar uma reunião? — perguntou ela. — Tenho de admitir que gostei de vê-lo cercado pelos predadores, como você os chamou.

Evan pôs o copo sobre a mesa mais próxima.

— Dance comigo e discutiremos um horário para falar de negócios.

Os olhos de Célia se estreitaram.

Ele arqueou uma sobrancelha em desafio.

— Eu já dancei com as publicitárias de Golden Gate, Primrose, San Fran Media...

Célia ergueu uma das mãos.

— Tudo bem, entendi. Você está fazendo a seleção baseado em quem é a melhor parceira de dança.

Evan jogou a cabeça para trás e riu. Diversas pessoas ao redor se viraram para olhar, e ela teve de resistir à vontade de fugir dali. Detestava a atenção com a qual Evan parecia não se importar. Devia ser tão bom não precisar se preocupar com o que as pessoas pensavam a seu respeito. Ter sua reputação intacta sem nunca ter sofrido rancor e vingança dos outros. Mas, então, homens raramente sofriam esse tipo de coisa. Eram sempre as mulheres. As outras mulheres caluniadoras.

Não sabendo como recusar a dança graciosamente, Célia pôs sua taça sobre uma mesa e permitiu que Evan a conduzisse à pista de dança.

Para seu alívio, ele a segurou bem de leve. Todos que os olhassem não encontrariam nada de inapropriado. Ela e Evan não pareciam amantes, mas ela sabia que o pensamento estava presente na mente dos dois. Podia ver o desejo naqueles olhos verdes, e sabia que ele provavelmente podia ver nos seus.

Célia não tinha prática em esconder emoções. Talvez o fato de ser a única garota numa casa cheia de homens fosse a razão. Sua família era afetiva e barulhenta, e Célia sempre fora considerada como a filha e irmã preciosa.

Sua vida seria mais fácil se ela fosse capaz de esconder seus pensamentos daquele homem. Então não se preocuparia se ele estivesse lhe dando uma chance porque achava que ela merecia, ou se a forte atração sexual entre os dois pesava na decisão de Evan.

— Relaxe. Você está pensando demais — murmurou Evan perto de seu ouvido.

Ela se forçou a seguir o conselho e envolveu-se com a música, e com o puro prazer de dançar com um homem que lhe tirava o fôlego.

— Então, que tal na próxima semana? Eu tenho a sexta-feira livre.

Célia voltou à realidade e, por um momento, não imaginou sobre o que ele estava falando. Que bela profissional era!

— Pensei que poderíamos nos encontrar informalmente, então você expõe o que tem em mente. Se eu tiver interesse, marcamos uma apresentação completa na sua agência. Talvez isso nos poupe tempo e aborrecimento, no caso de eu não amar suas ideias.

— Claro. Na sexta está ótimo para mim.

A música acabou, e eles permaneceram parados ali, se entreolhando por um longo momento.

— Pedirei que minha assistente lhe telefone marcando hora e local, então.

Evan pegou-lhe a mão e levou-a aos lábios. O roçar quente da boca sensual sobre o dorso de sua mão enviou-lhe um arrepio de prazer.

— Até sexta.

Ela o observou partindo. Ele foi imediatamente cercado por uma multidão, mas virou-se e encontrou-lhe o olhar. Então, sorriu-lhe.

Oh, sim, ele sabia. Sabia exatamente qual era sua reação a ele. Evan era inteligente e determinado. Também tinha a reputação de ser implacável. O cliente perfeito.

Ela se virou para andar em direção à saída. Tinha feito o que fora fazer lá. Não havia razão para permanecer e ser sociável. Se houvesse alguma fofoca sobre sua dança com Evan, certamente não queria ouvir.

No caminho, passou por Brock e Elle, que estavam parados num canto. Brock não falou nada, apenas arqueou uma sobrancelha interrogativa. É claro que ele a vira dançando com Evan.

— Sexta-feira — sussurrou ela. — Eu o encontrarei na sexta. Sem proposta formal. Ele quer ouvir minhas ideias, primeiro.

Brock assentiu, e ela viu o brilho de satisfação nos olhos dele.

— Bom trabalho, Célia.

Ela sorriu e continuou andando para a porta. Tinha muitas coisas para fazer antes de

sexta-feira.

Evan Reese afrouxou a gravata assim que entrou em sua suíte de hotel. Deixou uma trilha de roupas a partir da porta, onde jogou o paletó sobre uma das cadeiras, até o quarto, onde removeu as meias e deixou-as no chão.

A mesa com seu laptop e pasta estava lá, mas, dessa vez, a ideia de trabalhar não o agradou. Estava muito ocupado com seus pensamentos sobre Célia Taylor.

A linda, sedutora, impossivelmente distante Célia Taylor.

Seus sentidos haviam ficado alertas desde o segundo em que ela entrara no salão de bailes, e, embora soubesse o momento que Célia saía, ainda estava dolorosamente ciente do cheiro dela, da sensação de tê-la em seus braços na primeira vez que fora ousado o bastante para tocá-la.

Queria fazer muito mais do que apenas tocá-la. Queria prová-la. Queria preenchê-la e ouvir todos aqueles sons femininos de uma mulher tendo prazer.

Queria deslizar a mão entre aquelas pernas lindas e apartar-lhe as coxas. Passar a noite inteira fazendo amor com ela. Descobrir onde Célia gostava de ser tocada e beijada.

Sua fixação por ela não podia ser facilmente explicada. Havia sexo em sua vida e parceiras nunca lhe faltavam. Sexo era bom. Mas Evan sabia que com Célia não seria apenas bom. Seria especial e maravilhoso. O tipo de experiência pela qual um homem venderia sua alma.

Ela era uma linda mulher. Relativamente alta, se encaixaria em seu corpo com perfeição. Célia em geral usava os longos cabelos ruivos presos no topo da cabeça, mas num estilo casual, com algumas mechas caindo sobre o rosto.

Ele queria tirar a fivela e observar aquelas mechas sedosas cascadearem pelas costas dela. Ou melhor, senti-las sobre seu corpo enquanto fizessem amor.

Evan praguejou baixinho quando seu corpo reagiu a tal imagem. Banhos frios não amenizavam sua voracidade. Ele já tomara muitos durante as últimas semanas.

Talvez o aspecto mais deslumbrante de Célia fosse os olhos. Um tom de verde incomum. Às vezes, pareciam mais azuis, porem, dependendo da luz, eram de um verde vívido.

O lado mais cínico de Evan perguntava-se por que uma mulher tão linda não tentara seduzi-lo para conseguir a conta para a agência. Não seria nada incomum. Na verdade, ele recebera duas propostas assim naquela noite do evento beneficente.

Havia uma reserva sobre Célia Taylor que o intrigava. Ela era uma cliente fria, e ele admirava isso. Queria a conta... Sem sombra de dúvida, todavia, não o perseguiria de modo ativo.

Esperara que ele a abordasse, e talvez esta tivesse sido uma boa tática, uma vez que Evan fizera isso.

O toque do seu celular o levou de volta ao presente. Olhou para o volume inconfundível sob sua calça, então enfiou a mão no bolso para pegar o telefone.

Sua mãe. Evan franziu o cenho. Não estava no humor para assuntos de família, mas amava sua mãe, e não podia ignorá-la.

Com um suspiro resignado, atendeu.

— Alô, mamãe.

— Evan! Que bom que atendeu. Você anda tão ocupado ultimamente. — Ele podia ouvir a desaprovação e preocupação na voz dela. — Eu liguei para lembrá-lo sobre este fim de semana. É importante para Mitchell que você esteja lá.

Houve uma nota de ansiedade na voz dela que sempre parecia surgir quando o irmão dele era mencionado.

— Você não pensa que eu realmente vou ao casamento deles — disse Evan suavemente. E a única coisa importante para Mitchell era que Evan estivesse lá para ver seu triunfo.

Sua mãe gemeu em desaprovação.

— Sei que não será fácil para você, Evan. Mas não acha que deveria perdoá-lo? É óbvio que ele e Bettina nasceram um para o outro. Seria tão bom ter toda a família reunida novamente.

— Fácil? Não será fácil *ou* difícil, mamãe. Eu não me importo e, francamente, eles se merecem. Simplesmente não tenho tempo ou desejo de ir ao casamento.

— Você faria isso por mim? — suplicou ela. — Por favor. Quero ao menos uma vez ver meus filhos no mesmo lugar.

Evan se sentou na beira da cama e suspirou. Se o telefonema tivesse vindo de seu pai, ele não teria problema em recusar. Se Mitchell tivesse ligado, Evan teria rido da ideia. Mitchell não lhe telefonaria para nada depois que Evan o mandara para o inferno, juntamente com a noiva infiel.

Mas aquela era sua mãe, por quem ele tinha verdadeira afeição. Sua mãe, que sempre suavizava a tensão que existia entre ele e seu pai, e entre ele e Mitchell.

— Tudo bem, mamãe. Eu irei. Mas levarei alguém comigo. Espero que não se importe.

Evan podia quase ver o sorriso de sua mãe através do telefone.

— Você não me contou que estava saindo com uma nova pessoa, Evan! É claro que deve levá-la. Estou ansiosa para conhecê-la.

— Envie os detalhes como endereço e horário para minha assistente, Vickie, e eu a verei na sexta. Amo você — acrescentou ele após uma breve pausa.

— Eu também o amo, filho. Estou tão feliz que você irá.

Evan terminou a ligação e olhou para seu celular. Sexta-feira.

Droga. Sexta era quando finalmente encontraria Célia.

Tinha planejado meticulosamente, não querendo parecer muito ansioso. Flertará, trocara olhares significativos e passara longos minutos no banho.

E agora teria de cancelar, porque sua mãe achava que ele precisava ir ver a mulher que deveria ter se casado com ele em vez de com seu irmão mais novo.

Precisava encontrar uma companhia para levar ao casamento. De preferência uma mulher que convenceria sua mãe de que ele não estava se consumindo secretamente por Bettina. O que não estava. Tinha superado o que sentia por ela no momento que Bettina o dispensara por seu irmão, quando Mitchell fora promovido a diretor-executivo nos negócios de jóias da família.

Ela preferia a fachada glamourosa do mundo das jóias à imagem atlética da companhia de Evan. Felizmente, Bettina não era inteligente o bastante para ter investigado. Caso contrário, teria descoberto que a companhia de Evan dava muito mais lucro do que os negócios de jóias de seu pai. E ele só precisava de alguns anos para conseguir tamanho sucesso.

Sua mãe não teria acreditado, mas Evan estava grato ao seu irmão por ser um idiota egoísta. Mitchell queria Bettina porque Evan a tinha. Graças àquela necessidade de demonstrar superioridade, Evan escapara de um enorme erro.

Mas isso não significava que ele queria desperdiçar tempo de qualidade com seu pai controlador e seu irmão mimado. Todavia, concordara, e agora precisava de uma companhia.

Começou a checar a agenda de endereços de seu celular. Estreitara suas opções para três mulheres quando a solução lhe ocorreu.

Por que não pensara nisso? A ideia era brilhante. Certamente resolvia *todos* os seus problemas.

Finalmente possuía um jeito de atrair Célia. Alegaria negócios, é claro, mas se o cenário fosse íntimo, e se, por propósitos práticos, ela passasse três dias com ele na ilha Catalina...

Um sorriso de satisfação curvou os cantos de sua boca. Talvez ir ao casamento não

fosse uma coisa tão ruim, afinal de contas.

CAPÍTULO DOIS

Quando Célia entrou na propriedade de seu pai, ficou aliviada ao ver o Mercedes de Noah parado ao lado da caminhonete do pai deles. Ela parou seu BMW preto do outro lado da caminhonete e sorriu ao comparar os dois carros caros ladeando a velha caminhonete da família.

Ao descer, ouviu o barulho de outro motor e virou-se para ver Dalton parando atrás dela. Para seu espanto, Adam saiu do assento de passageiro.

— Adam! — exclamou ela e correu diretamente para ele.

Adam sorriu antes de abraçá-la, tirar-lhe os pés do chão e girá-la. Exatamente como sempre fazia desde que Célia tinha 5 anos de idade.

— Por que eu nunca recebo cumprimentos como esse? — resmungou Dalton saindo de trás do volante.

— Estou tão feliz em ver você — sussurrou ela.

Adam a envolveu num abraço apertado. Sempre dava abraços maravilhosos.

— É bom vê-la também, Cece. Senti saudade. Você demorou muito para voltar para casa.

Ela deslizou até que seus pés tocassem o solo, e desviou o olhar brevemente.

— Ei. — Ele lhe ergueu o queixo para que ela o olhasse novamente. — Está tudo no passado, e ainda bem, do contrário seus irmãos subiriam no primeiro avião para Nova York e dariam uma surra no seu chefe anterior.

— Oi, eu também estou aqui — disse Dalton, acenando uma mão entre os dois.

Célia prendeu o olhar de Adam por mais um momento, então sorriu em agradecimento. Seus irmãos eram superprotetores e certamente tinham defeitos. Como acreditarem que ela não precisava fazer mais nada na vida, exceto ficar bonita e deixar que eles a sustentassem. Mas eram muito leais e ela os adorava por isso.

Finalmente, Célia se voltou para Dalton.

— Eu o vi 15 dias atrás. Não via Adam há séculos. — Ela olhou para Adam. — Por que isso, de qualquer forma?

Ele fez uma careta.

— Desculpe. Época movimentada do ano.

Ela assentiu. Adam, seu irmão mais velho, possuía um negócio de paisagismo bem-sucedido, e primavera era a época mais movimentada. Eles mal o viam até o outono, quando os negócios começavam a acalmar.

Dalton passou um braço ao redor dos ombros de Célia e lhe deu um beijo carinhoso no rosto.

— Vejo que o sr. Beisebol está aqui. Deve ter conseguido uma folga antes do início da temporada.

— Vocês vão à abertura da temporada de jogos? — perguntou ela.

— Eu não perderia — replicou Adam.

— Tenho um favor a pedir, então.

Os dois irmãos a olharam com curiosidade.

— Eu vou levar um cliente e gostaria de manter meu relacionamento com Noah em

segredo.

Curiosidade brilhou nos olhos deles. Célia sabia que queriam perguntar, mas quando ela não ofereceu os motivos, seus irmãos não a pressionaram.

— Sem problemas — disse Adam, finalmente.

— Vocês três vão ficar aí fora o dia inteiro, ou vão entrar para comer?

A voz do pai deles veio da varanda, e todos se viraram para vê-lo.

Célia sorriu.

— É melhor entrarmos antes que ele comece a fazer ameaças.

Quando chegaram à varanda, seu pai a abraçou e deu-lhe um beijo no topo da cabeça.

— Onde está Noah? — perguntou Célia.

— Onde sempre está. Em frente da grande tela, assistindo ao beisebol.

Ela passou pelo pai, enquanto ele cumprimentava os filhos, e entrou na casa onde crescera. Quando chegou à sala de estar, viu Noah esparramado na poltrona reclinável, o controle remoto na mão, enquanto procurava os canais de beisebol.

— Ei — chamou ela.

Ele olhou para cima, seus olhos se tornando calorosos. Quando se levantou, sorriu amplamente, então estendeu os braços.

Célia o abraçou. Depois olhou ao redor para se certificar de que eles estavam sozinhos.

— Você vai estar por aqui mais tarde, ou precisa ir a algum lugar?

Ele estreitou os olhos

— Não tenho nenhum compromisso hoje. Por quê?

— Tenho um favor a lhe pedir, e eu preferia não fazer isso na frente de todos.

Ele franziu o cenho agora.

— Está tudo bem, Cece? Você se meteu em alguma encrenca? Eu preciso matar alguém?

Ela riu.

— Você é valioso demais para ir para prisão. E não, não há nada errado. Prometo. Apenas quero discutir algo que pode ser benéfico para nós dois.

— Suponho que tenho de esperar até mais tarde para desvendar esse mistério. Marcamos na sua casa? Eu a convidaria para a minha, mas a empregada me deixou na mão semana passada, e a visão não está bonita. Você tem comida, certo? Sabe como adoro comer.

— Sim, tenho comida. E sim, podemos marcar na minha casa. Pelo amor de Deus, Noah, se não pode arrumar sua própria casa, por que não liga para uma agência e contrata outra empregada?

— Preciso achar uma agência de empregos onde minha reputação não me preceda.

— Tenho tanta pena da mulher que se casar com você — comentou Célia.

- Não se preocupe, porque isso não vai acontecer.

- Claro. Eu acredito em você.

Ambos olharam para cima quando os outros entraram na sala. Noah apertou-lhe o braço e balbuciou: "Mais tarde."

— A comida estará na mesa em 15 minutos — anunciou seu pai.

A boca de Célia aguou. Não precisava saber o que seu pai tinha cozinhado. Não importava. Ele era um gênio culinário.

O almoço foi um momento alegre e agitado. Seus irmãos brincaram e provocaram, enquanto seu pai observava satisfeito. Ela sentira falta disso durante seus anos em Nova York. Apesar de detestar as circunstâncias que a levaram para casa, gostava de estar de volta ao círculo confortante de sua família.

Depois que a mesa foi tirada, começou uma discussão sobre o canal de televisão que seria visto. Noah não conhecia nada além dos canais de esportes e culinária; Danton

gostava de qualquer coisa superficial, particularmente se houvesse explosões envolvidas, e Adam gostava de atormentar os irmãos, forçando-os a assistir a programas sobre jardinagem.

Célia recostou-se para apreciar a cena caseira. Seu pai se sentou no sofá ao seu lado e balançou a cabeça para as travessuras dos filhos.

Era verdade, ela havia fugido da superproteção de sua família. Estivera determinada a deixar sua marca no mundo, enquanto eles a queriam em casa, onde podiam sustentá-la e mimá-la.

Célia não era vaidosa, mas sabia que atraía os homens. Era considerada bonita pela maioria, mas sua aparência fora a causa de muitos problemas em sua vida.

Por causa de suas feições delicadas, seus irmãos, e até seu pai, não a tinham estimulado a trabalhar. Ela nem mesmo fora encorajada para ir à faculdade, e eles certamente não aprovavam uma carreira tão exigente como a de publicitária.

Célia ignorara as objeções. Obtivera seu diploma universitário e arrumara um emprego em Nova York. Após algum tempo, conseguira uma posição numa firma prestigiosa. Estava escalando o topo. Uma promoção tinha acabado de cimentar seu triunfo. E então tudo viera abaixo como uma ponte num terremoto.

Adam se levantou, tirando-a dos pensamentos raivosos. Célia forçou-se a relaxar os dedos, percebendo que deixara marcas nas palmas.

— Já está indo embora? — perguntou ela.

Adam a puxou para um abraço de urso.

— Sim. Preciso fazer um trabalho. Eu a vejo na abertura dos jogos.

Ela lhe beijou o rosto afetuosamente.

— É claro. — Então se voltou para Dalton. — Suponho que você também vai, uma vez que o trouxe.

— Sim. Preciso me arrumar para sair com uma garota.

Ninguém pareceu surpreso por aquele anúncio.

— Eu os acompanho até lá fora. Também preciso correr. Tenho uma proposta para preparar.

O pai fez uma careta, e Célia se preparou para outro sermão sobre o quão arduamente trabalhava.

Para sua surpresa, ele arqueou uma sobrancelha mas não disse nada. Levantou-se do sofá para abraçá-la, pedindo-lhe que se lembrasse de descansar o bastante.

Do lado de fora, o pai os relembrou do almoço no próximo domingo. Célia acenou para Adam e Dalton antes de entrar em seu carro e partir. Noah iria à sua casa logo mais, e ela precisava se certificar de que sua dispensa sobreviveria ao assalto.

Célia tinha acabado de examinar seu estoque de comida... Censurando-se por não ter ido ao mercado recentemente... Quando a campainha tocou.

Ela abriu a porta, dando um sorriso de boas-vindas a Noah.

— Eu conheço esse sorriso — disse ele entrando. — Um sorriso que diz que você me atraiu para cá sob falsos pretextos. Não há comida na sua casa, há?

— Bem, não. Mas eu já pedi pizza.

— Está perdoadada, mas me recuso a ter qualquer discussão racional até que a pizza chegue.

Ela riu e socou-lhe o braço quando ele se sentou ao seu lado no sofá.

— Se eu não precisasse de um favor seu, eu o faria pagar por isso.

A expressão de Noah se tornou séria.

— Então, qual é o favor?

— Oh, não. Eu não vou lhe pedir nada até que esteja com o estômago cheio. Apesar de você ter comido a menos de três horas.

Sem discordar, ele pegou o controle remoto e ligou a tevê, achando um canal de esportes e recostando-se.

A pizza não demorou, e logo um cheiro delicioso preenchia o apartamento. Célia pôs a caixa de pizza sobre a mesinha de centro na frente de Noah, não se incomodando com pratos. Ele olhou para o queijo derretido com pura satisfação.

Ela esperou até que ele pegasse o primeiro pedaço, antes de pegar uma fatia para si mesma. Quando estava no segundo pedaço, Noah perguntou:

— Então, qual é o favor que você precisa?

Célia pôs metade da fatia de pizza sobre um guardanapo.

— Eu tenho um cliente... Bem, é sobre um cliente que quero conseguir. Evan Reese. Noah parou de mastigar.

— O sujeito que vende roupas para atletas?

Ela assentiu.

— Sim. Ele demitiu sua última agência de propaganda e ainda não assinou com uma nova. Eu o quero. A Maddox Comunicações o quer.

— Certo. Então, onde entro nisso?

Por um momento ela ficou nervosa, mas logo se recuperou. Em sua profissão, não havia espaço para fraqueza. Não tinha conquistado a confiança de Brock Maddox agindo como uma covarde.

— Quero que você concorde em fazer propagandas para a nova linha de roupas esportes dele.

Noah franziu o cenho antes de colocar o pedaço de pizza começado sobre a mesa. Permaneceu em silêncio por um momento. Ela esperou, imaginando que Noah lhe daria todos os motivos pelos quais não endossava produtos. Em vez disso, ele a estudou cuidadosamente, como se estivesse lendo cada pensamento seu.

Não perguntaria por que pensou nele. Era um nome famoso no beisebol, e era mais procurado que outros atletas profissionais, principalmente por causa de sua recusa em fazer propagandas... O que tornava as empresas mais determinadas a serem a primeira a seduzir Noah Hart para sua marca.

— Isso é importante para você.

Célia assentiu.

— Evan é um grande cliente. Meu chefe está confiando em mim para conseguir essa conta. Não me entenda errado, irei conseguir com ou sem a sua ajuda, mas você apressaria a decisão dele. Além disso, Reese vai pagar muito para tê-lo como porta-voz de seus trajes de esporte.

Noah suspirou.

— Eu gostaria que você parasse de trabalhar. Não precisa, e sabe disso. Não necessita provar seu valor para ninguém, Cece. Certamente não para sua família. Adam, Dalton e eu ganhamos mais do que o suficiente para sustentá-la. Papai ficaria feliz se você não tivesse um emprego tão estressante. Está convencido que você sofrerá de úlcera antes dos trinta.

Ela sorriu.

— Eu tenho 30 anos.

Ele lhe deu um olhar impaciente.

— Ouça, Noah, você desistiria do beisebol apenas porque seus irmãos ganham o suficiente para sustentá-lo? Eles ganham, sabe disso.

Ele fez uma careta.

— É diferente.

— Eu sei, eu sei. Você é homem e eu sou mulher. — Os lábios de Célia se curvaram em desgosto. — Noah, eu o amo. Você é o melhor irmão que uma garota podia pedir. Mas é muito machista.

Ele não negou aquilo. Sua expressão se tornou pensativa.

— Presumo que você pesquisou sobre esse homem e a empresa dele.

Célia assentiu. Noah podia dar a impressão de ser superficial, interessado apenas

em carros velozes e mulheres. Mas por baixo da aparência ilusória, existia um homem que possuía uma profunda consciência social.

Por causa de sua recusa em endossar produtos, alguns o consideravam excêntrico. Outros o achavam tolo por perder a oportunidade de ganhar milhões apenas emprestando seu nome a incontáveis empresas dispostas a pagar muitos dólares pelo endosso. Noah fazia pesquisas meticulosas em todas as corporações que o abordavam, e até agora nenhuma passara em sua inspeção.

— Mande-me sua pesquisa por e-mail. Darei uma olhada. Se eu gostar, estou disposto a ouvir a oferta dele.

Ela se inclinou e beijou-lhe o rosto.

— Obrigada, Noah, Você é o melhor.

— Suponho que você não esteja grata o bastante para se oferecer para limpar meu apartamento?

Célia bufou e pegou seu pedaço de pizza novamente.

— Eu prefiro perder o emprego e ser sustentada por você e Adam a limpar seu apartamento.

— Ora, não precisa ser tão malvada sobre isso.

— Pobrezinho. Oh, eu preciso de mais um favor.

Ele a fitou com olhos estreitos.

— Você acaba de recusar meu pedido e me insultar, e ainda quer pedir outro favor?

— Que tal se eu encontrar uma empregada para você? Assim ambos ficaremos felizes.

O olhar esperançoso dele provavelmente derreteria a maioria das mulheres. Felizmente, era seu irmão e Célia estava inune ao charme adorável.

— Certo, você me encontra uma empregada, e eu lhe farei qualquer outro favor.

Ela riu.

— Tudo que preciso são dois bons assentos atrás do *homeplate* para a abertura dos jogos. Vou levar Evan. Assim espero.

— Alguém já lhe disse como você é cara?

— Ei, um minuto atrás, estava tentando me convencer a largar meu emprego e ser sustentada por vocês.

Noah tornou-se sério subitamente.

— Eu apenas me preocupo com você, Cece. O que aconteceu em Nova York nunca teria ocorrido se...

Célia ergueu uma mão, interrompendo-o.

— Eu não quero falar sobre Nova York.

— Desculpe — murmurou ele, arrependido. — Esqueça.

Célia esperou sua pulsação acalmar, antes de sorrir.

— Então, vai dar uma olhada na pesquisa que fiz? Você vai gostar de Reese. Ele é um verdadeiro escoteiro. Os empregados dele o amam. Tem um excelente plano de saúde, nenhum período de desemprego desde que começou a trabalhar. Vamos ver. O que mais? É um contribuinte regular para lares de animais abandonados...

Noah ergueu as duas mãos em rendição.

— Certo, ele é um santo. Já entendi. Como algum outro homem poderia se comparar a ele?

— Pare com o sarcasmo.

Noah consultou o relógio e suspirou.

— Desculpe por ir embora tão cedo, especialmente uma vez que nem acabei a pizza. *Alguém* falou demais. Envie-me tudo por e-mail e darei uma olhada. Os ingressos estarão esperando por você na bilheteria.

— Você sempre foi meu irmão favorito — disse ela, afetuosamente.

Ele lhe deu um beijo no topo da cabeça e se levantou.

— Eu lhe telefono depois que ler tudo.

CAPÍTULO TRÊS

Evan entrou no conjunto de escritórios que alugava para os períodos que ficava em São Francisco. Não era seu lar, e apesar de Union Square ser um bairro comercial suntuoso, ele preferia o aconchego moderno de Seattle.

A recepcionista o viu chegando e se levantou, uma expressão preocupada no rosto.

— O senhor não deve entrar lá — disse Tanya num sussurro. Ele arqueou uma sobrancelha quando percebeu que ela gesticulava em direção à sala dele.

— Por que não?

— Porque *ela* está lá — veio outro sussurro.

Evan virou-se para olhar o corredor que levava ao seu escritório, mas a porta estava fechada. Ora, não tinha tempo para isso. Olhou para Tanya e tentou controlar sua impaciência.

— Certo, Tanya. Em primeiro lugar, quem é "ela", e onde está Vickie?

Vickie geralmente o recebia assim que ele saía do elevador. Sua assistente de longo tempo o acompanhava em todas as viagens. Ela possuía um apartamento em São Francisco e outro em Seattle. Tinha talento para saber precisamente quando Evan apareceria, e, como resultado, estava sempre lá, pronta para informá-lo sobre as obrigações do dia.

— O senhor não recebeu o recado? — perguntou Tanya. — Eu deixei dois. A neta de Vickie foi às pressas para o hospital esta manhã. Eles suspeitam de apendicite. Ela está em cirurgia agora.

184

MAYA BANKS

Evan franziu o cenho.

— Eu não recebi nenhum recado. Mantenha-me atualizado. Envie flores e certifique-se de que Vickie tenha tudo que precisa. Envie comida para a família. A do hospital é horrível. Providencie para que a neta dela fique em quarto particular após a cirurgia. E se houver um hotel perto do hospital, reserve alguns quartos para eventuais membros da família.

Tanya piscou, então correu para pegar um bloco e anotar. Evan esperou um momento, então suspirou.

— Tanya?

Ela olhou para cima.

— Quem é "ela" esperando no meu escritório?

— A srta. Hammond. Eu não pude impedi-la. Ela estava imperiosa. Disse-me que o esperaria.

Desgostoso, Evan brevemente considerou ir embora. Não estava com paciência para Bettina hoje e, após sua mãe tê-lo feito prometer que iria ao casamento, o que Bettina poderia querer?

— Mantenha-me informado sobre a neta de Vickie — disse Evan e virou-se em

direção à sala.

Bettina estava sentada em um dos sofás diante da janela, com vista para os cafés ao ar livre que alinhavam a calçada abaixo.

— Bettina — disse ele, pondo sua pasta sobre a mesa. — O que a traz aqui?

Bettina se levantou, alisando o vestido que deixava uma boa parcela de pernas à mostra.

Evan não mentiria. Gostava daquelas pernas. Era uma pena que vinham atadas ao resto dela.

Fingindo uma expressão sofrida, Bettina atravessou a sala.

— Quero agradecê-lo por ter concordado em ir ao casamento. Isso significa muito para Mitchell e para seus pais. Sei como deve ser doloroso. Imagino o quanto foi difícil para você concordar, depois que eu parti seu coração.

Evan apenas a olhou. Bettina realmente acreditava que ele ainda sofria por ela?

DEVOÇÃO TOTAL

185

— Corte o teatro, Bettina. Por que está aqui? Não se importa se irei ou não ao casamento, então por que fingir o contrário? Na verdade, acho até que você preferiria que eu não fosse.

Ela piscou, os olhos parecendo magoados por um momento.

— Lucy falou que você vai levar uma... Companhia. Isso foi inteligente de sua parte. Mas você não me engana, Evan. Todos sabem que não houve mais nenhum relacionamento sério na sua vida depois de mim. Quem é ela? Sabe que irá ao casamento como um acessório? Deus sabe que nunca passei de um acessório para você.

— Isso está contraditório, Bettina. Ou tivemos um relacionamento sério, ou você foi um acessório. Qual dos dois?

Ela enrubesceu de raiva.

— Eu só quis dizer que você não saiu com uma mulher mais de duas vezes depois que terminamos.

Evan fingiu uma expressão surpresa.

— Por que lhe interessa com quem saio? Pensei que meu irmão a mantivesse ocupada, não lhe dando tempo de monitorar minha vida amorosa.

— Leve sua companheira, Evan. Mas saiba que ela não sou eu, e nunca será. Não pense que vai roubar alguma coisa do dia do meu casamento.

Com isso, Bettina saiu da sala. Evan meneou a cabeça. Deveria ligar para seu irmão e agradecê-lo muito.

Sentou-se em sua cadeira e abriu o planejamento do dia, suspirando ao ver que sua agenda estava cheia. Exceto por uma janela de 45 minutos para o almoço.

Imediatamente pensou em Célia, cujo escritório ficava a duas quadras do seu. Sem arrogância, ele sabia que se a convidasse para almoçar, ela não recusaria. Queria-o desesperadamente como cliente.

Evan apertou o botão do telefone interno.

— Sim, senhor?

— Tanya, preciso de Célia Taylor da Maddox Comunicações no telefone.

* * *

186

MAYA BANKS

CÉLIA SAIU do elevador e foi recebida com um cumprimento alegre de Shelby, a recepcionista da Maddox Comunicações. Shelby era jovem e amigável. Também possuía grande habilidade de organização e memória incrível. Porém, mais importante, sabia tudo sobre todos na Maddox. Não havia uma única fofoca da qual Shelby não soubesse, e não se importava em compartilhar. Célia achava útil manter isso em mente. Nunca mais seria pega desprevenida, como acontecera em seu último emprego.

— Bom dia, Shelby. — Célia parou diante da mesa de Shelby. — Algum recado para mim?

Shelby inclinou-se a fim de sussurrar em tom conspiratório:

— Os últimos rumores são sobre o chefe e a assistente dele. Célia franziu o cenho.

— Sobre Brock e Elle?

Elle não parecia do tipo que se entregava a um caso tórrido com o chefe. Célia se sentiu compelida a avisar Elle sobre aquilo, mas era apenas um boato, e talvez Elle não apreciasse sua interferência no assunto.

Shelby deu de ombros.

— Bem, eles parecem passar muito tempo juntos.

— É claro. Ele é assistente dele — apontou Célia.

— Eu só repeti o que os outros estão dizendo.

Célia apertou mais sua pasta. Não se envolveria. Brock e Elle eram adultos. Apenas esperava que Elle não fosse prejudicada pela fofoca maldosa.

— Ei, Shelby, preciso que você procure uma faxineira para mim. — Ela abriu a pasta e removeu um pedaço de papel que continha os nomes das agências que Noah já contatara. Estendeu-o para Shelby.

— Essas estão fora da lista de possibilidades. Deixe claro que o cliente é exigente, e totalmente relaxado. Dinheiro não é objeção, e a pobre alma que aceitar o trabalho irá definitivamente ganhar seu salário.

Os olhos de Shelby se arregalaram.

— Noah Hart. O Noah Hart? Ele precisa de uma faxineira? Eu estou disponível. Quero dizer, pode me demitir daqui, certo?

Célia ignorou o comentário absurdo.

— Informe-me se conseguir alguém. Oh, e estou esperando um telefonema da assistente de Evan Reese. Independentemente do que eu estiver fazendo, passe a ligação.

Enquanto ela andava, Shelby a chamou.

— Ei, espere. Como você conhece Noah Hart? Ele não é cliente da Maddox.

Célia sorriu e continuou andando para sua sala. Estava checando seus e-mails quando o interfone tocou.

— Célia, sr. Reese na linha dois.

Célia franziu o cenho.

— Sr. Reese ou a assistente do sr. Reese?

— Sr. Reese.

— Passe a ligação, por favor.

Ela secou a mão úmida na saia. Por que estava nervosa? Assim que o telefone tocou, atendeu.

— Célia Taylor.

— Célia, como vai?

Mesmo a voz dele enviou um arrepio pelo seu corpo. Quando iria parar de agir como uma adolescente apaixonada? Aquilo era ridículo. Não era profissional.

— Estou bem, Evan. E você?

— Eu não tenho muito tempo. Quero encontrá-la para almoçar hoje. Se sua agenda permitir, é claro.

Havia uma nota de confiança na voz dele. Evan sabia que ela não negaria. Célia consultou o relógio.

— A que horas?

— Agora.

Agora? Ela não estava preparada para encontrá-lo agora. Certamente ele não queria transferir o encontro de sexta-feira para agora?

— Achei que tínhamos combinado de almoçar na sexta?

— Quero falar hoje sobre sexta-feira. Houve uma mudança de planos.

Célia entristeceu. Não poderia apresentar sua proposta ainda.

— Eu só tenho 45 minutos — continuou ele. — Estamos a dois quarteirões de distância um do outro. Podemos nos encontrar no caminho? As opções são comida francesa, italiana ou americana.

— Para mim tanto faz — murmurou ela, segurando o telefone entre o ombro e a orelha, enquanto reunia freneticamente as anotações da conta dele. Guardou tudo num envelope e pegou sua pasta.

— Ótimo. Vamos nos encontrar em cinco minutos? Estou saindo agora.

— Claro, eu o encontro lá.

Após desligar o telefone, Célia pendurou sua bolsa sobre o ombro e saiu da sala apressadamente. Enquanto esperava o elevador, voltou-se para Shelby:

— Se Brock perguntar, fui almoçar com Reese. Diga-lhe que o encontro de sexta-feira foi transferido para hoje. Se alguém mais perguntar, fale que retorno esta tarde.

O elevador chegou e ela entrou. No saguão, deu uma passada rápida no banheiro para checar sua aparência. Não pararia o trânsito, mas pelo menos não estava tão desmazelada quanto se sentia.

Quando atravessou a rua para o próximo quarteirão, percebeu que não perguntara em qual restaurante eles deveriam se encontrar. Italiano, francês ou americano. Olhou para os guarda-sóis brilhantes ao longo da calçada, primeiro de seu lado, depois do outro lado da rua.

E perdeu o fôlego quando o avistou. Ele estava parado no sol, uma das mãos enfiada no bolso da calça, a outra segurando um telefone na orelha.

Poder. Havia uma aura de poder que o cercava e que a atraía como um ímã. Por um momento, Célia apenas o observou como uma adolescente encantada. Ele estava simplesmente... Maravilhoso.

Então ele se virou de leve e a viu, fazendo-a entrar em ação e atravessar a rua, abraçando sua pasta entre o braço e a lateral do corpo. Evan sorriu quando ela se aproximou.

— Eu escolhi comida americana. — Ele gesticulou em direção a uma mesa próxima. — Espero que esteja bom para você.

Eles se sentaram frente a frente e Célia pôs a pasta ao seu lado.

— Gostaria de um vinho? — ele perguntou para Célia quanto o garçom chegou à mesa.

— O que você pedir está bem para mim.

Ele fez o pedido, então a olhou.

— Eu a convidei para almoçar porque algo surgiu e não poderei almoçar na sexta.

— Ela assentiu, então alcançou sua pasta.

— Tudo bem. Eu trouxe as informações que quero apresentar...

Ele estendeu o braço e circulou-lhe o pulso.

— Não foi para isso que a convidei para almoçar.

Célia piscou e soltou a pasta.

— Eu ainda quero manter nosso compromisso... Apenas gostaria de mudar o local.

Ela estava confusa agora, e deve ter transparecido. Evan sorriu, a expressão divertida.

— Eu não tenho muito tempo hoje, então vou direto ao ponto.

Os dedos másculos ainda circulavam seu pulso, o polegar se movendo preguiçosamente sobre sua pele sensível. Ela não se moveu. Nem mesmo respirou. Não queria perder a sensação maravilhosa do toque dele. Evan tinha ideia do efeito devastador que lhe causava?

Eu tenho um casamento neste fim de semana. Meu irmão vai se casar na ilha Catalina. Preciso estar lá na quinta à noite, por isso tive de cancelar nossa reunião da

sexta.

— Eu entendo — disse Célia. — Podemos reagendar à sua conveniência.

— Eu gostaria que você fosse comigo.

Antes que Célia pudesse controlar sua reação, seus olhos se arregalaram e ela puxou a mão da dele. Então esperou que Evan continuasse.

CAPÍTULO QUATRO

Célia saiu do elevador e passou por Shelby, que ergueu uma das mãos para chamar sua atenção.

— Mais tarde, Shelby — disse ela, enquanto ia para sala de Brock.

Ao chegar à porta do chefe, quase foi atropelada por Ash, o gerente financeiro, que saía. Ele continuou andando, parecendo não vê-la, perdido em pensamentos.

Ela enfiou a cabeça na porta de Brock e suspirou aliviada ao descobri-lo sozinho. Ele gesticulou para que ela entrasse.

— O que há com Ash? — perguntou Célia. — Ele parece estranho ultimamente.

Brock deu-lhe um daqueles olhares intrigados, sugerindo que não sabia do que ela estava falando. Célia franziu o cenho. Ash parecia confuso, o que não era típico. Ele geralmente estava acima de tudo e de todos. Célia ouvira Shelby falando sobre uma desavença com a namorada, mas então, nem mesmo soubera que Ash estava saindo com alguém.

Célia não se sentou. Estava muito ocupada, e aquilo não demoraria.

— Preciso sair da cidade na quinta-feira à tarde.

Brock a olhou por um momento, então uniu as sobrancelhas.

— E algum tipo de emergência? Você tem um encontro marcado com Evan Reese na sexta.

— Acabei de almoçar com Evan. Houve uma mudança de planos. Ele precisa ir ao casamento do irmão neste fim de semana em Catalina, então cancelou o almoço de sexta. Disse que quer começar a campanha e não tem tempo para desperdiçar no processo seletivo.

Brock praguejou, o rosto ficando vermelho.

— Droga, ele nem mesmo vai ouvir a nossa proposta?

Ela respirou fundo.

— Evan quer que eu vá para Catalina com ele. Iremos na quinta à tarde. É o único tempo que ele pode me dar, e prometeu ver minhas ideias enquanto estivermos lá.

Brock a estudou com o cenho franzido.

— Entendo.

Esquecendo-se de tudo que precisava fazer, Célia sentou-se em uma das cadeiras e olhou para seu chefe.

— Eu disse a ele que iria. Não tive escolha. Embora Evan não tenha falado diretamente, implicou que, se eu não fosse, estava preparado para assinar com outra agência.

— Eu concordo que você deve ir. Isso faz de mim um canalha?

Célia riu, um pouco da tensão saindo de seus ombros.

— É claro que não. Só estou preocupada com o que será dito se pessoas souberem

disso, e como a situação será interpretada.

— Você tem meu apoio, Célia, e o apoio total da agência. Nunca se esqueça disso. Ela se levantou e sorriu-lhe, agradecida.

— Obrigada, Brock.

— Consiga-me a conta. Esse é todo o agradecimento que necessito.

Ela parou à porta e olhou para trás.

— Preciso que alguém me cubra na sexta-feira. Tenho hora marcada com dois clientes, um pela manhã, outro à tarde.

— Jason a cobrirá. Preocupe-se apenas com Evan Reese.

— Certo — murmurou Célia. — Deixe comigo.

Enquanto seguia pelo corredor, seu celular tocou e ela o pegou do bolso. Vendo o número de Noah, atendeu imediatamente, entrando em sua sala.

— Estou procurando uma faxineira para você — disse Célia como cumprimento.

Noah riu.

— Ótimo, quase me matei saindo da cama esta manhã. Você ficaria impressionada com o quanto algumas cuecas sujas podem ser perigosas.

Ela torceu o nariz em desgosto.

— Você poderia pelo menos tentar não assustar a empregada no primeiro dia?

Noah mudou de assunto:

— Eu li as informações que você me enviou. Também pedi que meu empresário fizesse uma pequena investigação. Devo acrescentar que ele está radiante pelo fato de eu considerar esse negócio com a empresa de Evan Reese?

— Diga-lhe que eu espero um bom presente de Natal como agradecimento.

— Ora, por favor. Ele não dá presentes nem para a mãe.

Célia voltou ao que interessava:

— Então, você está considerando fazer isso?

Houve uma pausa, e ela se pegou prendendo a respiração.

— Sim. Evan parece tão sólido quanto você disse que era. Eu conversarei com ele.

Ela saltou de alegria e largou sua bolsa no chão ao lado da mesa.

— Ligue para marcar um dia — disse ele. — A propósito, você estará na casa de papai neste fim de semana?

Ela estremeceu ao lembrar que prometera ao pai estar lá para jantar no domingo.

— Sinto muito, mas não. Algo surgiu.

Noah murmurou um som de desaprovação.

— Você nunca descansa? É domingo, pelo amor de Deus.

— Como você sabe que é trabalho? — defendeu-se Célia. — Talvez eu tenha um encontro romântico.

Ele bufou.

— Quando foi a última vez que teve um encontro romântico? É sempre trabalho com você.

Sabendo que estava prestes a ouvir um sermão, Célia interrompeu antes que ele continuasse:

— Ei, preciso desligar, Noah. Tenho uma reunião em cinco minutos. Ligo mais tarde, certo?

Antes que ele pudesse chamá-la de mentirosa, desligou. Com um suspiro de alívio, fechou os olhos.

Tudo daria certo. Só precisava sobreviver àquele fim de semana com Evan, e a conta seria sua. Houve uma batida à porta.

Célia abriu os olhos para ver Jason Reagart parado à entrada de sua sala.

— Brock falou que vou cobri-la na sexta, então passei aqui pura que você me diga o que necessito saber.

— Sente-se. Vou pegar minhas anotações.

Jason se acomodou numa cadeira, estendendo as pernas longas à frente. Célia abriu sua pasta sobre a mesa.

— Então, como está Lauren?

— Irritada. Você sabe, típica mulher grávida.

Célia o olhou de modo crítico sobre o topo de sua pasta.

— Como se você não fosse ficar se tivesse de lidar com retenção de água, hormônios e homens arrogantes.

Jason riu.

— Ei, eu a mimo muito.

— Como deveria. Ah, aqui estão.

Ela puxou um envelope e entregou-lhe.

— Tudo que você precisa saber para a reunião da manhã está entre as páginas um e três. Esse é um negócio fácil. Eles só precisam de um empurrãozinho e de uma pequena massagem no ego. Fale o quanto a Maddox os fará parecerem bonitos enquanto aumenta a exposição deles em trezentos por cento, e ficarão felizes.

Jason folheou as páginas, as sobancelhas franzidas em concentração. Célia sentia-se confortável em deixar seus clientes nas mãos capazes de Jason. Ele levava o trabalho a sério, e era incrivelmente bom no que fazia. A Maddox conseguira uma conta enorme graças a ele, e se Célia conseguisse o que queria, iria superá-lo com a conta de Evan Reese.

— E a reunião da tarde? — perguntou Jason.

— Tenho a apresentação em PowerPoint pronta. Eles precisam vê-la e assinar, ou sugerir quaisquer mudanças, de modo que possamos passar para o estágio de produção. Impressiona-os alegando que essa é a última chance de assistirem à apresentação antes que saia em todo território nacional, então se certifique de que eles estão felizes com isso.

Ele assentiu e guardou os papéis no envelope.

— Não se preocupe. Eu cuido disso. Brock falou que você vai viajar. Espero que esteja tudo bem.

Havia uma pergunta sutil ali, sobre o motivo pelo qual ela não iria trabalhar na sexta. Célia agradeceu Brock silenciosamente por não ter contado nada a Jason.

Ela sorriu.

— Está tudo bem, e mais uma vez obrigada por me cobrir com um aviso tão em cima da hora. Dê lembranças a Lauren. Terei de me lembrar de comprar-lhe um vale presente de meu spa favorito. Não posso pensar numa única mulher grávida que não apreciaria uma massagem.

Jason deu-lhe um olhar irritado.

— Eu não quero nenhum grandalhão pondo as mãos na minha esposa.

Célia fez uma careta, então gesticulou com as mãos.

— Fora. Tenho trabalho a fazer.

E fez uma anotação mental para ligar ao seu spa e marcar uma hora para Lauren. Pediria pelo massagista mais musculoso e sexy que eles tivessem.

CAPÍTULO CINCO

O carro que Evan mandara para apanhar Célia parou a poucos metros de onde a

porta do avião estava aberta.

Célia olhou pela janela e viu Evan a uma curta distância. Ele estava esperando por ela.

O motorista abriu a porta e ela saiu no sol da tarde, colocando os óculos escuros que estavam no topo de sua cabeça. Talvez assim não ficasse tão óbvio como devorava Evan com seu olhar.

Ele estava vestido casualmente. Jeans e camiseta polo. Célia só o vira em ternos, e não tinha imaginado que Evan pudesse parecer mais lindo. Estava enganada.

O jeans abraçava todos os lugares certos... As coxas grossas e o traseiro arredondado e firme.

— Célia — disse ele quando ela se aproximou. — Se estiver pronta, podemos ir.

— Eu só preciso pegar minha bagagem...

Ela se virou para ver o motorista entregando sua bagagem para um homem uniformizado.

— Estou pronta, então. — murmurou ela alegremente.

Ele sorriu e gesticulou para que Célia o precedesse dentro do avião.

Os olhos dela se arregalaram com o interior luxuoso. Célia removeu os óculos de modo que pudesse ver melhor.

Não havia nada berrante sobre os móveis. Pareciam confortáveis e muito masculinos. Couro e camurça. Cores terrestres.

Além de três fileiras de assentos, havia uma pequena área de estar com um sofá, uma poltrona, uma mesinha de centro e uma televisão. A sua esquerda, entre os assentos e a cabine, ficava uma pequena cozinha, completa com um comissário de bordo.

O homem mais velho sorriu-lhe e deu-lhe as boas-vindas a bordo.

Depois que ela e Evan se sentaram, o comissário se apresentou como William e perguntou o que ela gostaria de beber.

Célia olhou para Evan, então de volta para William.

— Você tem vinho?

William sorriu.

— Mas é claro. O sr. Reese mantém o avião estocado com todas as coisas necessárias.

Ela concordaria que vinho era muito necessário. Alguns momentos depois, William retornou com dois cálices de vinho.

— O piloto diz que está pronto para decolar à sua conveniência.

Evan pegou os cálices e ofereceu um para Célia.

— Diga-lhe que estou pronto.

— Muito bem, senhor. Vou fechar as portas e decolaremos em breve.

— Confortável? — Evan perguntou para Célia.

Ela se recostou e deu um gole no vinho.

— Muito. Belo avião.

Evan tinha escolhido se sentar ao seu lado, e a proximidade a estava matando. O cheiro delicioso dele penetrava-lhe as narinas, e ela podia *sentir* o calor do corpo másculo. Quando ele se movia, roçava o braço no seu, arrepiando-lhe a pele. Não havia escapatória. Além disso, Célia não queria escapar.

Estava quase sugerindo que eles usassem o tempo do voo para falar de suas ideias, mas não conseguiu permitir que negócios interferissem.

Repreendeu-se mentalmente. Interferissem no quê? Aquela não era uma viagem romântica. Era uma viagem de negócios. Apenas negócios e nada mais.

Era injusto que sentisse atração por alguém que era "proibido" em suas próprias regras. Uma regra que nunca violara. Nunca tinha se envolvido com alguém do trabalho, ou pior... um cliente. Todavia, isso não importava, porque carregava o estigma de uma pessoa que avançara na carreira oferecendo favores sexuais.

A lembrança a enraiveceu. Trabalhara arduamente para exceder as expectativas de sua família. E para que tudo lhe fosse roubado por alguém numa posição superior à sua.

A comunidade de publicitários era pequena, e fofocas eram comuns. Célia não tinha ilusões de que fugir de Nova York a possibilitava esquecer o que acontecera. O ocorrido não fora privado e, sim, muito, muito público.

Ela sabia que a especulação corria solta. Sabia que seus colegas de trabalho deviam sussurrar pelas suas costas, ponderando a possibilidade de ela ter dormido com Brock ou Flynn Maddox para garantir a posição na agência e receber a oportunidade de lutar pela conta de Evan Reese. Todos provavelmente achavam que ela faria qualquer coisa que fosse necessária para persuadir Evan.

A única pessoa para quem Célia se dera ao trabalho de defender-se era Brock, acreditando que lhe devia isso, uma vez que ele ia contratá-la. Somente ele sabia a verdade do que tinha acontecido na agência anterior. E quando Brock lhe garantira que ela não sofreria o mesmo tipo de situação ali, Célia acreditara nele. Brock parecera um homem honrável e, mais importante, alguém que cumpria sua palavra.

— Está tudo bem?

A voz suave de Evan a tirou dos pensamentos. Ele tocou-lhe a mão, e cuidadosamente abriu-lhe os dedos que estavam fechados com força.

— Você tem medo de voar?

Ela meneou a cabeça.

— Desculpe. Estava pensando em outra coisa.

Evan a estudou intensamente.

— Parece uma pena desperdiçar tempo com pensamentos tão desagradáveis.

O impulso de negar que seus pensamentos eram desagradáveis durou aproximadamente dois segundos.

— Acertou em cheio.

Ele riu.

— Gosto de uma mulher honesta.

Foi então que Célia percebeu que eles já estavam no ar. Nossa, devia ter realmente se perdido em pensamentos, para não sentir a decolagem.

— Relaxe. Haverá muito tempo para discutirmos negócios durante a estadia. Vamos começar a viagem apreciando o voo curto.

Ou Célia era extremamente transparente, ou ele antecipara que ela iria querer falar de negócios o mais breve possível. De qualquer forma, talvez fosse melhor guardar a discussão para um momento menos vulnerável... E não quando estavam sentados em tamanha proximidade, bebendo vinho no avião de Evan...

A mão forte permaneceu sobre a sua, o polegar acariciando-lhe os dedos preguiçosamente. Ela gostava daquilo. Gostava demais.

Sobreviva, Célia. Sobreviva a este fim de semana. Seja profissional. Depois disso, você só precisará vê-lo num ambiente profissional.

Ela engoliu em seco e lutou por calma. De maneira nenhuma iria estragar aquela oportunidade apenas porque não conseguia controlar seus hormônios de adolescente.

O voo foi rápido e, estranhamente, depois dos primeiros momentos desajeitados, Célia recostou-se e apreciou a conversa casual com Evan. Eles tinham tomado alguns cálices de vinho e comido uma variedade de petiscos. No momento que aterrissaram no *Airport in the Sky*, Célia estava completamente relaxada.

Foram recebidos por um representante do hotel e conduzidos para uma limusine. Dentro de poucos minutos estavam em frente à praia. O lugar era tão lindo que lhe tirou o fôlego.

O por do sol sobre a água dava ao local uma sensação de puro romantismo, mas então eles estavam lá para um casamento, então supunha que romance no ar era apropriado.

Evan a escoltou para o saguão do hotel. Um homem os seguiu *com* a bagagem deles.

— Espere aqui — murmurou Evan. — Sente-se, se quiser. Vou pegar as chaves de nosso quarto para que possamos subir.

Antes que ele pudesse ir, uma voz feminina cortou o ar:

— Evan! Oh, Evan, você veio!

Evan enrijeceu contra Célia. Ela o ouviu praguejar baixinho e virou-se na direção da voz, vendo uma mulher mais velha ele, lindamente vestida, atravessando o saguão.

Atrás dela, um homem mais velho com expressão carrancuda, ladeado por uma jovem e um homem que lembrava Evan, também andava na direção deles.

Para sua surpresa, Evan pegou-lhe a mão direita na sua e puxou-a para seu lado.

A mulher jogou os braços ao redor de Evan, mas nem assim ele soltou a mão de Célia. Retornou o cumprimento caloroso com o braço livre e murmurou:

— Olá, mamãe. Eu lhe disse que viria.

— Eu sei, mas depois que Bettina me contou que foi procurá-lo e...

Ela parou e olhou curiosamente para Célia, cuja mão ainda estava seguramente presa na de Evan.

Então a mãe dele olhou para Bettina, a expressão confusa.

— Mas, minha querida, você falou que Evan não estava saindo com ninguém, que ele só tinha dito isso para aliviar minha preocupação.

— Ela disse isso? — perguntou Evan, e olhou para Bettina de um jeito que Célia teria tremido.

A mãe o cutucou com impaciência.

— Bem, apresente-nos, Evan.

— Sim, apresente-nos— disse Bettina com uma voz gelada.

No momento que sentiu Evan apertar mais sua mão e o metal frio deslizou sobre seu dedo, Célia se arrependeu de ter concordado em ir. Tentou olhar para baixo, imaginando o que ele fizera com o seu dedo, mas ele continuou cobrindo-lhe a mão com a sua. Ela sentiu como se tivesse acabado de entrar num campo minado.

— Mamãe. Papai. Bettina. Mitchell. — Ele sorriu ao falar o último nome, e Célia olhou para o homem em questão. Devia ser o irmão de Evan. A semelhança era impressionante. — Eu gostaria que vocês conhecessem minha noiva, Célia Taylor.

CAPÍTULO SEIS

Célia congelou. Havia um terrível zumbido em seus ouvidos e ela olhou para Evan, horrorizada. Que loucura ele acabara de fazer?

Não sabia quem estava mais perplexa. Ela ou a família de Evan. Bettina parecia ter acabado de engolir um limão. Mitchell tinha uma expressão irritada no rosto, enquanto o pai de Evan franzia o cenho. A mãe era a única que parecia feliz com a notícia bombástica.

— Oh, Evan, isso é maravilhoso!

Célia encontrou-se envolvida num abraço tão apertado pela mulher mais velha que

pensou que pudesse desmaiar.

— Estou tão feliz em conhecê-la, minha querida.

Ela se afastou do abraço e sorriu-lhe. Depois, beijou-lhe ambas as faces calorosamente.

Aquilo era loucura. Evan estava louco. A família inteira era louca. Ela abriu a boca para questionar que absurdo era aquele quando o pai de Evan pôs a mão no ombro do filho e murmurou:

— Venha comigo para fazermos o check-in e pegarmos as chaves. Depois você pode levar Célia para o quarto.

Evan pareceu relutante em deixá-la. Ela podia imaginar por quê.

Foi então que se lembrou do dedo. Ele colocara alguma coisa no dedo.

Célia olhou para baixo. Meu Deus! Evan colocara um enorme anel de diamante no seu dedo de noivado, enquanto segurava sua mão. Fúria a percorreu. Ela mentalmente contou até dez para não explodir no ato. O imbecil planejava aquilo desde o começo. Ninguém carregava um diamante daquele tamanho por nada.

— Vocês dois vão em frente e sentem-se. Peça os nossos drinques, Mitchell. Marshall e eu iremos daqui a pouco. Quero a chance de falar com Célia por um momento.

Célia olhou para mãe de Evan cautelosamente, enquanto Mitchell e Bettina se dirigiam para o restaurante do hotel. A mãe de Evan apertou-lhe as mãos.

— Oh, minha querida, estou tão feliz em conhecê-la. Eu estava tão preocupada com Evan. Ele não lidou muito bem com a deserção de Bettina, mas olhe só para você. Até mais linda que Bettina. Entendo por que Evan está tão apaixonado.

Célia abriu a boca e parou. O que poderia dizer? Sentia-se atordoada e furiosa por ter sido enganada por Evan.

Aquilo parecia uma novela. Coisas assim não aconteciam na vida real.

— A propósito, acho que não me apresentei... Bem, além de como mãe de Evan. Por favor, chame-me de Lucy. Sra. Reese parece muito formal, e nós seremos família, afinal de contas.

O coração de Célia disparou. Lucy obviamente era uma pessoa maravilhosa e generosa, o que a deixava ainda mais zangada pela mentira de Evan. O que ele estivera pensando?

Mas então refletiu sobre o que Lucy dissera, e subitamente tudo fez sentido.

— Bettina e Evan estavam envolvidos? — perguntou Célia.

Lucy enrubesceu.

— Oh, Deus, falei demais. Sempre cometo o erro de tagarelar. Perdoe-me.

Célia sorriu.

— Está tudo bem. Essa é uma das coisas que as mulheres gostam de saber. Os homens são tão fechados quando se trata de emoções, mas se qualquer embaraço puder ser evitado, eu gostaria de saber.

E ela podia ir para o inferno pela mentira. Apenas se certificaria de que Evan chegasse lá primeiro.

— Está tudo no passado. Fique tranquila.

— Naturalmente — concordou Célia.

— Evan e Bettina foram noivos. Foi um noivado longo. Na verdade, não sei o quanto Evan se envolveu emocionalmente. Bettina e Mitchell se apaixonaram, e Evan não aceitou isso muito bem. Se eu não tivesse lhe suplicado para vir ao casamento, duvido que ele estivesse aqui agora.

Lucy sorriu e tocou o braço de Célia.

— Bettina me levou a acreditar que Evan mentiu estar envolvido com outra mulher, porque ainda não tinha superado os sentimentos por ela, mas posso ver que esse não é o caso. Você é até mesmo mais linda que Bettina. Posso ver pelo jeito que Evan a olha que ele está encantado. Nunca olhou para Bettina dessa forma.

Célia sentiu a aproximação de Evan. Encontrou-lhe os olhos e não tentou disfarçar sua fúria. Ele tinha sorte que ela gostara muito de Lucy, caso contrário, o teria denunciado diante de todos no saguão do hotel.

A pobre mulher não merecia ser humilhada somente porque tinha um filho patife.

Evan voltou-se para a mãe.

— Nós nos vemos amanhã, certo? Célia e eu tivemos um dia longo e gostaríamos de jantar no quarto.

Lucy se colocou na ponta dos pés para beijá-lo.

— É claro, querido. Vejo vocês amanhã para o ensaio da cerimônia.

Ela apertou a mão de Célia.

— Foi um imenso prazer conhecê-la, Célia.

Lucy andou na direção do pai de Evan e os dois seguiram para o restaurante, deixando Célia e Evan sozinhos.

— Nós estamos na cobertura — disse Evan, gesticulando para o elevador, e Célia andou naquela direção.

Eles subiram em silêncio, a tensão praticamente palpável. Assim que as portas se abriram e estavam no corredor, Célia o fitou.

— Minha chave — disse de modo significativo. — Em que quarto eu estou?

Evan suspirou e apontou para o fim do corredor.

— Estamos numa suite de dois quartos no final.

Ela abriu a boca. Então estendeu o braço e roubou o cartão magnético da mão dele. Depois, virou-se e seguiu o corredor. Não compartilharia um quarto com Evan. Ele que arranjasse outro quarto ou dormisse com o irmão. Talvez eles pudessem comparar anotações sobre Bettina.

Ela enfiou o cartão na fechadura e abriu a porta, entrando e fechando-a na cara de Evan.

Seus pés a estavam matando, ela estava furiosa e com fome. Precisava descobrir um jeito de sair daquela ilha.

Tirou os sapatos e sentou-se na beira do sofá, ao lado da mesa com telefone e lista telefônica. Certamente a recepção poderia fazer arranjos para sua partida.

O som da porta se abrindo a fez se levantar e olhá-lo com indignação, enquanto Evan entrava e fechava a porta. Ele ergueu outro cartão magnético como explicação.

Parecia cansado e resignado.

— Ouça, sei que você está zangada.

Ela ergueu uma mão.

— Não ouse me tratar com condescendência. Você não imagina como estou furiosa.

Evan jogou o paletó sobre o braço do sofá.

Ela apontou um dedo trêmulo para a porta.

— Fora. Eu não vou compartilhar uma suite com você. Não me importa quantos quartos ela tenha.

— Eu preciso de um drinque — murmurou Evan.

Ele nem mesmo queria brigar, e, por Deus, Célia queria uma briga.

— Você nunca teve intenção de ouvir as minhas ideias, teve?

Ele parou no caminho para o bar e virou-se para encará-la, com a audácia de parecer perplexo.

— Eu fui tão tola. Não acredito que caí nessa armadilha. Como posso ter sido tão ingênua, acreditando que esse era o único tempo que você dispunha para me ouvir?

Evan se aproximou.

— Célia...

— Não tente me acalmar — sussurrou ela irritadamente, sentindo lágrimas queimarem em seus olhos. Ele não a faria chorar. Nenhum homem a fazia chorar. Precisava se recompor e ser profissional.

— Lidei com homens que me manipularam por causa da minha aparência. Eu não posso evitar a aparência que tenho, mas isso não lhe dá o direito de me usar ou fazer suposições sobre o meu caráter. Não lhe dá o direito de mentir para sua mãe porque sua noiva o humilhou, dispensando-o pelo seu irmão.

As mãos de Evan se fecharam sobre seus ombros. Ela tentou se desvencilhar, mas sem sucesso. Havia arrependimento sincero nos olhos dele, mas também incrível determinação.

— Sente-se, Célia — ordenou Evan em voz baixa.

Ela o olhou.

— Por favor.

Aquilo funcionou. Ou talvez fosse o tom de voz cansado e resignado de Evan. Ou o olhar suplicante que ele lhe deu.

Célia sentou-se no sofá, o corpo inteiro tremendo quando ele acomodou-se ao seu lado.

— Desculpe — disse ele. — Não espero que você acredite que não fiz isso maliciosamente, ou para magoá-la. Mas juro que não fiz.

Ela o olhou de lado.

Evan suspirou.

— Alguém já a machucou muito, verdade?

Ela virou a cabeça, recusando-se a lhe dar confirmação.

— Célia, olhe para mim.

Após alguns momentos de hesitação, ela se virou para olhá-lo.

— Eu fiz tudo errado, admito — disse ele. — Esperei que tivesse tempo de discutir isso com você antes que encontrássemos minha família.

Célia esforçou-se para controlar os nervos. Ele obviamente queria uma discussão racional, quando ela não se sentia racional. Tudo que queria era fugir dali, mas então ficaria sem um quarto, e se alguém iria dormir no corredor, não seria ela.

— Primeiro, isso não tem *nada* a ver com o fato de você obter ou não a minha conta. Terá de conseguir isso por seus próprios méritos profissionais. Eu não vou colocar minha empresa nas mãos de uma mulher baseado na aparência dela ou em qualquer outra coisa. Pelo menos isso está claro?

Ela engoliu em seco.

— Não é o que parece, Evan. A impressão que tenho é que fui feita de boba, e que você me trouxe para cá sob o pretexto de ouvir minha proposta quando nunca pretendeu que essa fosse uma viagem de negócios. Diga a verdade. Já assinou com a Golden Gate? Você me deve ao menos honestidade.

Evan passou uma das mãos pelos cabelos e fechou os olhos.

— Você tem todo direito de estar furiosa, mas, por favor, ouça-me. Se depois quiser ir embora, eu providenciarei seu retorno, e você nunca mais ouvirá falar de mim.

— Acho que você sabe que não tenho outra escolha.

— Tentarei ser o mais conciso possível.

Ela assentiu.

— Eu não pretendia vir a esse casamento. Não poderia me importar menos com a felicidade dos dois, e tinha ainda menos interesse em estar aqui para desejar-lhes felicidade eterna. Então minha mãe ligou e me implorou para vir. Ela temia que eu não tivesse superado os sentimentos por Bettina, e por isso não viria. Mamãe tem um coração de ouro, mas obviamente não sabe nada a meu respeito, ou teria percebido que Bettina não significou nada para mim a partir do instante que me trocou por uma oferta melhor.

— Isso é rude — murmurou Célia.

— É ? Só estou falando a verdade. Bettina estava calculando. Fez suas apostas, e optou por Mitchell assim que ele foi nomeado sucessor do meu pai nos negócios de joalherias da família. Bettina considerou que teria uma vida mais glamourosa. Eu gostaria

de ser uma mosquinha e testemunhar quando ela descobrir o quanto estava errada.

Célia deu um sorriso irônico.

— Você não é nem um pouco vingativo, certo?

Ele riu.

— Não sinto nada por ela ou lamento por Bettina ter saído da minha vida, mas ela é uma víbora manipuladora, e não vou lamentar vê-la sofrer pela escolha que fez.

— Então sua mãe não acha que você superou seus sentimentos por Bettina. O que isso tem a ver comigo e com essa farsa que você criou? Lamento também por sua mãe, que é uma mulher muito doce e não merece ser enganada.

— Estou chegando lá. Quando terminei o telefonema com mamãe, eu estava irritado por ter permitido que ela me convencesse a vir ao casamento, e por ter dito no último minuto que traria uma companheira. Eu pretendia convidar alguém do meu passado. Então lembrei que havia marcado com você na sexta-feira, e que aquele encontro era muito importante para mim. Pareceu lógico combinar as duas coisas e trazê-la comigo. Não menti sobre a falta de tempo e a necessidade de começar logo a campanha. Passei duas semanas ouvindo propostas. Estou pronto para o próximo passo.

— Ainda posso ouvir um "mas" aí — comentou ela.

— O "mas" ocorreu quando Bettina foi me procurar. Estava furiosa por minha audácia de querer trazer alguém ao casamento dela. Por mais incrível que pareça, Bettina acredita que ainda gosto dela. Basicamente acusou-me de ser uma fraude e tentar esnobá-la em seu próprio casamento.

Célia deu uma gargalhada. Deus, ele nem percebia o quanto era arrogante.

— Qual é a graça? — perguntou ele.

— Bettina o acusou de ser exatamente o que você está sendo! Arrogante.

Evan piscou, então pareceu envergonhado.

— Certo, entendi. Sou imaturo e egoísta. O ego masculino é obviamente uma criatura frágil. Acho que podemos concordar nisso. Sim, pensei em me vingar um pouquinho de Bettina aparecendo com uma mulher deslumbrante. Até mesmo bolei todo o esquema, incluindo o anel de noivado, a fim de convencer a todos de que Bettina não significa nada para mim.

Célia fechou os olhos por um instante. Ele estava sendo honesto. Merecia esse crédito.

— Célia, olhe para mim, por favor.

Ela fez isso, estudando os intensos olhos verdes. Ele parecia sério e... Preocupado.

— Eu não fiz nada disso para feri-la, juro. Pensei que se eu lhe pedisse esse favor, você nunca concordaria em vir comigo, nem mesmo com a promessa de ouvir sua proposta.

— Então você me atraiu numa emboscada — disse ela secamente.

— As coisas não saíram como planejei. Eu esperava que pudéssemos jantar em nossa suite, quando eu lhe pediria por um favor pessoal. Eu ia lhe explicar a história toda e lhe pedir que representasse. Somente pelo tempo que estivéssemos aqui. Mas, então, encontramos meus pais imediatamente, e tudo deu errado.

Ele lhe cobriu a mão com a sua, mas Célia não a puxou. Deveria. Já deveria estar a caminho de São Francisco e ligando para Brock para lhe dizer que de maneira alguma levaria Evan Reese numa bandeja para a Maddox Comunicações.

Célia pressionou os lábios e tentou reunir seus pensamentos.

— Então você quer que eu finja ser sua noiva. — Ela ergueu a mão para ver o enorme diamante na luz. — Completa com um anel maravilhoso. O que acontece depois do casamento?

Evan deu de ombros.

— Nós romperemos logo depois. Meu contato com eles não é frequente. Um dia mamãe vai ligar e eu direi: "Oh, Célia e eu rompemos."

Célia meneou a cabeça.

— Tudo isso porque não suportou a ideia de sua noiva pensar que você ainda gostava dela?

— Não é tão simples assim. Há outros fatores. Além disso, já estabelecemos que sou um egoísta imaturo. Não precisamos reforçar esse fato.

— Pobrezinho. — Ela lhe deu um tapinha no braço, e riu da expressão desapontada dele. — Não acredito que estou considerando isso.

Os olhos verdes brilharam.

— Mas está?

— Sim, estou. Tenho uma fraqueza por homens imaturos e egoístas. Mas precisamos estabelecer algumas regras.

— É claro — concordou ele solenemente.

— Minha reputação é tudo para mim, Evan. Não quero nada inapropriado atado a essa conta. Não quero ouvir rumores de que consegui a conta porque dormi com você.

Alguna coisa parecida com desejo brilhou nos olhos dele um segundo antes que Evan piscasse e adotasse uma expressão mais séria.

— Esse é um favor separado. Se eu não gostar de suas ideias, você vai para casa sem a minha conta. É simples assim. Concordar em ser minha noiva falsa não lhe compra nada, exceto minha gratidão. Isso está claro?

— Como cristal — replicou ela. — Diga-me uma coisa, Evan. Se eu me recusar a fingir ser sua noiva, você ainda vai ouvir minha proposta? Ainda vai considerar a Maddox?

— Bem, eu tenho um ego frágil, lembra?

— Pode falar sério?

Um sorriso brincou nos lábios de Célia. Deveria estar furiosa com Evan, e não atraída pelo charme infantil ou pela sinceridade dele em relação àquela história ridícula.

— A ideia era jantar com você esta noite, Célia, onde eu lhe contaria meu plano e lhe suplicaria para participar. Então, amanhã cedo, iríamos ter nossa reunião de negócios, mais uma vez na privacidade do nosso quarto de hotel. Depois, armariamos uma farsa para meu irmão e sua futura esposa manipuladora. Dois assuntos separados.

— Você é completamente irreverente, e detesto o fato de eu gostar tanto disso.

Ele sorriu.

— Você é tão diabólica quanto eu, confesse.

— Eu poderia ter usado alguns de seus traços cruéis no passado. Sinto um pouco de inveja do jeito que você se vinga um pouquinho daqueles que lhe causaram sofrimento. Preciso aprender a fazer isso.

Ele inclinou a cabeça de lado.

— O que aconteceu com você, Célia?

Ela corou e desviou o olhar.

— Algo que está definitivamente no passado, onde quero que permaneça.

— Tudo bem. Mas espero que um dia você me conte.

— Nós não temos esse tipo de relacionamento — apontou Célia.

— Não — murmurou ele. — Ainda não.

Ela ergueu os olhos, mas as feições de Evan não traíram seus pensamentos. Célia engoliu um nó na garganta e esperou que não estivesse cometendo um erro enorme.

— Está preocupada com a posição na qual eu a coloquei — disse ele. — Mas quem me garante que, se eu não gostar de suas ideias amanhã, você não vai embora, deixando-me sozinho para enfrentar o resto das festividades? Eu diria que isso lhe dá todo o poder, e nenhum para mim.

— E quem me garante que você não vai falar que gostou de minhas ideias e me manter aqui até que o casamento acabe? — apontou Célia. — Então poderia me dispensar no minuto que chegássemos a São Francisco.

Ele assentiu.

— Tudo isso é verdade. Parece que ambos precisamos confiar.

Célia olhou para sua mão, que ainda estava sob a de Evan.

Gostava daquele homem. Apesar da emboscada, gostava muito dele. E, acima de tudo, gostava de honestidade. Evan tinha sido absolutamente sincero, não se importando que impressão causaria. Certamente aquela história não o fazia parecer nada nobre, mas ela o considerava assim. Nobre e honesto.

O anel no seu dedo brilhava na luz. Por um momento, se permitiu imaginar como seria se aquilo fosse verdade. Mais um segundos depois, sacudiu-se mentalmente e chamou-se de tola,

Tinha um trabalho a realizar. Queria impressioná-lo com sua inteligência e criatividade, com sua persistência e determinação, e se para isso precisasse fazer um favor pessoal a Evan, que assim fosse. Muitas pessoas estavam contando com ela.

Sentia-se uma tola e tinha certeza que Evan não se sentia melhor, mas não iria questionar os motivos dele. Por alguma razão, ele não queria que o irmão e a noiva o vissem sofrendo. Célia podia entender isso. Preferia ter morrido a deixar seu antigo chefe e a esposa saberem o quanto a tinham destruído.

— Tudo bem, Evan. Eu farei isso.

Um misto de triunfo e alívio brilhou nos olhos verdes.

— Obrigado por não me esbofetear e partir, porém, mais do que isso, obrigado por não reagir na frente da minha família. Era mais do que eu merecia, considerando o que fiz.

— Se resolvemos esse assunto, podemos comer? Estou faminta. Você pode me contar tudo que preciso saber sobre sua família, e também me dizer quando nos conhecemos e quando você me pediu em casamento, mas não até que eu coma alguma coisa.

Evan inclinou-se para a frente e segurou-lhe o queixo na mão. Os lábios deles estavam tão perto que Célia sentiu a respiração dele na sua boca. Engoliu em seco nervosamente, imaginando se ele a beijaria. E então, imaginou se ela permitiria. Ou se o beijaria, em vez disso.

— Obrigado — murmurou ele.

Lentamente, Evan se afastou, e para seu horror, ela se sentiu desapontada.

CAPÍTULO SETE

Evan observou quando Célia se sentou de lado, as costas contra o braço do sofá e os joelhos dobrados à sua frente. Ela parecia confortável e relaxada, o que era mais do que ele poderia ter esperado, considerando a cilada na qual a envolvera.

Após a fúria inicial, todavia, Célia se acalmara e aceitara a situação. Deus, ele gostava daquela mulher. Além de estar sexualmente atraído por ela, gostava de passar tempo em sua companhia.

Ela agora vestia uma calça de moletom e uma camiseta de um time de beisebol de São Francisco. Estranho, mas Célia não parecia fã de beisebol.

Também estava descalça e os pés pequenos, com as unhas pintadas de rosa

clarinho, o excitaram.

Estava enlouquecendo. Nunca antes prestara atenção aos pés de uma mulher.

Célia deu outra garfada na refeição e suspirou, antes de colocar o prato sobre a mesinha de centro.

— Isso estava fabuloso. Comi tanto que não vou entrar no lindo vestido que comprei para o casamento.

Aquela declaração o fez pensar que eles poderiam não ir ao casamento e ficar na cama, onde roupas seriam totalmente opcionais.

Movimentou-se no assento, perguntando-se por que estava se torturando.

— Diga-me uma coisa, Evan. — Ela enfiou os pés debaixo de uma almofada. — O que o fez desistir dos negócios da família e iniciar o seu próprio, num campo tão diferente do mercado de jóias?

O fato de Célia saber tanto sobre seu passado não o surpreendeu. Ela teria pesquisado sobre ele.

— Houve diversas razões — respondeu Evan. — Primeiro, eu não concordava com o estilo de gerenciamento do meu pai. A verdade é que a empresa dele está com problemas. Previ isso anos atrás, e ele negou veementemente. Não via motivos para mudar a forma de administrar os negócios, uma vez que aquilo funcionara décadas atrás. A outra razão é que não me dou muito bem com ele e Mitchell.

— Sêrio?

— Sim, sei que é difícil de acreditar. Mitchell é preguiçoso e desmotivado. Durante toda sua vida, por ser o filho caçula, nunca teve de lutar por nada. Tem tudo que quer desde criança. Eu lutava por alguma coisa, e ele queria aquilo pelo que eu havia conseguido com luta. Papai dava a ele.

— Acho que começo a entender mais essa coisa da noiva agora.

Evan assentiu.

— Sim, não tenho ilusões que Mitchell e Bettina vão se casar por amor. Eu tinha Bettina, então Mitchell decidiu que a queria. Bettina viu a nomeação de Mitchell como diretor-executivo como seu ingresso para uma vida de glamour.

— E você e Bettina iam se casar por amor? — perguntou ela gentilmente.

Ele suspirou, então se pegou contando coisas que jamais contava para uma mulher que planejava levar para cama.

— Bettina não era um desafio. Isso parece ruim, mas quando eu a conheci, estava devotando todo meu tempo para tornar meu negócio um sucesso. Era um momento incrível, pois excedi até mesmo minhas expectativas mais loucas. Estava tudo acontecendo com muita rapidez. Tudo que faltava para completar a imagem de perfeição que eu construía era uma esposa e uma família. Uma casa perfeita num bom bairro. Eu chegaria em casa depois de um dia de trabalho e o jantar estaria pronto. As crianças de banho tomado. Até mesmo o cachorro seria um anjinho. Eu queria... Ainda quero... Uma esposa que me ponha em primeiro lugar.

Célia não conseguiu evitar uma gargalhada.

Ele a olhou, desconfiado.

— Está zombando de mim?

— Zombando de você? — Ela riu mais. — Oh, Evan, você sonha alto, não sonha?

— Bem, foi uma boa fantasia enquanto durou — resmungou ele. — Olhei ao redor, e lá estava Bettina. Não tive tempo de refletir sobre meu ideal de mulher. Queria minha vida perfeita, e não queria esperar. Portanto, eu a pedi em casamento, ela aceitou e eu lhe dei um anel.

— Entretanto, aqui está. Comigo, a noiva falsa.

Evan a olhou com expressão zangada apenas para fazê-la rir mais uma vez.

— Certo, o que aconteceu depois? Além de Mitchell ter interferido por ser extremamente mimado.

— Bettina queria marcar uma data imediatamente. Tinha um grande casamento planejado. Já havia até escolhido o destino da lua de mel. Encheu meu escritório com brochuras. Ora, até escolheu nomes para futuros filhos.

— Isso tudo combinava com a sua fantasia — apontou Célia.

— Sim, é verdade. Mas eu me peguei recuando. Dava sempre desculpas para estender o noivado. Estava ocupado, os negócios eram prioridade. Antes que eu percebesse, estávamos noivos há um ano, com um casamento agendado para outro ano depois daquele. E eu parecia contente com isso.

— Você nunca a amou? — questionou Célia.

— Não, nunca. Motivo pelo qual não posso culpá-la por querer romper comigo. Nosso casamento teria sido um desastre assim que eu descobrisse que a realidade não correspondia à fantasia que eu criara na mente. Apenas não pensei que ela fosse me dispensar por Mitchell, ou que Mitchell estaria invadindo meu território.

— Sim, entendo isso — murmurou Célia.

— Eu os encontrei na cama. Mas quando os vi juntos, na minha cama, simplesmente ri, porque para mim aquele era o passo seguinte num relacionamento já condenado. Expulsei-os de meu apartamento e não quis mais saber deles.

— Hmm, então, você não se importou com o fato de que Bettina encontrou outra pessoa. Ou que o traiu. Apenas com quem ela o traiu.

Evan assentiu.

— Sim, é estupidez, eu sei. Quero dizer, ela poderia ter me traído com meu sócio, meu vice-presidente, ou até com meu motorista. Eu não teria me importado. Mas não com meu irmão supermimado. Isso eu não pude perdoar.

— Bem, se o relacionamento dos dois é baseado no que você diz, então eles sofrerão o bastante, sem que você precise lhes desejar mal.

Evan a olhou por um longo momento.

— Você não vai me passar um sermão sobre rancores infantis, vai?

Célia sorriu, encarando aqueles lindos olhos verdes.

— Não. Considerando que tenho meus próprios rancores, e não planejo esquecê-los nessa vida, eu não poderia criticá-lo.

— Você parece tão... Cruel. Gosto disso — provocou ele.

A expressão de Célia se tornou séria. Sofrimento surgiu nos olhos dela, fazendo-a se virar. Ele lamentou que o humor tivesse sido dissolvido. Por mais que quisesse saber os segredos de Célia, preferia vê-la rindo e sorrindo.

Para suavizar a súbita tensão na atmosfera, ele se levantou e serviu vinho. Sem palavras, ofereceu uma taça a ela, e Célia aceitou.

Evan queria desesperadamente tocá-la. Queria beijá-la até lhe roubar todo o fôlego.

Eles permaneceram sentados, sorvendo vinho enquanto a noite caía e os envolvia.

Finalmente, Evan não suportou mais o silêncio. Inclinou-se para a frente, a fim de pôr o cálice sobre a mesa. Por um momento, olhou para as próprias mãos e imaginou a pele de Célia sob seus dedos. Então olhou para cima e descobriu-a estudando-o com intensidade. Ela não era imune. Ele não era o único que sentia a atração magnética entre os dois.

— O que vamos fazer, Célia?

Evan a viu engolir em seco nervosamente. Ela entendera, mas não respondeu.

— Eu a desejo tanto que chega a doer. Isso dura semanas. Toda vez que olho para você, fico tão excitado que mal posso raciocinar. Pensei em diversas maneiras para lhe explicar que nossa relação profissional não tem nada a ver com o desejo que sinto por você. Mas a verdade é que não ligo a mínima. Eu a quero na minha cama, e não me importo com o que precisa ser feito para que isso aconteça.

A expressão dela se tornou assustada. Ele detestou aquilo. Não queria assustá-la.

— Você também sente isso. Não negue, Célia.

Lentamente, ela assentiu, passando os dedos trêmulos pelos cabelos.

— Essa é a única coisa que não posso fazer, Evan. Por favor, não me peça isso. Se quer que eu admita, tudo bem. Quero você. Mais do que já quis qualquer outro homem.

O corpo inteiro de Evan reagiu àquela simples admissão. Ela o queria mais do que já quisera qualquer outro homem.

Célia virou-se no sofá e colocou os pés no chão. Parecia triste e assustada. Os olhos fechados dando a impressão de que estava se culpando por alguma coisa.

— Não sei o que você está pensando, mas não gosto disso - declarou ele sem rodeios. — Não tenho ideia de que tipo de culpa está colocando sobre si mesma, mas posso garantir que você não usou seus atributos femininos para me seduzir a assinar com sua agência. Eu a quero desde o primeiro momento que a vi. Quer saber quando foi isso, Célia?

Ela abriu os olhos e o fitou.

— Quando?

— Na recepção de Sutherland. Você estava lá com um de seus clientes. Copeland, se bem me recordo. O gigante dos supermercados.

Célia ficou boquiaberta.

— Mas você ainda estava com a agência Rencom.

Ele assentiu.

— Precisamente. Olhei do outro lado da sala e você me tirou o fôlego. Quer saber outro de meus segredos, Célia? Eu ainda estava noivo de Bettina. Isso foi uma semana antes de eu encontrá-la na cama com Mitchell. Não me importei. Eu queria você demais. Agora, tente me dizer que isso tem alguma coisa a ver com sua proposta profissional.

Durante aquela conversa, Evan tinha se movido para o sofá. Aproximou-se mais agora, inalando o delicado perfume feminino que passara a associar com ela.

Havia cautela e confusão nos olhos verdes de Célia, porém havia mais alguma coisa. Desejo. Ela o queria tanto quanto ele a queria. Não importava, porque ele a teria.

— Quer saber de outra coisa? — murmurou Evan. — Eu quase não considerei a Maddox para a conta. Sabe por quê? Porque não queria que isso interferisse no meu processo de conquistá-la.

Ele estava perto agora. Tão perto que podia sentir a respiração quente saindo dos lábios de Célia. Daquela boca sensual que tanto queria provar.

— Por que... Você mudou de ideia? — sussurrou ela.

— Sou perfeitamente capaz de separar negócios de prazer.

— Evan, nós não podemos.

Ela pôs a mão sobre o peito dele. Grande erro. Uma corrente de eletricidade causou um sobressalto em ambos, mas antes que Célia pudesse se afastar, ele lhe prendeu a mão contra seu peito.

— Só um beijo, Célia. Apenas um. Preciso beijá-la. É tudo que peço por enquanto. Posso esperar por mais até que resolvamos o assunto da conta.

Sem esperar consentimento, Evan cobriu-lhe a boca com a sua. Quando ela abriu os lábios num gemido, ele aproveitou para aprofundar o beijo.

Célia emitia os sons mais doces. Sons que ele engolia enquanto lhe devorava a boca.

Seus dedos se entrelaçaram nos cabelos dela. Cabelos que adorava. Longos e gloriosos, da cor de um pôr do sol avermelhado no deserto. A tentação era grande demais. Evan vinha fantasiando sobre aquilo por muito tempo.

Manuseando a fivela, soltou-lhe os cabelos, que cascadearam pelas costas de Célia. Ele deslizou os dedos entre os cachos, encantado pela suavidade dos fios.

Continuou beijando-a, não querendo que o momento acabasse. Poderia passar horas assim, porém queria mais. Queria acariciar-lhe o rosto e o pescoço. Queria despi-la inteirinha, então deslizar a língua sobre aquela pele suave.

Imaginou qual seria a sensação de ter os seios dela nas mãos, e que gosto os mamilos teriam em sua boca.

Precisando de ar, afastou-se apenas o bastante para levar oxigênio aos pulmões. Célia arfou, então ele lhe traçou os lábios lentamente com a língua.

Pequenas mãos deslizaram para seu peito, deixando o corpo de Evan em chamas com o simples toque.

Então ela ergueu as mãos para seu pescoço e entrelaçou-as em seus cabelos. Ele tremeu, e precisou se esforçar para manter o controle sobre sua excitação.

Seu corpo gritava para que ele a jogasse sobre seu ombro e a carregasse para o quarto, amando-a até levar ambos à exaustão. Sua mente gritava para que fosse cuidadoso. Para não pressioná-la de modo que ela nunca mais voltasse.

Foi esse medo de afastá-la permanentemente que o fez recuar. Com grande relutância, afastou-se.

Os olhos de Célia estavam nublados e tão confusos que ele teve vontade de jogar a cautela ao vento e continuar sua sedução.

— Isso é o que eu queria fazer desde que a vi naquele salão lotado, seis meses atrás. Agora você pode me dizer se esse nosso desejo tem algo a ver com a Maddox Comunicações e a Reese Enterprises.

Ela o fitou com expressão chocada.

— Oh, Deus, Evan. O que vamos fazer?

Ele sorriu e acariciou-lhe o rosto gentilmente.

— Vamos tirar sua proposta do caminho amanhã cedo. O que acontecer depois disso, aceitaremos como vier.

CAPÍTULO OITO

Não havia necessidade de Célia ajustar o despertador. Ela sequer dormiu. Permaneceu deitada na cama, olhando para o teto, seus sentidos completamente abalados por alguma coisa tão simples quanto um beijo.

Não. Aquele beijo jamais poderia ser considerado simples.

Ele beijava como um sonho.

Faria amor como um sonho.

E a maior tristeza era que ela nunca descobriria.

Virou-se e enterrou a cabeça no travesseiro.

Cuidado, Célia.

O aviso queimava como ácido em sua língua. Estava pegando um caminho muito perigoso. Já era ruim o bastante que estivesse lá com Evan. Compartilhando uma suite com ele. Seu gemido foi abafado pelo travesseiro.

O mínimo que poderia ter feito era insistir num quarto separado, mas isso não ajudaria a convencer a família dele de que eles estavam noivos.

Amizade. Certo, poderia ser amiga de Evan. Esqueceria o beijo, esqueceria que ele deixara sua intenção de fazer amor com ela bem clara.

Tudo que precisava era fazer sua apresentação profissional, ir ao jantar para um

ensaio, casamento e recepção. — Como noiva dele... E então podia voltar para casa e esquecê-lo.

Ela saiu da cama sabendo que levaria um bom tempo para disfarçar a aparência de alguém que não tinha dormido. Evan pediria café da manhã às 8h, e ela queria tempo para repassar suas anotações novamente.

Optou por uma maquiagem sutil, não fazendo nada para realçar os olhos, o que havia de mais bonito em seu rosto. Prendeu os cabelos num nó atrás da cabeça e usou spray para impedir que as mechas escapassem. Não queria distrações. Não queria parecer atraente. Nenhuma tentação para que fizesse alguma tolice.

Para seu alívio, quando ela saiu do quarto Evan parecia totalmente profissional. Não a olhou como se a quisesse devorá-la, mas gesticulou para que ela se sentasse à mesa, onde o café da manhã já estava servido.

— Podemos comer e conversar, ou comer, depois conversar. Você decide — disse ele, sentando-se do lado oposto da mesa.

— Podemos comer e conversar — replicou ela. — A apresentação é mais verbal do que formal.

Ele assentiu em aprovação.

— Ótimo. Vamos nos servir e começar então.

Houve um momento de transição onde eles comeram em silêncio, antes que Célia se fechasse para tudo mais, exceto para a tarefa em mãos. Aquela era sua carreira, e sabia que era boa nisso. Não havia chegado onde estava e sobrevivido às armadilhas sem a habilidade de enfrentar adversidades.

— Estudei sua última campanha e acredito que você não está atingindo um enorme segmento de seu público alvo.

Evan pôs o garfo sobre a mesa e a olhou.

— Certo, você tem minha atenção.

— Talvez eu deva colocar isso de outra maneira. Acho que você não está focando na audiência correta. Está perdendo uma grande oportunidade.

Ela pausou para causar efeito, então prosseguiu:

—No momento você atrai os esportistas. Os homens que correm, as mulheres que frequentam uma academia de ginástica. As pessoas que se importam em manter a forma. As crianças que fazem esportes. Aqueles que jogam basquete nos fins de semana.

Evan assentiu.

— Então existem as pessoas, como eu, que são alérgicas a atividades físicas.

Ele bufou e percorreu os olhos pelo corpo dela de maneira apreciativa.

Célia o ignorou e continuou:

— Essas são as pessoas que assistem a esportes. Conhecem os jogos, os jogadores, os times. São observadores casuais. São as pessoas que irão comprar suas roupas esportivas não porque se preocupam com a funcionalidade. Elas não se importam se as roupas são confortáveis ou práticas. Querem ficar bonitas, querem imergir na aura do mundo esportivo. Você é uma marca, uma grife. Um símbolo de status.

Ela falava com total empolgação, e sabia que Evan ouvia intensamente.

— Então você faria um marketing duplo. Atingiria os entusiastas do esporte com propagandas onde pessoas suam se exercitando. Os atletas motivados que serão os melhores usando sua marca o tempo todo.

Mais uma vez, Célia pausou para medir a reação dele, e Evan estava inclinado para a frente, a expressão concentrada.

— Então atingiria homens, mulheres e crianças que querem suas roupas porque são bonitas. Porque fazem com que eles se sintam atletas sem nunca levantar um dedo. Você lhe mostra alguém parecendo bonito e sofisticado em suas roupas. Mostra-lhes que é moda usar Reese Wear. Elas podem ser pessoas comuns e ainda conhecerem a sensação de serem estrelas.

Então Célia usou seu maior trunfo. Sabia que ele estava interessado, e que aquilo não tinha nada a ver com atração pessoal. Os olhos de Evan brilhavam com entusiasmo.

— E a pessoa que você mostra para esses dois grupos, o homem que faz as propagandas se exercitando e suando, assim como apenas usando suas roupas com elegância, é Noah Hart.

Os olhos de Evan se arregalaram, então ele se recostou.

— Espere um minuto.

Célia esperou, tentando esconder seu sorriso convencido. Aquela seria a parte divertida.

— Está me dizendo que pode me conseguir Noah Hart? — Ele nem esperou resposta. — As agências de propaganda estão atrás de Noah Hart desde que ele entrou na liga nacional.

— Antes — corrigiu ela. — Eles o queriam desde que ele cursava a faculdade.

— Tanto faz. A questão é que Noah Hart nunca concordou em endossar uma marca. O que a faz pensar que pode convencê-lo a mudar de ideia?

— E se eu lhe disser que ele está disposto a conversar com você?

— Não acredito.

— Isso irá lhe custar um bom dinheiro.

— Valerá a pena! — Evan estreitou os olhos. — Noah Hart vai falar comigo? Você já entrou em contato com ele?

— Sim. Mencionei a possibilidade de você fazer uma nova campanha publicitária.

— E ele está interessado?

— Ele falará com você. Eu passei para Noah Hart a pesquisa que fiz a seu respeito, o que significa que você passou no primeiro teste. Ele é um sujeito difícil. Consiga-o e sua campanha será gigante. Além disso, você será o homem que assina Noah Hart.

— Eu quero exclusividade — disse Evan rapidamente.

— Esteja preparado para pagar por esse privilégio — apontou Célia. Não ia dizer a Evan que, pagando por tal exclusividade ou não, não havia muita chance de Noah concordar em negociar com mais alguém. Noah simplesmente não era motivado por dinheiro.

— Certo, vamos esquecer Noah Hart por enquanto. Gosto de suas ideias, Célia. O público comum nunca escapou da minha visão, mas você está certa. Eu jamais busquei atingi-los no marketing. Minhas propagandas sempre focam dinamismo, sucesso. Eu falo com o atleta que existe em todos nós. E como acabei de apontar, o atleta não existe em todos. Sim, você está totalmente certa. O adolescente tentando parecer bonito. Há um mercado imenso aí que ainda não alcancei.

— Falaríamos separadamente para adolescentes, adultos jovens e aposentados.

Evan assentiu.

— Estou interessado. Definitivamente interessado. Quando você pode me apresentar tudo isso de maneira formal? Como falei antes, estou pronto para o próximo passo.

— Você me diz quando pode ir a uma reunião na Maddox, e eu marcarei — respondeu Célia.

— E Noah Hart?

— Marco um horário com ele assim que voltarmos.

—Então eu diria que resolvemos isso, Célia. Estou muito impressionado com sua proposta. Se sua apresentação formal me entregar a promessa de suas ideias, então fecharemos o negócio.

Embora Célia tivesse total confiança em sua habilidade de vencer, o entusiasmo de Evan lhe causou uma excitação extra. Ela foi forçada a sorrir educadamente e agradecer-lo, mas por dentro, estava fazendo uma louca dança da vitória.

Tinha telefonemas a dar. Brock precisaria saber, de modo que eles comessem a

se preparar. Eles iriam querer fazer maquetes das propagandas e as exibirem nos monitores de televisão na área de recepção da Maddox. No dia que ela fizesse a apresentação a Evan, a Maddox Comunicações estaria inteiramente voltada para a Reese Enterprises. Ninguém mais existiria durante o período que Evan fosse apresentado aos escritórios deles.

— Você precisa me contar como conseguiu que Noah concordasse em falar comigo — disse Evan enquanto afastava o prato de lado.

Célia deu um pequeno sorriso enquanto reprimia a vontade de sorrir amplamente.

— Não posso revelar todos os meus segredos.

— Se conseguir isso será lendária — murmurou ele. — O homem jamais quis sequer ouvir uma proposta.

Certo, agora ela se sentiu um pouco como uma fraude. Noal Hart era seu irmão, e a verdade era que não havia muita coisa que ele não faria por sua irmãzinha. Mesmo que ela nunca tivesse lhe pedido um favor antes.

— Não conte com isso ainda — murmurou ela. — Talvez ele se prove muito caro para você.

Os olhos de Evan adquiriram um brilho predador. De um homem seguro de si e de todas as coisas.

— Não encontrei muitas coisas na vida que se provaram muito caras. Posso nem sempre querer pagar o preço, mas raramente estão fora do meu orçamento.

Célia sorriu.

— Eu senti isso a seu respeito, motivo pelo qual pensei que talvez você fosse aquele com quem Noah pudesse negociar. Acho que vocês dois são provavelmente muito parecidos.

Evan inclinou a cabeça.

— Quão bem você o conhece?

Ela sorriu novamente, mas não respondeu. O celular de Evan tocou, proporcionando uma distração muito necessária. Célia não estava pronta para lhe contar sobre seu relacionamento com Noah. Ainda não.

Evan citou seu nome na conversa ao telefone. Estava obviamente falando com a mãe.

— Estaremos lá esta tarde, às 4h. Sim, eu sei. Jantar depois. Célia e eu vamos almoçar juntos na marina. Encontraremos vocês de volta no hotel para o ensaio. Você tem minha palavra.

Ele guardou o telefone no bolso e suspirou.

— A mulher está convencida que vou faltar ao casamento. Agora me diga da onde ela tirou essa ideia?

Aquilo foi dito tão inocentemente que Célia caiu na gargalhada. O Evan sério e profissional já tinha desaparecido mais uma vez.

CAPÍTULO NOVE

O almoço agradável perto do porto não aconteceu. Quando Evan e Célia estavam saindo do hotel, encontraram os pais de Evan, Mitchell e Bettina.

Lucy estava radiante, uma vez que eles também estavam a caminho do almoço, e

sugeriu que todos almoçassem juntos antes de se reunirem no terraço para o ensaio da cerimônia.

Bettina pareceu bem menos entusiasmada com a ideia. Mitchell estava visivelmente desconfortável. A mesa, Evan e Célia foram posicionados na frente de Bettina e Mitchell, enquanto Lucy e Marshall se sentaram às cabeceiras.

Como resultado, Célia foi forçada a enfrentar o olhar hostil de Bettina, que nem sequer tentava disfarçar.

Evan pegou sua mão por baixo da mesa e apertou-a. Ela não entendeu se aquele era um gesto de apoio, cumplicidade ou um agradecimento.

Virou-se e sorriu-lhe. Por um longo momento, eles se entreolharam e Evan sorriu de volta.

— Conte-me, Célia, o que você faz? Evan diz que você mora em São Francisco. Vai se mudar depois que vocês se casarem?

Célia virou-se para Lucy em surpresa. Não estava preparada para aquele tipo de pergunta.

— Célia é uma publicitária brilhante — inseriu Evan suavemente. — Nós ainda não decidimos onde vamos viver depois que nos casarmos. A carreira de Célia é muito importante para ela, e não espero fazê-la desistir de tudo.

Oh, o homem era bom. Se ela fosse se casar, gostaria que seu futuro marido dissesse exatamente aquilo, e com sinceridade. Bettina fungou.

— Mas você não acha que o lugar de uma mulher é em casa com os filhos? Você planeja ter filhos, não é?

Célia olhou para a outra mulher, e percebeu que Bettina devia ter vinte e poucos anos. O que Evan estivera pensando quando e envolvera com ela? Ele devia estar beirando os 40.

— Não é da sua conta se pretendo ter filhos ou não. E quanto ao meu lugar, esse é onde me sinto mais feliz — disse Célia. — Não vejo como eu poderia ser melhor esposa e mãe ficando em casa e me sentindo infeliz.

Bettina parecia genuinamente confusa.

— Sinto que é importante para uma mulher não ofuscar o marido. O trabalho do marido é prover a família. Eu nunca tiraria isso dele.

Célia bufou.

— Vamos ver se você vai pensar assim quando seu marido provedor decidir que não quer mais aquele emprego, e deixar você e as crianças para ir se encontrar com outra mulher. Então verá como é importante depender financeiramente dele para seu sustento, e como é fácil encontrar um emprego quando a única experiência em seu currículo é trocar fraldas e cozinhar o jantar.

Evan engasgou numa risada enquanto os olhos de Lucy se arregalavam em choque. Mitchell parecia pálido e Bettina a fitava, boquiaberta. Marshall olhou para Célia com algo que parecia respeito.

— Bem falado, minha jovem. Uma mulher nunca deve colocar seu bem-estar e o dos filhos unicamente nas mãos do marido, por mais sólido que seja o relacionamento.

— Marshall!

Lucy parecia escandalizada.

Evan recostou-se e olhou para o pai.

— Entende por que estou tão determinado a me casar com ela? Se minha empresa falir, posso ficar em casa e deixá-la me sustentar.

Os dois homens caíram na gargalhada, e Evan apertou a mão de Célia com mais força.

— Vocês já marcaram uma data? — perguntou Mitchell, olhando para Célia.

— Ele acabou de me convencer a esse casamento. Eu o fiz esperar, e Evan teve de

me pedir várias vezes.

Dessa vez, Evan lhe apertou a mão com evidente represália. Ela sorriu e continuou:

— Eu finalmente o tirei do sofrimento e disse sim. Ele quer um noivado curto. — A declaração foi deliberadamente feita para provocar Bettina, uma vez que Evan prolongara o noivado deles. — Ele queria casar em Las Vegas, mas prefiro esperar para que nos conheçamos melhor.

Célia estudou as reações da família de Evan.

Lucy parecia cautelosa, enquanto Bettina obviamente a odiava. Mitchell tinha uma expressão arrependida, e Marshall assentia em aprovação. Ele deu um tapa nas costas do filho.

— Sua noiva é uma vencedora, filho. Aprovo inteiramente. Essa mulher o apoiará quando você estiver velho. Gosto dela.

Ótimo. Célia tinha a aprovação de seu futuro sogro falso. Olhou para Evan enquanto a culpa a inundava. Havia se empolgado, não resistindo à oportunidade de cutucar Evan. Mas levava as coisas longe demais.

Para sua surpresa, ele agora a olhava pensativamente, os olhos calorosos com uma expressão que ela temia analisar.

— Concordo plenamente — murmurou Evan. — Eu sou um homem de sorte.

EVAN MANTEVE um braço possessivo ao redor da cintura de Célia enquanto se dirigiam para o salão de bailes, onde todos tinham se reunido após o jantar.

Uma banda tocava e diversos casais estavam dançando, inclusive seus pais.

Sabia que a proximidade entre ele e Célia era apenas para demonstração, mas uma parte primitiva sua reconhecia o desejo de marcá-la publicamente como sua mulher.

Toda vez que olhava para Bettina, sentia-se grato e aliviado. Como chegara perto de um completo desastre. Uma mulher como Bettina jamais prenderia sua atenção por muito tempo. Ela não o desafiava.

Ele queria uma mulher inteligente e motivada, alguém que pudesse considerar uma parceira.

Alguém como Célia.

Mas graças à sua decisão de assinar o contrato com a Maddox... Ele ainda não contara isso a Célia... Um relacionamento entre os dois era impossível. Não que ele se importasse que ela trabalhasse para ele indiretamente, mas Célia jamais concordaria.

— Se você me apertar mais um pouco, alguém vai chamar a polícia — murmurou Célia.

Ele afrouxou o aperto na cintura dela e pediu desculpas.

— Vamos dançar — sugeriu ela. — Você está muito tenso. Ninguém vai acreditar que estamos noivos e felizes vendo-o assim tão sério.

— Tem razão. Desculpe. Eu me distraí.

— Tentarei não levar isso para o lado pessoal — provocou ela.

Evan relaxou e deixou-a puxá-lo para pista de dança. A música era lenta, dando-lhe a oportunidade perfeita para segurá-la contra seu corpo e sentir as curvas deleitáveis.

Eles se encaixavam com perfeição. Ele descansou o rosto contra a testa de Célia enquanto giravam lentamente ao redor do salão.

— Você foi fantástica no almoço hoje — disse ele contra seu ouvido. — Nunca pensei que meu pai iria se tornar seu grande aliado. Ele é um tipo chauvinista conservador.

Os ombros dela balançaram com a risada.

— Ele combinaria com a minha família, então. Meu pai e irmãos acham que minha única ambição na vida deveria ser ficar bonita e deixá-los cuidar de mim.

— Vou admitir uma coisa — disse ele com voz grave. — Embora eu aprecie e concorde com tudo que falou no jantar, existe um homem das cavernas sob meu exterior

civilizado. Posso entender por que sua família quer protegê-la e mimá-la. Acho que se você fosse minha, eu me sentiria da mesma maneira.

O olhar que Célia lhe deu não continha raiva ou condenação. Apenas interesse e alguma emoção indefinida.

— E às vezes acho que se você fosse meu, talvez eu o deixasse fazer isso — murmurou ela com voz rouca.

O corpo inteiro de Evan enrijeceu. A mão que estava nas costas dela subiu e fechou-se sobre a nuca delicada. Os olhos deles estavam conectados, e tudo que ele precisava era abaixar a cabeça. Só um pouquinho. Já podia sentir o gosto de Célia.

Evan abaixou a cabeça e ela deu um suspiro feminino em antecipação.

— Evan, você a está monopolizando por muito tempo.

A voz de seu pai soou em seus ouvidos e, num sobressalto, Evan afastou Célia de seu corpo por um breve momento. Marshall continuou parado ali, com expectativa.

— Vai me deixar dançar com ela?

Evan deslizou a mão de Célia dentro da mão de seu pai.

— É claro. Apenas não a roube de mim por muito tempo.

Marshall riu enquanto começava a dançar com Célia.

Evan observou seu pai girar Célia pela pista de dança. Em uma palavra, ela era magnífica. Ria de alguma coisa que ele falava, e o sorriso sincero iluminava o salão inteiro.

— Uma mulher incrível — comentou Mitchell.

Evan ficou tenso e virou-se para ver seu irmão parado lá, um drinque na mão.

— Onde está sua noiva? Não achei que ela o deixaria fora de visão até que os votos fossem trocados.

Mitchell deu de ombros.

— Ela está com mamãe, conversando sobre os arranjos da lua de mel. — Ele olhou novamente para Célia com o pai deles. — Você vai mesmo se casar?

— Existe algum motivo pelo qual eu não deveria? — questionou Evan.

— Ela não me parece seu tipo.

Evan o olhou com curiosidade.

— E qual é o meu tipo?

— Alguém como Bettina. Você parecia bastante obcecado por ela.

— Acho que é seguro dizer que não estou obcecado por Bettina.

— Posso ver por que você está atraído por Célia — disse Mitchell. — Ela é uma mulher linda. Aposto que é incrível na cama.

Evan virou-se furiosamente para seu irmão.

— Cale-se! Nunca mais fale o nome dela. Entendeu?

Mitchell sorriu e ergueu ambas as mãos em rendição.

— Tudo bem, entendi. Engraçado, você não ficou tão irritado quando descobriu sobre Bettina.

Mitchell saiu andando e Evan virou-se, irado por ter deixado seu irmão perturbá-lo.

— Evan, aí está você.

Evan suspirou quando sua mãe pegou-lhe o braço e insistiu em lhe apresentar pessoas que ele não tinha interesse em conhecer. Quando a música acabou, viu seu pai vindo na sua direção, mas Célia não estava em nenhum lugar à vista. Franzindo o cenho, Evan deu uma volta no salão até que a encontrou.

Ela estava dançando com Mitchell. Não parecia muito alegre, mas Mitchell sorria enquanto a segurava perto.

Uma fúria irracional o dominou. Tudo que pôde ver foi a história de Bettina se repetindo, apenas que dessa vez se importava. Aquela era Célia. Sua Célia.

Sem pensar que impressão daria para os outros, ele passou como um louco no meio da multidão, atropelando todos no seu caminho. Quando chegou a Mitchell e Célia,

segurou o braço do irmão e girou-o.

— O que... — começou Mitchell.

Evan o fez parar no meio da sentença apenas com um olhar.

— Com licença, Mitchell, mas já passei muito tempo longe da minha noiva.

Célia olhou para os dois irmãos em choque, mas não protestou quando Evan praticamente a arrastou para fora do salão de bailes e para o hall de entrada.

O predador fora libertado. De maneira alguma, ele assistiria passivamente seu irmão tentar conquistar o que era seu.

Andou em direção ao elevador, seu único pensamento sendo afastar Célia de todos. Apertou o botão e impulsionou-a para a frente. Assim que as portas se fecharam, pressionou-a contra a parede dos fundos e angulou a boca sobre a dela.

Foi como um fusível se incendiando. Desejo espalhou-se por cada fibra de seu ser. Ele não foi gentil. Devorou-a. Reivindicou-a.

Ela lutou por ar, e ele o roubou assim que Célia conseguiu recuperar um pouco.

— Evan, o que está...

A pergunta acabou num gemido quando a boca de Evan deslizou do queixo até o pescoço dela, provocando-lhe o ponto sensível abaixo da orelha.

Atrás dele, as portas se abriram e, sem parar de beijar-lhe o pescoço, ele os manobrou pelo corredor até a suite deles.

Estava em chamas. Não tinha pensamento racional. Seu único instinto era tomá-la. Fazê-la entender que ela lhe pertencia. Somente a ele.

Os olhos de Célia estavam confusos quando ele a inclinou contra a parede ao lado da porta. Com mãos trêmulas, Evan abriu a porta, fechou-a com o pé e a abraçou novamente.

Dessa vez, Célia também o agarrou, deixando claro que o queria tanto quanto ele a queria.

Roupas e sapatos foram removidos por mãos frenéticas, deixando uma trilha no chão até o quarto de Evan.

No momento que a parte traseira dos joelhos de Célia tocou a beira da cama, ela estava de sutiã e calcinha. Um conjunto cor-de-rosa delicado que acentuava cada curva deleitosa. Os seios eram generosos e firmes.

Evan começou a remover sua calça, e ela o ajudou a baixá-la.

— Deus, Célia. Sempre jurei que quando fizesse amor com você, eu iria saboreá-la por horas. Disse a mim mesmo que tocaria e beijaria cada centímetro do seu corpo sem pressa. Mas juro que se eu não possuí-la, vou explodir.

— Rapidez é bom — ofegou ela. — Podemos fazer devagar mais tarde.

— Graças a Deus.

Evan a deitou na cama e cobriu-lhe o corpo com o seu.

— Eu irei saboreá-la da próxima vez — prometeu ele entre beijos.

— Certo, mas, por favor, Evan, faça amor comigo agora.

Ele riu e capturou-lhe a boca com a sua.

— Doce, tão doce. Eu vou tomá-la, Célia. Vou tomar tudo que você tem a oferecer. Se você não quer isso, fale agora. Eu pararei. Isso vai me matar, mas eu pararei.

As mãos de Célia traçaram uma linha desde as têmporas dele até o maxilar.

— Tome-me, então — sussurrou ela.

CAPÍTULO DEZ

Célia estava deitada sob o grande corpo de Evan, o calor dele penetrando-a e percorrendo seu sangue de maneira sedutora.

Deus, como ela o queria. Seu desejo por Evan tanto a excitava quanto a assustava. Sabia que não deveria... Que não poderia... Entretanto, também sabia que não negaria.

— No que você está pensando? — perguntou ele.

Ela ergueu o olhar para fitá-lo. Evan estava apoiado sobre os braços, o corpo unido ao seu, e os narizes de ambos a meros centímetros.

— Eu estava pensando que nós não deveríamos fazer isso — admitiu ela.

— Mas?

Ela sorriu e acariciou-lhe o rosto.

— Mas eu não me importo. Deveria me importar. Deveria voltar para São Francisco. Nunca deveria ter concordado em ficar.

— Mas? — murmurou ele novamente, com voz rouca.

— Mas estou aqui, nos seus braços, e o quero tanto que estou disposta a correr o maior risco da minha vida. Não gosto disso sobre mim mesma. Não gosto de permitir que o desejo sexual domine minha cabeça. Isso é estúpido, irresponsável e...

Evan a silenciou com um beijo. Então, disse:

— Confie em mim, Célia.

Ela permaneceu imóvel, absorvendo a intensidade do olhar dele.

— Confie em mim para cuidar de você. Não deixarei que nada a machuque.

— Sobre o que você está falando?

— Vamos levar as coisas devagar. Bem, depois que formos rápido desta vez. — Ele sorriu, mudando de posição para que ela pudesse sentir sua excitação. — Somos adultos no controle de nosso próprio destino. Não existe problema que não possamos resolver juntos. Confie em mim.

Subitamente envolvida por uma sensação de paz, Célia abraçou-o pelo pescoço e o puxou para um beijo longo e apaixonado.

Confiar nele.

Evan fazia aquilo parecer tão simples. E talvez fosse.

Ela lhe mordicou o lábio.

— Faça amor comigo, Evan.

Com um gemido, ele inverteu as posições, colocando-a sobre seu corpo. Com dedos hábeis, abriu o fecho do sutiã e liberou os seios magníficos.

Ela o sentiu inalar profundamente antes que as mãos másculas segurassem seus seios, e as pontas dos dedos lhe provocassem os mamilos.

Célia gemeu em agonia. E quando Evan inclinou-se e tomou um dos mamilos sensíveis na boca, ela jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e deixou que o puro prazer se irradiasse em ondas pelo seu corpo.

Sem pressa, Evan usou a língua para provocar cada um dos mamilos, enquanto as mãos iam para o elástico da calcinha. Ele puxou, e Célia ouviu o tecido se rasgar.

— Eu lhe comprarei outras — sussurrou ele, rolando e colocando-a por baixo novamente.

— Comprar o quê?

— Calcinhas.

— Peças quase desnecessárias — murmurou ela.

Ele riu contra sua boca.

— Concorde plenamente.

— Falando em... Roupas de baixo, você ainda está usando uma.

Recuando entre os joelhos dela, Evan removeu a cueca, e ela olhou ousadamente para a extensão rija.

— Você gosta? — perguntou Evan.

Célia estendeu os braços, envolvendo-o nas mãos.

— Oh, sim, eu gosto.

Ele lhe apertou o braço.

— Célia, você não pode fazer isso. Estou muito perto. Preciso preenchê-la, ou vai acabar rápido demais.

Ela ergueu o corpo, curvando uma das mãos sobre o pescoço dele, mesmo enquanto lhe tocava de leve a rigidez com a outra.

— Saborear mais tarde. Lembra?

— Preservativo — disse Evan.

Ela lhe permitiu apanhar o preservativo na calça descartada. Segundos depois, Evan se acomodou de pernas abertas sobre seu quadril. Ele era grande e forte, fazendo-a se sentir pequena e indefesa, mas quando suas mãos deslizaram sobre a masculinidade, Evan fechou os olhos e tremeu inteiro.

Então tombou sobre ela, plantando as mãos em cada lateral da cabeça de Célia.

— Não posso esperar.

— Saborear mais tarde — ela o lembrou.

Com um sorriso brilhante, ele se inclinou para beijá-la, enquanto se apoiava num dos braços e lhe apartava as pernas com a outra mão, angulando-se para explorar as dobras femininas.

— Evan, por favor. Você está me matando. Apresse-se ou eu o deixarei para trás.

Ele inseriu um dedo dentro dela, então, satisfeito por Célia estar pronta, acomodou-se entre suas coxas. Penetrou-a com cuidado no começo, mas ao encontrar o calor úmido, investiu forte e fundo.

Célia arqueou as costas, agarrando-lhe os ombros e enterrando as unhas na pele dele.

A sensação era absolutamente magnífica. Ele a preenchia. Célia nunca se sentira tão viva, tão esplêndida, tão em sintonia em sintonia com o próprio prazer.

— Agarre-se a mim — ordenou ele com voz rouca.

Era um comando desnecessário. Ela não podia fazer qualquer outra coisa, enquanto Evan se movimentava em seu interior.

— Oh, Evan, por favor, eu preciso...

Célia nem sabia pelo que estava pedindo, apenas que morreria se não conseguisse. Seu corpo estava em chamas. Ela precisava...

Dedos másculos deslizaram entre os dois.

— Isso. Oh, meu Deus, isso.

O grito de Célia ecoou no quarto. Era a experiência de prazer e dor mais incrível que já sentira na vida. A tensão era tão intensa, tão insuportável, então, finalmente, ela explodiu.

O quarto escureceu ao seu redor. Ela piscou, mas tudo estava nublado. Tudo de que tinha ciência era de Evan em seu interior e das sensações maravilhosas que seu próprio clímax estava produzindo.

Ele murmurou seu nome, abraçou-a com força na última investida, antes de tombar sobre ela, o peito se movimentando pelo esforço.

As mãos de Célia relaxaram nos ombros largos, e começaram a acariciá-lo com suavidade.

— Você me deixa louco, Célia — disse Evan, a voz abafada contra seu pescoço.

Ela sorriu e continuou acariciando-lhe as costas, adorando sentir os músculos poderosos sob seus dedos.

Ele finalmente rolou para descartar o preservativo, então voltou para envolvê-la em seus braços de modo que ficassem um de frente para o outro.

— Isso foi... Sensacional.

Célia traçou-lhe os lábios com um dedo.

— Eu me senti bastante saboreada.

Evan sorriu e beijou-a, um beijo tão leve que enviou um arrepio pela coluna dela.

— Eu tenho uma fantasia. Bastante vívida.

— Preciso ouvir isso.

Ele lhe deu um tapinha no traseiro.

— Preste atenção quando um homem desnuda sua alma.

Ela riu e Evan continuou:

— Eu planejava gastar algumas horas fazendo amor com você, até enlouquecê-la. Então eu ia tomá-la de modo rápido e selvagem. — Ele fez uma pausa. — Como não aconteceu assim, agora, em minha fantasia, nós fazemos sexo de maneira rápida e selvagem, depois eu a saboreio por... Talvez uma hora. E em seguida, fazemos sexo rápido e selvagem de novo. Então você fica por cima e...

Célia pôs uma mão sobre a boca dele e riu.

— Já entendi. Você é insaciável.

— Somente por você — respondeu ele seriamente. — Você parece estrelar minhas fantasias mais vívidas.

O coração de Célia disparou com aquelas palavras. Evan soava tão... Sincero. Como eles haviam chegado àquele ponto?

— E quanto a você? Tem fantasias interessantes a meu respeito?

Ele parecia tão esperançoso que ela teve de rir. Inclinando-se para a frente, roçou a boca contra o peito sólido.

— Estou gostando muito da parte de saborear.

— Eu também — murmurou Evan, então ergueu-lhe o queixo para poder beijá-la novamente.

Evan era um homem de palavra. Passou cada minuto da hora seguinte enlouquecendo-a com as mãos e a boca. Não havia um centímetro de seu corpo que ele deixara intocado.

A língua sensual circulou o ponto mais sensível entre as dobras suaves da feminilidade. Evan a levou para muito perto do orgasmo, até fazê-la tremer descontroladamente, antes de preenchê-la.

Ele era perigoso. Célia não tinha proteção contra ele. Pior, não queria nenhuma. Evan poderia facilmente achar um caminho para dentro de seu coração.

Talvez já tivesse achado.

Aquilo deveria assustá-la, mas, em vez disso, uma sensação calorosa a envolveu. Contentamento.

Fitou-lhe os olhos e viu a si mesma. Viu os dois. Juntos.

Evan movimentou-se em seu interior. A tensão no rosto dele era evidente. Controlou-se até levá-la à liberação. Não ia dar vazão ao seu prazer antes que ela chegasse lá.

— Evan — sussurrou Célia contra a boca dele.

Evan a beijou ardentemente.

— Libere para mim.

As palavras ofegantes fizeram Célia se arquear contra ele, entregando-se sem reservas. Onda após onda do prazer mais maravilhoso a abalou até a alma.

Evan gemeu e a seguiu, até que ela não tivesse certeza onde o prazer de um

começava e o do outro terminava.

Ele se abaixou e ela o envolveu nos braços, acomodando-lhe a cabeça em seu peito, a boca de Evan muito perto de seu mamilo. Ele beijou um de seus seios, mas não se moveu. Os corações de ambos batiam um contra o outro, enquanto eles respiravam em silêncio.

O que poderia ser dito? Célia não tinha palavras. Elas apenas arruinariam o aconchego abençoado após uma experiência que ela não sabia descrever, de qualquer maneira.

— O fato de eu já estar fantasiando com você por cima e no controle faz de mim um canalha?

Ela sorriu.

— Assim que eu voltar a sentir minhas pernas, verei o que posso fazer sobre essa sua fantasia em particular.

CAPÍTULO ONZE

Acordar na cama com Evan não lhe trouxe nenhuma sensação de arrependimento. Não quando, ao abrir os olhos, registrou um corpo masculino fantástico entrelaçado ao seu, aquecendo-lhe o corpo e a alma.

— Bom dia — murmurou Evan contra sua testa.

— Hmm.

Ele riu e afastou-se por um momento.

— Droga.

— Não gosto dessa palavra — resmungou Célia. — Coisas ruins acontecem depois dessa palavra.

— Desculpe. Precisamos levantar.

— Que horas são?

— Meio-dia.

— Meio-dia? Nunca dormi até meio-dia na minha vida!

Evan sorriu e puxou-a para seu peito.

— Que bom que eu pude contribuir para sua ruína.

— Tão arrogante — disse ela. — Agora, solte-me, ou vou parecer uma mendiga no casamento do seu irmão. — Célia saiu dos braços dele. — Vamos, levante-se. Quanto antes acabarmos com isso, mais cedo podemos voltar para casa.

Duas horas depois, vestidos apropriadamente, eles se dirigiram para o terraço onde os noivos trocariam os votos. Quando chegaram à porta que levava ao lado de fora, Evan passou um braço ao redor de sua cintura e a puxou para seu lado.

Um calor subiu-lhe ao rosto, até que ela lembrou que aquilo era para mostrar aos outros. Não poderia se esquecer disso.

O lugar da cerimônia era bagunçado e sem estrutura. Todos se reuniam no terraço, olhando para a pequena baía, conversando e se socializando, até que o pai de Evan parou ao lado do arco floral e ergueu as mãos para pedir atenção.

— Se todos puderem se sentar, acredito que estamos prontos para começar.

Evan conduziu Célia para a primeira fileira de cadeiras, onde eles se sentaram ao lado de Lucy e Marshall. Segurou-lhe a mão firmemente até que Bettina apareceu.

Apesar da aparente indiferença, o comportamento de Evan mudou assim que a cerimônia começou. Os dedos dele se afrouxaram nos seus, até que Célia removeu a mão e colocou-a sobre o colo. Ele não tentou impedir a ação.

Com o olhar fixo em Bettina e no irmão, Evan não sorriu até o fim da cerimônia. Parecia petrificado. Sem emoções.

A situação piorou quando Lucy começou a olhar para ele, obviamente notando a frieza do filho.

O que fez Célia questionar se Evan ainda amava Bettina. Ele dissera que nunca a amara, mas, então, um homem como Evan se apaixonava?

O envolvimento dele com Bettina não podia ser considerado romântico. Evan tinha feito uma lista de noivas em potencial, e colocado um anel de noivado na primeira candidata adequada.

Então a cerimônia acabou, e de súbito Evan estava sorrindo mais uma vez. Célia prontamente esqueceu todas as preocupações e reservas.

Ele voltou a tocá-la com frequência, como se não pudesse manter as mãos longe dela. Enquanto eles esperavam no fim da fila de pessoas que entravam no hotel, Evan roçou-lhe a orelha com seu nariz.

—Vamos nos divertir na recepção — murmurou ele. — Você, eu, um pouco de dança erótica...

Ela riu enquanto se sentia cada vez mais relaxada. Era difícil lembrar-se de todos os motivos pelos quais não deveria se envolver com aquele homem, quando ele esbanjava charme.

De qualquer forma, Célia tinha poucas horas antes de precisar voltar ao mundo real. Planejava apreciar cada uma delas.

Eles dançaram. Músicas lentas e sensuais, assim como ritmos mais agitados. Evan era um dançarino incrível. Aparentemente, era bom em tudo que fazia.

Eles pararam um pouco, e Evan a deixou a fim de ir buscar drinques para os dois. Célia virou-se para ver Lucy se aproximando através da multidão, a expressão radiante.

— Célia! Que bom que eu a encontrei antes que Evan a leve embora de novo.

Célia sorriu calorosamente. Lucy pegou-lhe a mão.

— Eu não posso agradecê-la o bastante por ter vindo. É tão óbvio que vocês dois estão apaixonados.

Célia precisou se conter para não reagir àquela declaração. Óbvio? Como poderia ser? Tudo que havia entre os dois era luxúria, não amor. Um homem como Evan provavelmente tinha mais mulheres do que podia lidar.

Mas não levava nenhuma delas para o casamento. Tinha levado Célia.

Negócios, lembrou a si mesma. Conveniência.

— Vocês dois formam um casal tão lindo — continuou Lucy. — Espero que marquem logo a data do casamento. Não o faça esperar, embora eu saiba que ele merece. Quero que Evan seja feliz.

— Tenho certeza de que decidiremos uma data satisfatória para ambos — disse Célia diplomaticamente.

Lucy a envolveu num abraço caloroso.

— Foi uma alegria tê-la aqui, Célia. Estou ansiosa para encontrá-la novamente.

Lucy se afastou, sorrindo com sinceridade, e Célia se sentiu a pior das pessoas pelo fato de estar enganando aquela mulher.

— Oh, aí vem Evan com seu drink. Vou desaparecer agora e deixar vocês dois se divertirem.

Lucy soprou um beijo na direção de Evan e misturou-se com a multidão.

— Sobre o que vocês conversavam? — perguntou Evan, parando ao seu lado e entregando-lhe um cálice de vinho.

Célia fez uma careta.

— Ela dizia como está feliz com nosso futuro casamento.

— Ah, isso explica a expressão torturada nos seus olhos.

Evan circulou-lhe a cintura e a puxou para mais perto. Então, simplesmente a beijou.

Mesmo perplexa por aquela demonstração pública aparentemente impulsiva, Célia não pôde evitar corresponder ao beijo feroz e apaixonado.

— Sabe, não precisamos sair do hotel imediatamente — murmurou ele contra seus lábios. Meu avião pode decolar a hora que eu quiser. O que acha de voltarmos para o quarto?

Não. Eles precisavam voltar para casa. Ela necessitava acabar o fim de semana, de modo que pudesse recuperar a sanidade. Todavia, pegou-se sussurrando:

— Sim.

O brilho predatório estava de volta nos olhos de Evan. Ele pôs as taças de ambos na mesa mais próxima, então pegou-lhe a mão e praticamente a arrastou para fora da recepção. Eles correram em direção ao elevador como dois adolescentes com hormônios desequilibrados.

Ao entrarem no quarto, ele a pegou nos braços e a carregou diretamente para a cama, deitando-a lá e dando um passo atrás para remover as próprias roupas.

Célia se inclinou sobre um cotovelo para apreciar o físico dele.

— Sabe — começou ela timidamente —, há uma de suas fantasias que ainda não realizamos.

Arqueando as sobrancelhas, ele subiu na cama e pairou perigosamente sobre ela.

— Oh, verdade? Qual?

Célia rodeou-lhe o pescoço com os braços e puxou-o para um beijo. Depois deslizou a boca para a orelha dele e sussurrou em detalhes sobre que fantasia estava falando.

O avião de Evan aterrissou em São Francisco perto de meia-noite. Ele a ajudou a descer os degraus e parou ao seu lado na pista enquanto esperavam que o carro se aproximasse.

Ele lhe afastou uma mecha de cabelos do rosto. Na verdade, Célia estava desalinhada da cabeça aos pés. O que tinha começado como um rápido interlúdio se transformara numa tarde de puro hedonismo. Eles haviam feito amor mais vezes do que ela podia contar.

— Tem certeza que não vai me deixar levá-la para casa? — perguntou Evan, olhando entre ela e o carro que agora estava parado a poucos metros.

Célia meneou a cabeça.

— Não, você ainda precisa voar para Seattle, e já passa da meia-noite. Ficarei bem. Seu motorista vai cuidar de mim.

Ele pensou em insistir, mas Célia ergueu a mão. O diamante brilhou na luz dos faróis do carro. Lentamente, ela removeu o anel do dedo e colocou-o sobre a palma de Evan.

— Não preciso mais disso.

Ele franziu o cenho enquanto olhava para a jóia delicada em sua mão.

Era ridículo que aquilo parecesse um rompimento verdadeiro. O coração de Célia se comprimiu, e ela teve a vontade absurda de pegar o anel de volta e pôr no seu dedo.

Erguendo-se na ponta dos pés, deu-lhe um beijo no rosto.

— Adeus, Evan. Faça uma boa viagem.

Célia virou-se e permitiu que o motorista a conduzisse para o banco de trás. Enquanto o veículo partia, viu Evan parado no mesmo lugar que ela o deixara, a mão fechada sobre o anel. Eles se entreolharam através da janela até que o carro se afastou demais e o contato foi perdido.

CAPÍTULO DOZE

Evan enfiou a mão no bolso e retirou o anel de noivado que Célia lhe devolvera na noite anterior. Deixou-o descansar sobre a palma para capturar a luz.

Por um longo tempo, permaneceu olhando para o diamante antes de fechar a mão sobre a jóia. No momento que seu motorista parou o carro na frente da Maddox Comunicações, ele guardou o anel de volta no bolso.

Célia não o estava esperando. Ora, ele não imaginava estar lá. Deveria ter voado para Seattle. Tinha muitos assuntos a resolver, inclusive falar com sua equipe sobre Noah Hart. Eles precisavam pensar numa oferta irrecusável.

Todavia, lá estava ele, descendo diante do prédio de Célia porque precisava vê-la novamente. E isso não tinha nada a ver com negócios.

Instruiu seu motorista para aguardá-lo. Então entrou no edifício e pegou o elevador para o sexto andar.

No instante que saiu, ficou impressionado com o ambiente moderno e aconchegante da Maddox Comunicações. Muita atenção era dada ao conforto, e funcionava, porque ele se sentiu relaxado.

Duas enormes televisões de plasma estavam posicionadas de cada lado da mesa de recepção, e as últimas campanhas de propaganda da Maddox apareciam numa série de comerciais.

Atrás da mesa, uma jovem de aparência alegre sorriu quando ele se aproximou.

— Bom dia, e bem-vindo à Maddox Comunicações.

Evan retornou o sorriso.

— Pode dizer a Célia Taylor que Evan Reese está aqui para vê-la?

A súbita expressão alerta nos olhos da recepcionista o informou de que sabia quem ele era. Mas ela logo se recuperou. De modo eficiente, rodeou o canto de sua mesa e gesticulou em direção a um conjunto de sofás na sala de espera.

— Sente-se. Vou avisá-la imediatamente. Gostaria de um café?

— Não, obrigado.

Ela se virou para seguir um corredor interno, deixando Evan ali. Em vez de se sentar, ele andou até a janela para olhar a rua.

Alguns momentos depois, ouviu o barulho de passos e virou-se para ver Célia se aproximando, uma expressão confusa no rosto.

— Evan — cumprimentou ela. — Pensei que você tivesse voltado para Seattle. Alguma coisa errada?

Ela estava agindo de maneira totalmente profissional. Irritava-o que Célia já estivesse se distanciando da experiência compartilhada com ele no fim de semana. Deveria ser ele a se afastar. Deveria tê-la tirado da cabeça depois de amá-la sexualmente mais vezes do que podia contar.

Mas não conseguira, motivo pelo qual estava parado ali, tentando surgir com uma desculpa para revê-la.

— Não há nada errado. Meus planos mudaram. Pensei que pudéssemos almoçar. Se você estiver livre, é claro.

Célia consultou o relógio num movimento nervoso, obviamente pensando numa desculpa para negar seu convite.

— Eu gostaria muito de almoçar com você, Célia.

Ela mordiscou o lábio. Evan aproveitou o momento para se aproximar e segurar-lhe o braço.

Alarmada, ela quebrou o contato, dando um passo atrás, enquanto olhava freneticamente em todas as direções.

— Pelo amor de Deus, Evan, aqui não — sussurrou Célia, a mão tremendo quando alisou os cabelos.

Ele arqueou uma sobrancelha com a veemência dela, mas manteve distância.

— Almoço?

— Tudo bem. Vou buscar minha bolsa. Eu o encontro lá embaixo.

A rejeição de Célia o magoou. Estava acostumado a tomar as decisões no que se tratava de mulheres e relacionamentos.

Deus, agora estava pensando em Célia em termos de relacionamento? A única coisa que deveria pensar era no quão rapidamente poderia levá-la de novo para cama, de modo que talvez pudesse se livrar da dor latejante que sentia quando ela passava por sua mente.

Passava por sua mente? Como se fosse assim! Célia vivia na sua mente. Ele não gostava disso, mas estava impotente para livrar-se do assalto que ela provocava em seus sentidos.

Evan a olhou por um longo momento, e só concordou porque sentia que ela estava pronta para fugir.

— Tudo bem. Mas, Célia... Eu não gosto de esperar.

Célia virou-se antes que explodisse. Gostaria que pudesse pôr a culpa em sua própria raiva e na arrogância dele, mas tinha ficado atônita quando Shelby entrara em sua sala para dizer que Evan Reese estava lá para vê-la.

A euforia de felicidade que sentiu a perturbou. Então a suposição arrogante de Evan de que ela largaria tudo para almoçar com ele... Que não gostava de esperar. Quem ele pensava que era?

Célia suspirou ao pegar sua bolsa. Por onde começar? Evan era um cliente importante. O cliente mais importante de sua carreira. Então havia o fato de que ela agira como sua noiva falsa, e... Dormira com ele. Repetidas vezes.

Um rubor subiu-lhe ao rosto quando pensou na frequência com que eles tinham feito sexo. Haviam experimentado todas as fantasias de Evan, e algumas suas também.

Ela esperava alguns dias para se recuperar do fim de semana antes de vê-lo novamente.

Com tudo aquilo que acontecera, Célia nem mesmo mencionara a abertura da temporada de jogos para Evan.

Aquela era uma boa desculpa para acompanhá-lo ao almoço. Pelo menos assim poderia fingir que tudo se tratava de negócios.

Quando saiu do prédio, Evan estava parado na calçada, uma mão descansando na porta traseira aberta do carro, a outra dentro do bolso. Parecia muito arrogante. Como se não pertencesse ao mundo, mas o possuísse.

Ele gesticulou para que ela entrasse no carro, então se acomodou ao seu lado e fechou a porta.

— Pensei em comermos num pequeno restaurante que conheço. Não é famoso, mas a comida é excelente, e proporciona privacidade.

Célia ergueu o queixo e o fitou friamente. Esperou que parecesse tão serena quanto queria mostrar que estava.

— Esse é um almoço de negócios, Evan? Por que você foi ao meu escritório hoje?

Ele a olhou com expressão levemente divertida.

— Nós dormimos juntos, Célia. Considerando isso, não acho que um almoço seja nada tão escandaloso.

Célia cerrou o punho. Queria fechar os olhos e gemer. Duvidava que ele entendesse

por que era tão importante para ela que não houvesse dicas de nada inapropriado acontecendo entre eles. Evan era do tipo que nunca deixava que os pensamentos dos outros regreassem sua vida. Ela gostaria de ser assim, mas infelizmente não conseguia.

— Evan.

— Sim?

Ele sorria quase como se achasse a situação divertida. O que a irritou.

— Não podemos fazer isso. Simplesmente não podemos. Esse fim de semana foi um grande erro. Eu não quero ser uma dessas mulheres que dizem não, depois dizem sim, e então passam a semana seguinte castigando-se por sua fraqueza. Eu não devia ter dormido com você. Deixei meu cérebro para trás quando fomos à Catalina. Sabia no que estava me envolvendo. Não me entenda errado. Não o culpo ou acho que você me manipulou a fazer sexo. Sou uma garota crescida, e sabia muito bem o que estava fazendo. Todavia, isso não torna minha atitude menos estúpida.

Evan a puxou para seus braços e calou-a com um beijo. Não um simples beijo. Um beijo ardente e feroz, fazendo-a se derreter contra ele.

Sim, ela era uma daquelas mulheres tolas à mercê dos hormônios.

Pondo ambas as mãos no peito dele, empurrou-o até colocar alguma distância entre os dois.

— Pare de me beijar!

Ele deu um sorriso sensual.

— Mas gosto de beijar você, e tento nunca negar a mim mesmo os pequenos prazeres da vida.

Ela conteve uma risada a tempo.

— Evan, seja sério por um minuto, por favor. Pare de me beijar e de me tocar.

Ele ergueu as mãos em rendição.

— Tudo bem, não vou tocar você.

Célia cruzou os braços de maneira protetora sobre o peito e afastou-se no assento o máximo que foi capaz. Por que havia concordado em almoçar com ele? Por quê?

Porque você é masoquista e não pode resistir a ele.

O resto da jornada foi passada em total silêncio. Quando eles finalmente pararam diante do restaurante que se gabava de ter os melhores frutos do mar da costa oeste, ela arqueou uma sobrancelha cética.

— Experimente primeiro, então diga se discorda — murmurou Evan, alegremente.

Ele estava se tornando muito hábil em ler sua mente, e aquilo a irritava, especialmente uma vez que Célia não tinha ideia do que se passava pela cabeça dele. Temia descobrir.

Quando desceu do carro e olhou ao redor, teve de lhe dar crédito. Para um homem que não se importava se eles fossem vistos juntos ou não, escolhera um restaurante onde provavelmente não seriam vistos por ninguém que conhecia.

Evan a conduziu para dentro do lugar rústico e charmoso, cuja decoração era aconchegante e de bom-gosto.

Os dois se sentaram num canto, onde a única iluminação vinha de um lampião a gás colocado no centro da mesa.

— Eu me sinto como se estivesse no meu primeiro encontro romântico — comentou ela depois que Evan pediu o vinho.

Ele sorriu e alçou as sobrancelhas de modo sugestivo.

— O fato de eu ser sincero, dizendo que planejo tê-la na minha cama esta noite, faz de mim um imbecil menor?

Célia respirou fundo até que se sentiu curiosamente tonta. Suspeitava daquilo, é claro, mas ouvi-lo falar sem rodeios era mais sexy do que deveria ter sido.

— Eu preciso voltar ao trabalho — murmurou ela.

Evan assentiu.

— É claro. Eu não pretendia roubá-la para um encontro clandestino à tarde, embora a ideia tenha seu mérito. Imagino se seus colegas de trabalho chamariam a polícia.

Ela o olhou... Determinada a não rir. Mas não conseguiu esconder um pequeno sorriso.

O garçom apareceu com os pratos, e Célia piscou, porque não se lembrava de ter pedido. Olhou para sua taça de vinho pela metade e não se recordou de ter bebido um único gole. Evan causava mal ao seu cérebro. Era como uma doença da qual ela não sobreviveria.

— Evan — começou Célia, e se calou quando o tom de voz parecia mais um lamento triste que um protesto.

— Enviarei um carro para você, Célia. Ninguém precisa vê-la entrando num veículo comigo. Posso pedir que meu motorista a apanhe na agência, ou, se preferir, no seu apartamento. Amanhã, ele a levará para casa a tempo para que você se prepare para o trabalho.

Por que ela não recusava imediatamente? Em vez disso, estava contemplando a ideia de ter um encontro ilícito com seu amante.

Tremeu com a palavra *amante*. Evan era fantástico na cama e insaciável. Sabia como dar prazer a uma mulher, e era o amante mais altruísta que ela já tivera. A mera ideia de passar a noite com ele a excitava demais.

Célia comeu distraidamente, não registrando o gosto dos alimentos.

— Você age como se o fato de fazermos amor fosse um crime — murmurou ele numa voz estranhamente terna.

Ela umedeceu os lábios e ergueu a cabeça para fitá-lo. Nos olhos verdes viu os corpos de ambos se ondulando. O seu e o de Evan. Em perfeita sintonia. Uma visão tão linda e prazerosa que ela fechou os olhos para mergulhar na fantasia.

— Diga sim.

A voz de Evan acariciou-a como os dedos másculos tinham feito. Um arrepio delicioso percorreu todo seu corpo.

— Célia — incentivou ele.

Finalmente, ela abriu os olhos e o encarou.

— Sim — sussurrou.

CAPÍTULO TREZE

Célia entrou no seu escritório com uma sensação de expectativa. Já sabia que olharia para o relógio até a hora de ir embora, então correria para casa a fim de se arrumar para sua escapada com Evan.

Ela deu um sorriso travesso para combinar com o plano de Evan. Um plano perverso e proibido que a excitava imensamente.

Com um suspiro, sentou-se na cadeira atrás de sua mesa para checar os *e-mails*. Não planejava sair para almoçar. Na verdade, levava um lanche de casa, pretendendo comer à sua mesa. Depois de perder a sexta-feira de trabalho, havia passado a manhã ouvindo Jason reportar sobre as reuniões com os clientes dela que ele cobrira, e então pegara os recados.

Ela gemeu enquanto sua caixa de correspondência eletrônica carregava infinitos e-

mails. Deletou diversos, enviou respostas breves para outros e deixou alguns para responder mais tarde.

Estava quase no fim quando de repente viu o nome Lucy Reese. A mãe de Evan? Por que estava lhe enviando um e-mail, e como conseguira seu endereço eletrônico?

Uma onda de culpa a assolou. Lucy era uma boa pessoa, e Célia detestava mentir para ela.

Clicou na mensagem, a qual começava alegremente, com Lucy dizendo mais uma vez o quanto estava feliz que Célia e Evan haviam se encontrado. Expressava o desejo de rever Célia e esperava que Evan a levasse a Seattle para uma visita.

Outra onda de culpa devastou Célia.

A mensagem acabava com um breve comentário sobre as fotos anexas do casamento, que ela achava que Célia apreciaria.

Célia abriu o anexo e sorriu. As fotos eram de Evan e ela na recepção do casamento. Eles pareciam felizes e... Apaixonados.

Em uma, estavam dançando, em outra, ele a olhava com uma expressão terna, e a última era quando Evan a beijava. A mão de Célia descansava no peito dele, e o brilho do anel contrastava com o preto do smoking de Evan. Suas bocas estavam unidas, e era óbvio para qualquer um que visse a foto que eles estavam em perigo de entrar em combustão ali, no meio da festa lotada.

Por diversos minutos, ela debateu se deveria ou não responder ao e-mail de Lucy. Parecia rude não responder, mas também era terrível prolongar a charada.

Finalmente, contentou-se com um breve agradecimento, acrescentando que também tinha gostado de conhecer Lucy, o que era verdade, independentemente de seu relacionamento inexistente com Evan.

Ir escondida para o quarto de hotel de um homem depois do trabalho certamente não podia ser considerado um relacionamento.

O interfone tocou, tirando-a dos pensamentos.

— Célia, consegui uma empresa de limpeza disposta a mandar alguém para limpar a casa de Noah Hart.

— Corajosos — murmurou Célia.

— O que você disse?

— Nada. Tem detalhes de quando a pessoa vai começar? Pode me mandar um e-mail com o nome da agência e informações para contato?

— É claro.

Houve uma pausa distinta, então Shelby perguntou de maneira hesitante:

— Então, você vai me contar sobre Noah Hart? Sobre como o conhece e por que está lhe arranjando uma empregada.

— Não — replicou Célia brevemente.

Ela desligou o interfone, sabendo que, apesar de gostar de fofocar, Shelby entenderia a dica e não insistiria.

Ela checkou seu *e-mail* e reencaminhou para Noah as informações que Shelby lhe passou. Depois olhou para o telefone e suspirou. Noah era um desastre no que se tratava de *e-mails*. Não se importava com os métodos avançados de comunicação. Se o assunto não podia ser dito pessoalmente ou ao telefone, ele não tinha muito interesse, o que enlouquecia seu empresário. Simon Blackstone preferia os métodos impessoais de *e-mails* e mensagens de texto, mas se quisesse falar com Noah, precisava pegar o telefone. Célia estava convencida de que Noah fazia isso apenas para irritar seu empresário.

De qualquer forma, era melhor ligar e deixar um recado no celular de Noah, ou só Deus sabia com o que a empregada ia se deparar ao chegar à casa dele.

Após deixar o recado e desligar, de repente percebeu que tinha se esquecido de mencionar o jogo para Evan.

Como podia ter sido tão tola? Com tudo que tinha acontecido no fim de semana, o

jogo desaparecera de sua mente. Mesmo quando fizera a proposta e falara com Evan sobre Noah, não mencionara a abertura dos jogos.

Talvez Evan já tivesse compromisso para a data. O jogo era na noite anterior à apresentação formal, e ele provavelmente voaria na manhã da reunião deles.

— Estúpida, estúpida — murmurou.

Seria rude mencionar isso naquela noite? Durante a pequena fuga deles para sexo? Se quisesse colocá-lo na frente de Noah num cenário casual, então precisaria agir rapidamente e esperar que Evan já não tivesse compromissos agendados.

Célia olhou para cima quando ouviu uma batida à sua porta. Brock estava parado ali, um sorriso amplo no rosto.

— Ei, nós queremos nos reunir no Rosa depois do trabalho hoje. Você é a estrela e iremos brindar com muito álcool. Será uma boa reunião preparatória para a apresentação na sexta-feira.

Um nó de apreensão se formou no estômago de Célia. A última coisa que queria era uma noite barulhenta no bar Rosa com seus colegas de trabalho. Em outro momento qualquer, teria adorado a ideia. Os funcionários da Maddox Comunicações regularmente se reuniam no bar elegante a apenas uma quadra de distância. Era aonde iam a fim de comemorar, lamentar ou apenas para relaxar após um dia exaustivo.

A última comemoração no bar tinha sido depois que Jason conseguira a conta Prentice. Agora Brock queria prestigiá-la.

— Eu adoraria, Brock, mas já tenho planos para a noite. Planos importantes — acrescentou após uma pausa. — Além disso, prefiro não comemorar antes de fecharmos o negócio, apesar de ter certeza que isso vai acontecer na sexta-feira.

Ele assentiu.

— Eu entendo. Nós iremos, e comemoraremos a primeira vitória. Apenas uma desculpa para beber um pouco. Mas se fecharmos o negócio, esteja preparada para celebrar uma grande vitória.

Ela sorriu.

— Mal posso esperar.

— Certo. Cuide-se. Eu a vejo amanhã. — Brock começou a sair, mas parou e virou-se novamente. — Oh, Célia, se eu ainda não lhe agradei, obrigado. Você fez um trabalho magnífico. Duvidei de sua abordagem no começo, mas você foi brilhante.

O coração de Célia disparou. Ela teve vontade de erguer os braços no ar com um grito de triunfo. Mas conteve-se.

— Obrigada por sua confiança — disse ela o mais calmamente possível.

Com uma breve saudação, ele desapareceu no corredor, deixando Célia rindo sozinha.

Às 16h45, Célia se dirigiu ao elevador... Quinze minutos antes do fim do expediente, para não encontrar a maioria de seus colegas de trabalho. Não queria explicar por que não iria com eles ao bar.

Quando chegou ao seu apartamento, reconheceu o carro em frente ao prédio e o motorista parado na calçada ao lado do veículo. Com um suspiro, ela parou seu BMW na rua e abriu a janela.

— Não vou demorar.

O motorista sorriu, inclinou o chapéu e respondeu:

— Sem pressa, srta. Taylor. Fique à vontade.

Célia estacionou na garagem e apressou-se para seu apartamento. Já se despiando enquanto andava, foi à gaveta para procurar o conjunto de lingerie mais sexy que possuía. Escolheu um cor-de-rosa. Uma cor feminina e suave. Uma vez que Célia era ruiva, usar roupas cor-de-rosa não era uma opção. Mas podia usar lingerie cor-de-rosa.

Incerta se voltaria para seu apartamento antes de ir para o trabalho no dia seguinte... E ela gostava de estar preparada para qualquer coisa... Jogou um traje numa sacola de

couro, juntamente com artigos de banho e outro conjunto de lingerie.

Checou rapidamente as mensagens, então fez uma coisa que nunca fazia. Desligou seu celular e enfiou-o na sacola. Esta noite era sua. Não precisava de lembretes do mundo profissional. Se ia embarcar numa fantasia, embarcaria de cabeça.

Toda aquela experiência era muito excitante, pensou Célia enquanto o motorista a levava, e ela olhava pela janela do carro. Podia ser amante ao chamado de seu benfeitor milionário, discretamente aconchegada num carro particular, indo encontrá-lo num local secreto.

— Caia na realidade, Célia — murmurou para si mesma. Deus, perdia todas as suas células cerebrais quando se tratava de Evan Reese. Se não fosse cuidadosa, jogaria fora toda sua independência e o esperaria à porta todas as noites, usando um avental e segurando uma travessa quente na mão.

Estranhamente, a imagem não foi tão desagradável assim. Pelos primeiros segundos, pelo menos. Ela não pôde conter uma gargalhada.

O motorista a olhou pelo retrovisor, e Célia valentemente tentou recuperar as feições sérias. Se ele soubesse os pensamentos absurdos que ela estava processando.

Se fosse uma garota dada a grandes fantasias, teria vestido somente um casaco elegante por cima da lingerie sexy. Então, quando entrasse no quarto de Evan, descartaria o casaco e observaria a reação dele.

A ideia certamente tinha mérito, e se algum dia recebesse outro convite como o dessa noite, pensaria a respeito.

Alguns minutos depois, o motorista parou diante do suntuoso hotel que Evan residia quando estava na cidade, e Célia foi imediatamente cumprimentada pelo porteiro, que lhe entregou um cartão-chave.

— O sr. Reese deseja que a senhorita suba imediatamente — disse o homem mais velho.

Célia enrubesceu pela aparência que sabia que aquilo causava. Como se ela fosse alguma prostituta ou amante... E tudo estivesse programado para um encontro clandestino.

Agradecendo, Célia passou pelo porteiro e pegou o corredor que levava aos elevadores. Enquanto andava, tinha a impressão de que todos sabiam para que ela estava lá.

No elevador, inseriu a chave e apertou o botão para a cobertura. Logo estava no corredor assustadoramente silencioso. Os quartos deviam ser enormes porque havia somente quatro portas. A de Evan era no final, e ela respirou fundo antes de inserir a chave na fechadura.

Quando abriu a porta e entrou, imediatamente viu Evan parado do outro lado do quarto, um drinque na mão, olhando-a fixamente. Ele estivera esperando. Célia podia sentir a impaciência dele e ver a expressão de triunfo quando ela fechou a porta.

Ela permaneceu ali, imóvel, e Evan pôs o copo de lado e atravessou o quarto em passos longos.

— Você veio — murmurou ele, antes de envolvê-la em seus braços e beijá-la. Não foi gentil ou particularmente cuidadoso. Os corpos de ambos se uniram quase com desespero.

— Você achou que eu não viria? — perguntou Célia quando conseguiu recuperar o fôlego.

— Se você não viesse, eu estava preparado para ir ao seu apartamento e arrastá-la para cá.

Todas as preocupações desapareceram. Nada mais importava, exceto o desejo intenso que sentiam um pelo outro.

— Da próxima vez eu não virei. Tenho minha própria fantasia onde um homem primitivo me arrasta para sua caverna.

Evan gemeu, e, antes que ela pudesse reagir, ele a tinha em seus braços, e a carregava em direção ao quarto.

CAPÍTULO CATORZE

Eles conseguiram chegar até a cômoda. Evan a sentou sobre a superfície polida de madeira e posicionou-se entre as pernas abertas de Célia.

— Eu jurei saborear primeiro desta vez — murmurou ele contra sua boca. — Mas quando vejo você, perco totalmente a razão.

Ela enlaçou as pernas ao redor das costas dele e puxou-o para perto de seu sexo.

— Alguém já lhe disse que você fala demais?

— Nunca uma mulher — respondeu Evan antes de beijá-la ardentemente.

A excitação de Célia escalou quando Evan rasgou-lhe a blusa e removeu-a. Mãos másculas lhe acariciaram a pele com movimentos frenéticos.

A respiração de Evan era quente em seu queixo. Ele traçou uma linha de beijos até sua orelha, então mordiscou-lhe o lóbulo.

Arrepios a percorreram antes que ela começasse a tremer descontroladamente.

Ele deu um passo atrás, descendo as mãos para a cintura da calça de Célia. Com a respiração ofegante, olhou-a.

— Você é tão linda.

Evan ergueu um dedo para prendê-lo na alça do sutiã. Deslizou-a então, roçando o mamilo rijo e saliente.

— Amei a lingerie.

Célia inclinou-se contra a cômoda, descansando as mãos no topo para lhe dar melhor acesso aos seus seios.

— Você é tão cruel, não é? — brincou ele, segurando-lhe a cintura e abaixando a cabeça para o vale entre os seios. Beijou e mordiscou a pele sensível, até que ela estivesse gemendo e lutando por fôlego.

Somente então Evan abriu o fecho do sutiã e liberou os seios para deleite de ambos. Provocou cada um dos seios e cada um dos mamilos com a boca, enlouquecendo-a de prazer.

— Evan — sussurrou Célia, entrelaçando as mãos nos cabelos dele.

Sem deixar os seios dela, Evan usou as mãos para desabotoar-lhe a calça. Ergueu-lhe o quadril e Célia ajudou, dando-lhe espaço para que ele puxasse sua calça para baixo. Quando a calça caiu no chão, Evan deu um passo atrás, seu olhar percorrendo todo o corpo dela.

Célia se sentia linda e desejável. Até mesmo irresistível. Apreciação não descrevia adequadamente o que via nos olhos verdes. Aquele era um homem que tinha olhos só para ela. Não havia outras mulheres.

— Não posso dizer que já fantasiei sobre fazer sexo com uma mulher no topo de uma cômoda, mas estou reavaliando. Posso ver os atrativos.

Ela se moveu mais para a beirada. No momento, queria-o tanto que mesmo a pequena distância parecia demais.

Evan enganchou os dedos por baixo do elástico da calcinha e deslizou-os para o ponto quente e úmido. Ela se inclinou para trás, fechou os olhos e gemeu, enquanto ele continuava com sua exploração.

A sensação daquelas mãos roçando seu traseiro enquanto ele lhe removia a calcinha foi o bastante para enlouquecê-la de vez. Precisava tê-lo com urgência.

Então estava nua sob o olhar e dedos másculos. Evan a acariciou até deixá-la totalmente ofegante.

— Isso não é justo. Você ainda está vestido.

Ele lhe deu um pequeno sorriso antes de remover as próprias roupas rapidamente. Então, ajoelhou-se diante da cômoda, deslizando as mãos de modo sensual ao longo das pernas dela, enviando fogo com os toques mais leves.

Célia prendeu a respiração quando ele lhe entreabriu as coxas e pressionou a boca na sua carne mais íntima.

— Oh...

Foi tudo que ela pôde murmurar. Seu mundo estava girando. Nadava em águas que nunca navegara antes.

Ele tinha talento. Era generoso. Mesmo quando estava a ponto de explodir, levava-a para a beira do êxtase antes de satisfazer as próprias necessidades.

— Evan, por favor!

Ele se ergueu, agarrou-lhe os joelhos e puxou-a para frente até que Célia estivesse bem na beirada da cômoda novamente. Então pausou tempo o bastante para vestir um preservativo, encontrou o centro úmido e penetrou-a.

Evan segurou-lhe as nádegas com firmeza para que ela encontrasse suas investidas. Ele estava profundo, e Célia o sentia em cada parte de sua alma. Evan era uma parte sua, tomando, dando e compartilhando.

Ele se inclinou e enterrou o rosto no pescoço dela enquanto se movimentava.

Célia envolveu braços e pernas ao redor dele até que não houvesse um único milímetro de espaço entre os dois. Ainda enterrado em seu interior, Evan ergueu-a e carregou-a em direção à cama. Caiu, levando-a consigo.

— Cavalgue-me — disse ele com voz estrangulada.

As pupilas de Evan estavam dilatadas e as mãos seguravam seu quadril com tanta força que ela não pôde fazer nada além de contrair seus músculos internos ao redor da virilidade.

— Meu Deus — Evan gemeu.

Ela não ia aguentar, e não podia fazer nada sobre isso. Precisava de mais. Tinha de se mover.

Posicionando as palmas abertas sobre o peito largo, liberou-se do aperto dele e começou os movimentos, acelerando o ritmo.

Com suor escorrendo das sobrancelhas, Evan a olhava fixamente. Preencheu as mãos com os seios e roçou os polegares sobre os botões dolorosamente eretos.

— Eu não aguento mais — sussurrou ela.

— Então vamos liberar juntos.

Ele deslizou as mãos para o quadril dela, erguendo-a e abaixando-a no ritmo de suas investidas, enquanto levava ambos para o topo do paraíso.

Célia jogou a cabeça para trás e emitiu um grito de agonia. A agonia mais doce e mais maravilhosa de sua vida.

As mãos fortes deixaram seu quadril para se entrelaçarem em seus cabelos. Ele ergueu o corpo, puxando-a para um beijo apaixonado. Freneticamente, acariciou-lhe as costas, os cabelos, o rosto, como se não pudesse ter o bastante e quisesse memorizar cada aspecto.

E então foi como se o mundo tivesse ficado silencioso. Como uma onda rolando e estourando em milhões de pequenas ondas, cada uma alimentando a outra.

Célia não tinha ideia de quanto tempo ficou deitada sobre Evan, seu coração batendo tão forte que ela literalmente sentia cada batida. Os braços dele a circulavam agora, e as pernas de ambos estavam entrelaçadas. Evan ainda estava enterrado em seu interior, e ela podia sentir os remanescentes do orgasmo dele. Cada pequena pulsação enviava um choque de reação pelo seu corpo.

Devagar, Célia tornou-se ciente de que ele lhe acariciava as costas e os cabelos, sussurrando palavras doces no seu ouvido, mas que não faziam sentido.

— Acho que estraguei tudo de novo.

Ela sorriu e aninhou a cabeça sob o queixo dele, roçando-lhe o peito.

— Acho que estraguei tudo primeiro.

Evan riu.

— Você é uma garota tão safada.

Tentando reunir energia, ela levantou a cabeça e apoiou-se sobre o peito sólido, de modo que pudesse fitá-lo. O que viu fez seu coração disparar.

Ele parecia contente. Saciado, mas não apenas de um jeito sexual. Parecia à vontade, como se eles estivessem juntos desde sempre. Oh, sua imaginação era fértil, sabia disso. Mas quando Evan a olhava assim, com o mundo nos olhos, um mundo onde apenas ela existia, era difícil não ser pega na fantasia que eles haviam criado entre os dois.

Evan deslizou um dedo gentil sobre sua boca.

— No que você está pensando?

— Tenho quase certeza que um homem não deveria perguntar para uma mulher no que ela está pensando logo após o sexo.

— Tenho quase certeza que todas as mulheres gostam de conversar depois do sexo. Bem, conversar e se aconchegar, creio eu.

Ela sorriu e inclinou-se para beijá-lo.

— Gosto da parte do aconchego.

Ele a envolveu nos braços e rolou até que eles ficassem deitados de lado.

— Você não é muito de falar, não é?

Célia abaixou-se e cuidadosamente removeu-lhe o preservativo. Evan desceu a mão para impedi-la.

— Eu faço isso.

Mas ela já terminara. Beijou-o novamente e saiu da cama para descartar o látex. Quando olhou para trás, ele estava apoiado em uma mão, observando-a intensamente.

O corpo nu másculo era uma visão maravilhosa. Mesmo em estado relaxado, as proporções eram generosas, para dizer o mínimo.

— Se você continuar me olhando assim, terei de começar tudo de novo.

— Você só tem um preservativo? — provocou Célia.

Num movimento hábil, Evan agarrou-lhe o braço e puxou-a de volta para seu lado.

— Tenho uma caixa inteira.

Ela riu.

— Uma caixa? Está planejando uma orgia?

— Talvez eu tenha exagerado... Um pouquinho. Mas só um pouquinho — disse ele com um sorriso dissimulado.

— É bom saber. Eu detestaria pensar que estava sob esse tipo de pressão.

Evan riu e a beijou.

Ela se aconchegou mais ao abraço. Não mentira sobre a parte do aconchego ou sobre a parte de conversar. Bem, talvez sobre a parte de conversar. Na verdade, adoraria desnudar sua alma, conhecer todos os segredos de Evan, contar-lhe todos os seus. Dizer-lhe o quanto o amava...

Célia congelou. Por um momento, não conseguiu respirar. Não era como se tivesse acabado de se apaixonar. Não, provavelmente aquilo vinha acontecendo há um tempo.

Mas não admitira isso.

Sim, o sentimento estivera lá, esperando pelo momento de ser admitido. Célia tinha sido tão boa... Ou assim pensara... em manter seu emocional distante.

Amava Evan. Seu coração se comprimiu. Aquela era uma admissão dolorosa. Descobrir que você estava apaixonada não deveria ser a coisa mais maravilhosa do mundo?

Por que sentia um súbito desconforto na boca do estômago?

— Nós temos opções — disse Evan.

Ela piscou e focou sua atenção no presente, e no fato de que estava na cama após um sexo ardente com o homem que... Amava.

— Que opções? — perguntou Célia com voz rouca.

— Eu posso alimentá-la. Posso fazer amor louco e apaixonado com você novamente. Ou nós podemos tirar uma soneca, e depois escolher a opção um ou dois. Ou ambas. Viu? Eu sou fácil.

Ela sorriu e o abraçou. Amava-o. E agora que admitira isso, estava inundada por muitas emoções, e uma delas era medo.

— Eu vou passar a noite aqui? — perguntou Célia. Não quisera presumir, mas precisava saber antes de escolher as opções.

— É claro. Isso é, se você quiser. Se não trouxe roupas para ir trabalhar amanhã, posso pedir que meu motorista a leve para casa.

Ela engoliu em seco.

— Eu trouxe roupas. Mas se ele me levar para o trabalho, ficarei sem carro. Se ele puder me levar para casa com tempo de eu pegar meu carro, posso me vestir aqui.

Por um momento, pareceu que Evan ia dizer alguma coisa, mas então evidentemente mudou de ideia e não pressionou. Célia ficou curiosa sobre o que ele queria falar, mas como ele, não pressionou.

— Tudo bem. Vamos acordar cedo, de modo que você possa tomar banho e se aprontar aqui, antes de ir para casa pegar seu carro.

Incapaz de resistir, ela o beijou. Não foi um beijinho leve dessa vez, mas um beijo apaixonado, que mostrava sem palavras a profundidade de seus sentimentos.

Quando finalmente se afastou, os olhos de Evan estavam brilhando com paixão, mas havia também um contentamento sobre o qual ela não queria especular.

— Nesse caso, voto para comermos, fazermos amor e depois dormimos — murmurou ela.

— Fechado.

Meia hora depois, eles estavam sentados na cama de pernas cruzadas, devorando o jantar que Evan pedira no quarto. Célia estava vestida num dos roupões dele, e Evan usava uma cueca samba-canção.

Eles estavam quase acabando de comer quando ocorreu a ela que ainda não levantara o assunto sobre o jogo de beisebol. E agora se sentia completamente à vontade para falar.

— Conte-me sobre seus planos para o resto da semana. Você vai retornar para Seattle até nossa apresentação na sexta?

Evan inclinou a cabeça e estudou-a intensamente.

— Isso depende, suponho.

— Do quê?

— Se tenho uma razão para ficar.

Ela enrubesceu. O significado daquilo não poderia ter sido mais claro. Sentindo a boca subitamente seca, Célia deu um gole de água.

— Eu queria convidá-lo para a abertura da temporada dos Tide. Tenho ingressos. Bons ingressos. Está interessado?

Evan pareceu um pouco surpreso por um momento, e ela imaginou se tinha

ultrapassado os limites. Mas então ele sorriu. Um sorriso caloroso e genuíno que dizia que estava contente com o convite.

— Eu adoraria ir. E na quinta-feira à noite, certo?

Ela assentiu.

— Eu poderia apanhá-lo, então iremos com meu carro.

Os olhos de Evan brilharam, e ela podia jurar que pareciam vitoriosos. Sobre o que, não tinha ideia.

— Apenas me fale o horário, e estarei esperando ansiosamente.

— Começa às 7h, portanto, estarei aqui por volta das 5h30.

— Estarei aguardando.

Célia relaxou. Estava dando tudo certo. Ela o levaria ao jogo e o apresentaria para Noah depois. Então, na manhã seguinte, faria a apresentação e a conta seria sua. Não podia contemplar nenhum outro resultado.

Golden Gate e Athos Koteas podiam ser fortes, mas não possuíam Noah Hart, e certamente não possuíam as ideias dela. Ideias que Célia sabia serem perfeitas para Evan e a empresa dele.

A conta era sua.

Célia olhou para baixo e viu que ambos tinham acabado de comer. E pelo jeito que ele a olhava, provavelmente a queria de sobremesa.

— Dê-me dois segundos para limpar isto daqui, colocar o carrinho no corredor, então iremos para a opção número dois, embora eu ache que a opção três deva ser atrasada de modo significativo.

Ela arqueou a sobrancelha, sentindo o coração disparar.

— Atrasada por quanto tempo?

— Por muito tempo — replicou ele sedosamente. — Acho que a opção dois pode ser dividida em opções três, quatro, cinco...

Em resposta, Célia desamarrou o cinto do roupão e removeu-o, até que estivesse sentada nua na cama.

CAPÍTULO QUINZE

Célia parou numa das vagas reservadas do estacionamento do estádio e desligou o motor. Olhou para Evan.

— Pronto?

Vendo o quanto eles estavam perto da entrada do estádio, ele assobiou em apreciação.

— Seus ingressos devem ser muito especiais.

Ela sorriu.

— Eu lhe disse que eram bons.

Eles desceram e Célia liderou o caminho. Normalmente, ela teria ido pela entrada dos jogadores, mas não queria contar a verdade ainda, então se dirigiu ao portão principal, como todos os outros, e andaram em direção ao campo.

Uma vez que os ingressos estavam na sua mão, Célia sabia que ele não os vira, e

mal podia esperar para ver a reação de Evan ao descobrir os lugares vips que ela conseguira com Noah.

Diversos minutos mais tarde, e depois de passar por duas entradas, eles chegaram à seção especial. Ela mostrou os ingressos e um funcionário os conduziu para um conjunto de assentos diretamente atrás do *home-plate*.

— Uau! — exclamou Evan quando se sentou ao seu lado. — Como você conseguiu estes ingressos? Eles devem ter custado uma fortuna. Sem mencionar que estavam esgotados. Eu sei, porque tentei comprá-los.

— Eu conheço pessoas — disse ela orgulhosamente.

Ele a olhou com curiosidade.

— Estou começando a pensar que isso é verdade.

Eles se recostaram quando o campo foi regado e preparado para o início do jogo.

Evan relaxou em seu assento e colocou óculos escuros. O sol estava brilhando, e não havia uma única nuvem no céu. Um dia perfeito para o beisebol.

Com olhar profissional, Evan estudou a multidão de fãs, procurando por aqueles que usavam a grife Reese. Se fosse como Célia dizia, muito mais pessoas comuns usariam sua linha de roupas esportes.

Ele se virou quando ouviu Célia falando com um vendedor de cachorro-quente. Ela o olhou.

— Você quer alguma coisa?

— O mesmo que você escolher — replicou ele.

Evan pegou a carteira para pagar o vendedor, mas o homem mais velho sorriu e acenou uma mão no ar.

— Não há cobrança para nossa Cece.

Evan observou a brincadeira entre Célia e o vendedor em total perplexidade. Eles falavam sobre médias de arremessos, sobre a imitação burlesca que ocorrera na temporada prévia, quando o Tide tinha acabado um jogo atrás do líder da divisão.

— Eles irão ganhar o campeonato este ano — Célia o consolou. — Noah está em sua melhor forma. No ano passado ele só estava aquecendo o taco.

O vendedor assentiu entusiasmadamente.

— Acho que você está certa, srta. Cece. Quando ele esquentou, a temporada acabou.

Célia virou-se e olhou para Evan.

— Oh, meus modos são terríveis. Perdoem-me. Evan, este é Henry Dockett. Ele trabalha aqui desde que o estádio foi construído, trinta anos atrás. Sabe tudo que há para saber por aqui. Henry, este é Evan Reese.

Evan estendeu a mão para apertar a mão do homem mais velho, e o rosto de Henry se iluminou.

— Você é Evan Reese, da Reese Enterprises?

Evan sorriu.

— O próprio.

— Bom lugar para você estar, então. A srta. Cece irá lhe proporcionar bons momentos.

Alguém mais sinalizou para Henry, e ele assentiu para Evan e Célia.

— Volto mais tarde, srta. Cece.

Ela sorriu e agradeceu-lhe pelos cachorros-quentes. Quando se virou em seu assento, Evan inclinou-se para pegar um cachorro-quente do colo dela.

— Você tem todos comendo na palma de sua mão, srta. Cece!

Ela enrubescou e abaixou a cabeça.

— Henry é um velho amigo.

Evan riu, encantado com o rubor nas faces de Célia.

— Você tem mais alguma surpresa guardada para mim hoje?

— Talvez — murmurou ela e deu uma mordida no cachorro-quente.

Os Tide entraram no campo e a multidão vibrou.

Evan sorriu e recostou-se para assistir. Célia pulou do assento quando uma jogada emocionante agitou a plateia e Noah marcou um *strike*. Evan podia jurar que Noah olhou diretamente para Célia e piscou. Mas então meneou a cabeça e descartou a ideia absurda.

Num certo momento, um dos jogadores de Tide posicionou-se para lançar a bola, e Célia uniu as mãos como uma mãe ansiosa. Todd Cameron, o *lead off*, olhou para cima e para Célia enquanto se dirigia para *oplate*, sorriu e acenou. Célia acenou e soprou-lhe um beijo.

Evan olhou, mas não disse nada. As coisas estavam ficando cada vez mais estranhas. E quando o terceiro rebatedor ergueu o polegar para fazer um sinal de positivo para Célia, ele perguntou-se o que estava acontecendo.

Evan inclinou-se, pretendendo perguntar-lhe o que tudo aquilo significava, mas ela pôs uma mão no seu braço e apertou-o com força.

— Só um minuto. Noah vai subir ao *plate*!

As unhas dela enterraram na sua pele, mas Evan não protestou. Também estava muito interessado em ver o que aconteceria quando Hart subisse. Também estava interessado em dar uma boa olhada no que esperava que fosse o garoto propaganda de puro de sua empresa.

O rosto de Noah era uma máscara de concentração enquanto ele andava para *oplate*. Ele balançou o taco algumas vezes, então parou a meros centímetros da *box*. Virou-se e procurou atrás do *home-plate*, até avistar Célia.

Naquele momento, perdeu o olhar de intensa concentração, e seu rosto relaxou num sorriso. Deu-lhe uma piscadela exagerada antes de erguer o punho.

Boquiaberto, Evan olhou de um para outro. A mão de Célia se apertou em seu braço no momento que Noah fez seu segundo *strike*.

— Vamos, vamos — sussurrou ela.

Os dois arremessos seguintes foram bolas fora. Então ele balançou com o taco na mão, preparando-se para rebater o terceiro.

O lançador girou e jogou *um fastball*. O taco conectou com a bola com um barulho que, para qualquer ouvido, sinalizava sucesso total. A bola voou sobre o muro do jardim central para dentro do deque superior.

Célia se levantou e gritou do topo de seus pulmões.

— Você viu isso, Evan? Você viu?

— Eu vi, eu vi!

Ele riu enquanto ela continuava saltando. Noah rodeou as bases, cumprimentando os árbitros da primeira e terceiras bases. Ele encontrou os membros de seu time no *plate*, onde o grupo saltou sobre Noah para celebrar.

Noah olhou para Célia e apontou. Ela apontou de volta, sorrindo amplamente. Então olhou para Evan.

— Eu volto já, tudo bem?

Célia subiu correndo a fileira de assentos, então fez uma curva para a seção anexa à área do *home-plate*. Evan observou quando ela abraçou dois homens jovens e um mais velho.

Após conversar alguns minutos com eles, ela retornou e sentou-se ao lado de Evan novamente. Ele estava começando a pensar que entrara numa realidade alternativa. Havia alguém lá que ela não conhecesse?

Quando Célia tinha lhe oferecido Noah numa bandeja de prata, ele apenas presumira que ela o conectara por intermédio do empresário do astro do beisebol e lhe fizera uma oferta irrecusável. Não considerara que ela possuía tanta conexão com o time dele. E tal conexão o estava deixando muito curioso.

Ele se inclinou de modo que Célia o ouvisse sobre a gritaria da multidão, que ainda comemorava loucamente.

— O que eu estou perdendo aqui?

Ela sorriu.

— Eu explico mais tarde. Apenas aprecie o jogo.

Bruxinha misteriosa. Ele a faria pagar por isso mais tarde, quando estivessem a sós.

O resto do jogo seguiu um padrão similar. Célia parecia conhecer todas as pessoas do time. Ele começou a ter pensamentos perturbadores, como se Célia estava ou não envolvida com Noah Hart. Isso certamente explicaria como ela conseguira que ele concordasse em endossar a marca de grife.

Mas aquilo também levantava muitas questões. Como, por exemplo, se ela estaria usando Evan para subir na carreira. Ele a olhou. De jeito nenhum. Somente uma pessoa muito diabólica faria amizade com Noah Hart, depois dormiria com Evan para escalar na profissão. E por que Célia precisaria disso se estivesse envolvida com Hart, um dos jogadores de beisebol mais ricos da liga?

Antes que os pensamentos lhe despertassem raiva, ele disse a si mesmo que especularia. Descobriria a verdade antes do fim do dia. De um jeito ou de outro. Então decidiria o que fazer a respeito de Célia. E de sua conta.

Quando o jogo acabou, com os Tide vencedores, Célia se levantou, o rosto vermelho com excitação.

— Nós teremos uma temporada incrível. Simplesmente sei disso!

Evan também se levantou, incerto do que aconteceria agora. Ela lhe pegou a mão e começou a puxá-lo em direção à saída.

— Vamos.

Mas eles não saíram do estádio. Em vez disso, desceram para uma área restrita, onde Célia mostrou um passe que ele não vira até aquele ponto. Evan ficou surpreso quando eles pararam do lado de fora do vestiário dos jogadores.

Esperaram um bom tempo. Diversos membros da imprensa entraram e saíram. Finalmente, um dos jogadores pôs a cabeça para fora da porta, olhou para ambos os lados, então seus olhos se iluminaram ao avistarem Célia. Evan ficou fascinado. Era o receptor do Tide, Chris Davies. Ele era uma verdadeira lenda no beisebol, e rumores diziam que esse era seu último ano antes que se aposentasse.

— Cece! Você devia ter entrado. Noah ficou preso por uma entrevista, mas queria que você viesse aos bastidores.

Célia se aproximou do jogador e deu-lhe um grande abraço e um beijo no rosto.

— Bom jogo, Chris. Você está maravilhoso, como sempre.

O homem grande na verdade corou. Olhou para Evan com expressão desconfiada.

— Oh, Chris, este é Evan Reese. Evan, esse é Chris Davies, o receptor astro do Tide.

— Sim, estou ciente disso — murmurou Evan. — Excelente jogo. Assisto você há muito anos.

— Você é Evan Reese, que faz as roupas de esporte? — perguntou Chris.

Evan assentiu.

— Legal. Vocês dois podem entrar agora. Noah já deve ter acabado a entrevista.

Apesar de sua riqueza e posição, Evan não pôde evitar a incrível excitação de entrar no vestiário dos Tide. Aquele era o sonho de qualquer garoto. Ele escolhera sua carreira por causa daquilo. Amava esportes, e estava realizando seu sonho de menino.

Diversos jogadores pararam Célia para um abraço rápido e um beijo.

— Cece! Aí está você.

Evan olhou para cima e viu Noah barrando seu caminho através de uma multidão. A próxima coisa que soube, ele tinha Célia envolvida num enorme abraço de urso, girando-a num círculo.

Evan observou, sua irritação crescendo a cada segundo.

Finalmente Noah a colocou no chão.

— Gostou do jogo?

Célia sorriu amplamente para o outro homem, e a afeição dela por ele era óbvia. Um fato que deixou Evan ainda mais nervoso. Endossando sua grife ou não, estava pronto para golpear o maxilar do astro.

— Adorei, é claro. Você foi sensacional, como sempre.

— Ei, preciso de um banho rápido. Vocês dois podem esperar por mim lá — disse ele, gesticulando para uma saleta de espera, isolada do caos do vestiário aberto. — Não vou demorar.

Célia beijou-lhe o rosto.

— Estaremos lá. Não tenha pressa.

Noah alisou-lhe os cabelos carinhosamente, e saiu em direção aos chuveiros.

Evan abriu a boca para perguntar, mas então meneou a cabeça. Esperaria. Célia tinha de lhe contar o que estava acontecendo.

Ela liderou o caminho para a saleta anexa e sentou-se num dos sofás de couro.

— Este lugar é geralmente reservado para treinadores e suas famílias — disse ela quando ele se sentou numa poltrona oposta ao sofá. — Ninguém da imprensa ou os jogadores entrarão aqui.

— Você sabe que tenho um milhão de perguntas, Cece — observou ele secamente.

Ela enrubesceu, adotando uma expressão levemente culpada.

— Certo, talvez eu seja culpada por querer ver você experimentar tudo diretamente. Quero dizer, eu poderia tê-lo avisado, mas não teria a menor graça.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— A única pergunta que quero respondida no momento é se você está envolvida com Noah Hart.

Ele observou os olhos dela se arregalarem em choque. A boca bonita se abriu e Evan soube que qualquer coisa que tivesse presumido... Mesmo com bons motivos... Estava totalmente errada.

— Foi uma suposição sensata — defendeu-se ele antes que ela pudesse falar.

— Evan, Noah é meu...

Eles foram interrompidos quando os três homens que Célia tinha ido visitar na seção anexa ao *home-plate* entraram pela porta.

— Cece, querida — disse o homem mais velho ao avistá-la. Deu um grande sorriso e envolveu-a nos braços. Célia o abraçou de volta.

Os outros dois homens olharam para Evan com óbvia desconfiança.

— Vai nos apresentar, Cece? — o homem maior perguntou.

— É claro — disse ela, enganchando o braço no do homem mais velho. — Evan, eu quero que você conheça minha família. Este é meu pai, Cari, e estes são meus dois irmãos, Adam e Dalton. Pessoal, este é Evan Reese. Dono da Reese Enterprises. Eu o trouxe aqui para conversar com Noah.

Evan podia jurar que ela colocara ênfase na última sentença, ele relaxou e apertou as mãos dos três homens, suportando a força do aperto de cada um. Uma atitude típica de homem, para ver se você podia fazer o outro recuar. Evan devolveu força nos apertos de mão, e recebeu olhares de respeito da família de Célia.

— Muito prazer em conhecê-lo, senhor — ele se dirigiu ao pai de Célia.

— E você é o homem responsável pelas longas horas que minha Cece vem trabalhando?

Evan arqueou uma sobrancelha, então olhou entre Célia e o pai. Célia fechou os olhos e balançou a cabeça para Evan. Ele se lembrou de ouvi-la dizendo que, de acordo com o pai e os irmãos, a única coisa que ela precisava fazer era ficar bonita e deixar que eles a sustentassem. Aparentemente, não gostavam do fato de Célia ter uma carreira.

— Sim, sou eu, senhor. Gostaria de dizer que lamento, mas Célia é uma das mentes mais brilhantes que já conheci. Ela vai revolucionar as propagandas dos meus produtos. Acredito que em um ou dois anos, a Reese Enterprises não será apenas uma das líderes em trajes atléticos, mas a líder *indisputável* no que se refere a roupas esporte.

Os dois irmãos estudavam Célia com interesse renovado, enquanto ela fitava Evan, os olhos arregalados em choque. Ele podia quase jurar que Célia estava à beira das lágrimas. Evan sorriu e pegou-lhe a mão. Para sua surpresa, ela aceitou sem protestos, e entrelaçou os dedos ao redor dos seus.

— Se você vai conversar com Noah sobre negócios, nós iremos embora — disse o pai. — Vai jantar conosco neste domingo, ou estará ocupada de novo?

— Eu irei — prometeu ela, erguendo-se na ponta dos pés para beijar o rosto dele. — Desculpe sobre domingo passado. Algo surgiu.

Evan percebeu que era ele quem tinha surgido, quando roubara Célia para o fim de semana em Catalina.

— Foi um prazer conhecer todos vocês — disse Evan com sinceridade.

Os outros homens assentiram e apertaram sua mão mais uma vez, antes de saírem da sala.

— Família interessante — comentou Evan depois que eles partiram.

Célia suspirou.

— Eu os amo muito, mas eles me sufocam um pouco, às vezes.

— É óbvio que eles a amam muito.

Ela sorriu.

— Sim, e eu também os amo loucamente. Com defeitos e tudo.

Um momento depois, Noah Hart entrou na sala, e Célia foi novamente esmagada por um abraço de urso. Então ele se virou para Evan e olhou de volta para Célia.

— Este é o homem?

— Eu diria que você é o homem que concordou em estar à frente de minha nova linha de roupas esporte — disse Evan, assumindo o controle da conversa.

— Evan, eu gostaria que você conhecesse meu irmão, Noah Hart — anunciou Célia, dando um passo à frente. — Noah, este é Evan Reese, dono da Reese Enterprises.

Evan os olhou com incredulidade. Irmão dela? Tudo fazia muito mais sentido com essa revelação. E por que eles tinham sobrenomes diferentes? Pelo que sabia, Célia nunca fora casada, ou aquele era mais um segredo dela?

Sua questão devia ter sido óbvia até para Noah, porque ele sorriu e passou um braço sobre o ombro de Célia.

— Cece teve um pai diferente... Bem, mãe diferente também. E uma longa história, mas meu pai se casou com a mãe de Célia quando Cece era um bebê. Nós ajudamos a criá-la, especialmente depois que a mãe dela morreu, quando Cece era muito jovem. Isso explica o sobrenome Taylor.

Evan pigarreou. Ganhara a maior oportunidade de sua vida, no entanto, estava mais preocupado em descobrir os segredos de Célia do que em garantir uma negociação com Noah Hart.

— Pensei que pudesse ser melhor se você e Evan fossem jantar e conversassem sobre a oferta de Evan — palpitou Célia.

— E quanto a você? — perguntou Evan com veemência. Não esperava que Célia o deixaria a sós com Noah. Ora, nem mesmo soubera que conheceria Noah tão cedo. Subitamente, seus planos para uma noite fazendo amor com Célia não pareciam tão realistas.

— Eu tenho outros planos — replicou ela suavemente. — Ademais, não tenho nada a ver com essa parte. Você e Noah precisam discutir as possibilidades. Eu somente atrapalharia.

Noah deu de ombros, então olhou para Evan.

— Você gosta de churrasco?

— Adoro.

— Ótimo. Conheço um bom lugar a poucos quarteirões daqui. Podemos jantar e conversar.

— Eu o trouxe para cá no meu carro, Noah, portanto, você precisa lhe dar uma carona de volta. Tudo bem? — perguntou Célia, então se voltou para Evan: — Eu o vejo amanhã às 9h, na Maddox.

— Posso pedir que meu motorista me apanhe no restaurante — disse Evan, olhando para Célia. Ela o estava dispensando. O que ele pensara ser um esforço para vê-lo fora do cenário profissional, na verdade havia sido um encontro de negócios disfarçado. Contudo, lidaria com ela mais tarde. No momento, tinha um astro do esporte para conquistar, e não permitiria que sua irritação com Célia interferisse.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Célia andava de um lado para o outro na sala de reuniões da Maddox. Seus nervos estavam à flor da pele, e ela meticulosamente repassara todos os detalhes de sua apresentação. As televisões passavam as maquetes criadas pelo pessoal da mídia. Diversos comerciais da Reese Enterprises passavam nos monitores de vídeo, e o departamento de arte havia emoldurado propagandas impressas e pendurado-as ao redor da sala de conferências.

Quinze minutos antes do horário marcado, os outros membros da equipe tinham aparecido. A tensão era grande, mas também a empolgação. Ash a parabenizara por ter conseguido o maior cliente para a Maddox até agora, mas agira de modo distraído e distante. Célia imaginou se os rumores de que ele estava tendo problemas com a namorada eram verdadeiros.

Ela recebera outros cumprimentos. Nenhum contrato fora assinado, mas todos pareciam convencidos de que, após aquela manhã, a conta Reese Enterprises seria da Maddox. Célia esperava que estivessem certos.

Noah lhe telefonara na noite anterior, depois do longo jantar com Evan. Aparentemente, após o churrasco, os dois tinham tomado cerveja e passado a noite como velhos amigos.

Evan fizera uma oferta muito generosa, uma que surpreendera até mesmo Noah. Os dois se encontrariam mais tarde com seus respectivos advogados para combinar os detalhes, mas Noah havia concordado.

— Certo, nós temos cinco minutos — disse Célia. — Vamos assumir nossos lugares.

Eles se sentaram ao longo da mesa. Brock sorriu para Célia antes de se acomodar ao lado de Elle. Jason ocupou a cadeira ao lado de Ash, que franziu o cenho e pegou o celular no bolso.

— Com licença por um minuto — murmurou ele, levantando-se e atravessando a sala para atender ao telefone.

O interfone tocou e Shelby anunciou a chegada de Evan, e Célia pediu que a recepcionista o acompanhasse até lá. Quando acabou a ligação, Ash voltou para a mesa.

— Desculpem-me, mas preciso ir. Não tenho certeza quando volto. Espero que em poucos dias. Eu os informarei quando tiver mais detalhes.

Ele se virou e saiu da sala, deixando todos atônitos. Célia olhou para Brock e arqueou uma sobrancelha. Brock deu de ombros, indicando que qualquer que fosse o problema de Ash, aquilo teria de esperar. Esta reunião era muito importante para todos eles.

Segundos depois, Evan entrou atrás de Shelby. Célia atravessou a sala e estendeu-lhe a mão. Em vez de apertá-la, Evan deslizou os dedos sobre a palma dela e segurou-a por tempo desnecessário. Ela puxou a mão e virou-se para apresentá-lo aos outros.

Sua apresentação transcorreu sem problemas. Cada pessoa da equipe executou sua parte com perfeição, e durante o tempo todo, Brock permaneceu observando, com uma expressão satisfeita no rosto.

Após o último videoclipe, as luzes se acenderam.

— Isso conclui nossa apresentação — disse Célia para Evan. — Espero que tenhamos convencido você de nosso compromisso para com a sua empresa.

Ele a estudou por um longo momento. Então simplesmente assentiu.

— Estou muito impressionado. Minha pergunta é: quão rapidamente podemos começar a campanha?

O BAR ROSA estava movimentado com pessoas que iam tomar um drinque após o trabalho, mas o salão de trás inteiro estava preenchido com funcionários da Maddox, todos celebrando sua mais recente conquista... Reese Enterprises.

Célia estava radiante com sua realização, mas não podia livrar-se da ansiedade sobre seu relacionamento com Evan. Ela o evitara na noite anterior quando o deixara com Noah. Evitara-o depois da apresentação, quando ele quisera levá-la para almoçar, a fim de comemorarem.

Brock pediu champanhe para todos, batendo sua taça na de Célia para um brinde, enquanto os outros aplaudiam.

Ela sorriu, mas tudo que podia pensar era que preferiria estar com Evan. E esse era um grande problema.

— Para uma garota que é a sensação da Maddox, você não parece muito feliz.

Célia virou-se para ver Elle ao seu lado. Tentou sorrir, mas então suspirou.

— Está tão óbvio assim?

Elle deu de ombros.

— Provavelmente, não. Duvido que os outros estejam prestando muita atenção. Você está... Distraída.

— Estou confusa — admitiu Célia. — Não sei o que fazer.

Elle passou um braço ao seu redor.

— Certamente não pode ser nada tão ruim?

— Estou envolvida com Evan Reese. Intimamente.

— Oh.

Célia notou que o olhar de Elle foi para Brock, do outro lado da sala, conversando com Jason Reagart. Brock virou-se e capturou o olhar de Elle, e Célia viu possessão nos olhos dele.

— Eu não pretendia que isso acontecesse — continuou Célia. — Mantive segredo, e isso está me enlouquecendo. Temo quem nos verá juntos, e se eles irão tirar conclusões erradas. Estou tão cansada de me esconder. A pior parte é que estou apaixonada por ele.

Elle a conduziu para um canto mais afastado da sala, então aconselhou:

— Você precisa ser honesta e revelar seus sentimentos, Célia. Se não fizer isso, ficará despedaçada.

Aquelas palavras pareciam tão sinceras que Célia se perguntou se Elle estava falando por experiência própria. Era possível que estivesse tendo um caso secreto com Brock? Pelo jeito que eles se olhavam, parecia existir química ali.

Célia apertou a mão de Elle.

— Obrigada, Elle. Sei que você tem razão. Só preciso descobrir uma maneira de lidar com isso.

— A primeira coisa que precisa é desfrutar de seu momento de glória — respondeu Elle. — Esta é a sua noite para brilhar. Você trabalhou duro para isso. Vá se divertir.

— Certo, mamãe — brincou Célia. — Quero mais um drinque, se você quiser me acompanhar.

Elle sorriu e as duas mulheres foram em direção ao bar. Célia brindou com outras pessoas e recebeu mais congratulações. Elle estava certa. Aquela era sua noite... A culminação de semanas de trabalho árduo. E claro que iria apreciar cada minuto disso.

O TÁXI DE Célia parou diante de seu edifício, ela pagou o motorista e desceu. Não quisera beber e voltar dirigindo, então tinha deixado seu BMW no trabalho, e pegado um táxi para casa.

Agora viu Evan do outro lado da rua, encostado contra seu carro, observando-a. Ele se aproximou.

— Estava fora comemorando? — perguntou Evan com um sorriso.

Ela assentiu.

— *Happy-hour* após o trabalho. Vim de táxi para não precisar dirigir.

— Você devia ter me ligado. Eu mandaria meu motorista apanhá-la.

— Não acho que causaria uma boa impressão se um homem cuja conta eu acabei de conseguir me enviasse um carro para me levar em casa após minha festa comemorativa.

Ele a fitou com expressão inescrutável. Então perguntou:

— Vai me convidar para entrar?

Como se ela fosse lhe negar isso.

Todavia, assim que eles entraram em seu apartamento, Evan a envolveu nos braços. Não novamente. Ela não podia perder todo controle de seus sentidos no momento que ele a tocava. Isso não era normal.

— Você tem alguma ideia do quanto fiquei excitado ao observá-la assumir o controle da apresentação esta manhã? — murmurou ele entre beijos. — Você estava magnífica, e tão poderosa. Eu queria arrastá-la para um closet e amá-la de modo louco e selvagem.

Ele sempre sabia exatamente o que dizer para derreter qualquer resistência da parte dela. Era sedutor com as palavras.

Evan removeu-lhe as roupas antes que eles chegassem ao quarto. Como ele sabia onde era, ela não tinha ideia. Talvez todos os homens tivessem um instinto natural para encontrar a cama mais próxima.

O ato de amor foi rápido e feroz. Independentemente das intenções deles, a primeira vez era sempre desesperada.

Aquela foi louca, irracional e a experiência mais erótica de sua vida.

E ela o amava além da razão e sanidade.

Evan rolou de cima dela e gemeu.

— Toda vez, juro que vou amá-la com toda lentidão e suavidade que sou capaz. Então eu a vejo e me transformo num adolescente sem controle sobre meus hormônios.

Célia riu e deitou a cabeça no peito dele.

— Você não me ouve reclamando, ouve? Eu não o mandei embora por não ter nenhuma consideração.

Evan beijou-lhe o topo da cabeça.

— Pelo que sou extremamente grato.

Ela se aconchegou nos braços fortes.

— Você vai voltar para Seattle no fim de semana?

O braço de Evan se apertou ao seu redor. A mão que descansava em seu quadril era possessiva.

— Não há razão para que não possamos tornar nosso relacionamento público agora, Célia. Está tudo acabado. Você tem a conta.

Ela respirou fundo.

— Mas, sim, preciso voltar para Seattle e resolver algumas coisas. Pretendo passar muito mais tempo em São Francisco durante os próximos meses, e necessito fazer alguns arranjos.

O coração de Célia disparou. Isso significava que ele ia permanecer em São Francisco para ficar perto dela?

— Estarei de volta na segunda-feira à tarde. Quero passar a noite com você. Jantar. Dançar. Você pode dormir no hotel, e meu motorista a leva para o trabalho na terça.

Ela adorava quando ele ficava mandão. Gostava quando alguém planejava em detalhes, e Evan certamente pensara em uma noite de sexo incrível.

— Quando você vai partir? — perguntou ela.

— Amanhã bem cedinho.

Célia inclinou-se sobre o cotovelo de modo que pudesse olhá-lo.

— Então, o que você está fazendo aqui?

Ele a rolou em seus braços e posicionou-a sob si novamente.

— Posso dormir durante o voo.

Ela fingiu olhar o relógio inexistente em seu pulso.

— Restam-lhe seis horas. O que planeja fazer com elas?

— Vou lhe mostrar como sou bom em gerenciar tempo — murmurou Evan enquanto tomava-lhe os lábios nos seus.

CAPÍTULO DEZESSETE

Depois de um domingo fugindo da curiosidade de seus irmãos sobre Evan, Célia estava aliviada de ir trabalhar na segunda-feira. Não estava pronta para admitir nem mesmo para sua família que Evan era mais que um associado profissional.

Assim que chegou ao trabalho e viu Shelby, soube que alguma coisa estava errada. A recepcionista geralmente alegre a olhou com uma expressão que lembrava piedade, e recusou-se a sustentar o olhar de Célia por muito tempo.

Nem mesmo querendo saber sobre o que aquilo se tratava, Célia foi diretamente para o santuário de sua sala. Para sua surpresa, Elle a estava esperando.

— Olá, Elle — cumprimentou Célia, colocando sua pasta sobre a mesa.

Elle parecia estar com medo de lhe dizer alguma coisa. Segurava um jornal na mão.

— Célia, há algo que você precisa ver. Todos os outros já leram. Tentei telefonar-lhe, mas não a achei em casa, e seu celular não atendeu.

Elle pôs o jornal sobre a mesa, e Célia viu que estava aberto na seção de fofocas. Torceu o nariz em desgosto.

— Elle, por que você está lendo essas bobagens?

— Veja isto, Célia.

Elle apontou o dedo para a foto e a manchete. Célia olhou e todo sangue foi drenado de seu rosto. Ela teve de agarrar-se à extremidade da mesa para não cair.

Havia fotos suas com Evan no casamento de Mitchell. As mesmas fotos que ela recebera por *e-mail* da mãe de Evan. Uma com os dois dançando, e Célia sorrindo para ele. A outra de Evan beijando-a. Sua mão estava aberta sobre o peito dele, e o enorme diamante era bem visível no dedo de noivado.

A manchete nublou diante de seus olhos, mas falava alguma coisa sobre a nova noiva de Evan e da suposta coincidência de Evan ter assinado um contrato com a Maddox Comunicações, a agência onde a noiva dele trabalhava.

Ela moveu os olhos sobre o artigo, mas estava furiosa demais para ler a insinuação de que tinha passado as últimas semanas fazendo qualquer coisa que fosse necessária para obter a conta de Evan.

— Isso não é tudo — disse Elle seriamente.

Ela rodeou a mesa de Célia e mexeu no mouse para ativar a tela. Digitou um endereço de site de uma comunidade de propaganda que tinha um blog e um quadro de mensagens, usado principalmente por publicitários. Lá, no último blog postado, havia uma foto de Evan e ela se beijando, juntamente com o anúncio de Evan se associando a Maddox Comunicações. A legenda era clara e direta, deixando claro o método que eles pensavam que Célia usara para conseguir a conta.

Célia afundou na cadeira, arrasada. Totalmente arrasada pelo que tinha lido.

— Meu Deus, Elle, o que vou fazer?

Ele apertou-lhe o ombro em cumplicidade, mas sua expressão dizia que era Célia quem tinha de descobrir uma maneira de lidar com aquilo.

— Todos na agência sabem? — perguntou Célia com tristeza. — Todos viram isso? E o que eles pensam?

— Bem, Ash ainda não voltou, portanto não sei se ele viu. Sei que Brock e Jason viram, porque eu estava na sala de Brock com os dois. Jason não comentou muita coisa, mas Brock ficou furioso.

— Comigo?

Elle meneou a cabeça.

— Eu não sei. Para ser honesta, duvido. Ele não é do tipo que fica zangado sem ouvir sua versão. Além disso, você conseguiu a conta. Não deveria importar a ele de que maneira.

— Isso é verdade, suponho. Importa apenas para *mim*.

— Sinto muito, Célia. De verdade.

Célia cobriu o rosto com as mãos.

— Eu fui estúpida, Elle, e agora preciso pagar o preço.

O som de alguém pigarreando fez Célia olhar na direção da porta. Brock estava parado lá, uma expressão inescrutável no rosto.

— Ele — disse ele. — Pode nos deixar a sós por um momento?

— É claro — murmurou Elle e saiu apressadamente.

Lágrimas queimavam nos olhos de Célia.

— Quer conversar? — perguntou Brock.

Foi aquela pergunta que a fez desmoronar. Se ele estivesse zangado ou indiferente, ela teria lidado com a situação, mas a pergunta carinhosa a desfez.

Seus ombros tremeram, e ela abaixou a cabeça quando não pôde conter um soluço. A ideia de chorar na frente do seu chefe a apavorava, mas não foi capaz de conter a pressão esmagadora que vinha se construindo em seu interior durante as últimas semanas.

Brock não fez ou disse nada. Apenas permaneceu parado lá, enquanto ela se recompunha. Quando Célia olhou para cima, ele se sentou em uma das cadeiras na frente da mesa e esperou.

— Não é como parece — começou ela, secando lágrimas do rosto.

Brock olhou para o jornal aberto sobre a mesa.

— Bem, parece que você estava usando o anel dele, mas agora não está.

Com um suspiro, Célia explicou toda a história sobre sua viagem à ilha Catalina com Evan, e como sentira que não podia recusar quando Evan estava sem tempo e pronto para começar sua campanha.

Ela não contou os detalhes que compartilhara com Elle. Brock era, afinal, tanto seu chefe quanto homem. Não precisava saber que Célia se apaixonara tolamente por um homem com quem trabalharia por um longo tempo no futuro. Aquilo complicava as coisas. E se eles terminassem? Evan se sentiria estranho em continuar o relacionamento com a Maddox, ou mudaria de agência?

Havia um milhão de motivos pelos quais ela nunca deveria ter se envolvido com Evan, entretanto, não prestara atenção em nenhum dos sinais de aviso.

— Eu ouvi Elle lhe dizendo que não deveria importar para mim como você obteve a conta. Não vou mentir. Realmente não importa. Ademais, isso não é da minha conta, a menos que você tenha violado a lei ou feito algo que manche a reputação da Maddox. Não acho que este seja o caso. Minha preocupação é por você. Sei o quanto ficou devastada com o que aconteceu em Nova York. Falei sério quando lhe disse que você tinha meu apoio, Célia. Isso não mudou. Eu me certificarei de pôr um fim em qualquer especulação acontecendo na agência, mas não posso controlar o que as pessoas pensam ou dizem fora da área de trabalho. Imagino que não será fácil para você lidar com a situação imediata, mas a Maddox Comunicações a apóia.

— Obrigada, Brock — disse ela com voz trêmula. — Isso significa muito para mim.

— Tem alguma ideia de quem possa ter feito isso? — perguntou Brock.

Ela franziu o cenho e olhou para as fotos. Então ergueu os olhos para Brock.

— Essas fotos estavam no computador da empresa. A mãe de Evan as enviou para cá. Elas não saíram daqui. Não acho que a ex-noiva de Evan me adore, mas ela e Mitchell partiram imediatamente em lua de mel. Eles nem mesmo viram as fotografias ainda. Portanto, além de mim, e talvez Evan, se a mãe lhe mostrou, a única pessoa que as viu foi a mãe dele. Não foram tiradas por um fotógrafo profissional. A mãe de Evan as sacou com sua câmera digital, e não acredito nem por um minuto que ela quisesse me prejudicar. Estava muito feliz com o suposto noivado. Brock praguejou.

— Tem certeza que você só tinha as fotos aqui no computador?

Célia o olhou.

— Você não acha... Certamente, não. Ninguém aqui faria uma coisa dessas.

— Eu não sei, mas vou descobrir.

Ele se levantou e foi para a porta. Então parou e virou-se por um momento.

— Não deixe que isso a derrube, Célia. Tenho a impressão de que a pessoa que fez essa sujeira queria exatamente isso. Você fez um trabalho maravilhoso nesta conta. Ninguém pode lhe roubar isso, a menos que você permita.

Então ele saiu, e Célia suspirou.

Deveria encontrar Evan em poucas horas. A noite deles já estava planejada... Ela passaria a noite no hotel dele, e o motorista a levaria para o trabalho na manhã seguinte. Célia já tinha reservas sobre isso, mas agora seu nervosismo era ainda maior. Quem teria publicado aquelas fotos? Por que alguém até mesmo se dava o trabalho de tentar prejudicá-la?

Athos Koteas deixara claro que faria qualquer coisa para derrubar a Maddox Comunicações, mas como ele obtivera aquelas fotografias?

A ideia de que um de seus colegas de trabalho fosse responsável a deixou nauseada. Não podia acreditar nisso e continuar trabalhando lá. Precisava afastar essa possibilidade da cabeça ou enlouqueceria.

E agora nem queria sair de sua sala, temendo encarar todas as pessoas que tinham lido o maldito artigo.

Ela deitou a cabeça na mesa e tentou ignorar a dor que se desenvolvera em suas

têmporas.

Sabia o que tinha de fazer, e isso doía mais do que as fotos. Mas não havia trabalhado tão duro a fim de construir sua reputação e sua carreira para vê-las desaparecer por causa de um caso tórrido.

O resto do dia foi passado dentro de sua sala. Célia falou somente com Shelby para avisar que não atenderia nenhum telefonema.

Às 5h, olhou pela janela, vendo seus colegas de trabalho saindo do prédio. Esperou que todos tivessem ido embora, antes de trancar sua sala.

Embora já passasse das 7h, ela desceu seis lances de escada para não correr o risco de encontrar ninguém no elevador. Aquilo era patético e covarde, mas Célia não se importava. Enfrentaria todos quando estivesse no controle de suas emoções.

Dirigiu para casa apertando os dedos ao redor do volante e reprimindo a vontade de chorar. No momento que chegou em casa, estava mentalmente exausta.

Para piorar as coisas, Evan a esperava perto da porta, uma expressão preocupada no rosto.

— Onde você esteve? — ele exigiu saber. — Eu estava preocupado. Deveríamos nos encontrar aqui uma hora e meia atrás.

Sem conseguir encará-lo, Célia abriu a porta e entrou, permitindo que a escuridão a envolvesse.

— Ei, Célia, o que aconteceu?

Evan acendeu a luz, segurou-lhe o braço com uma das mãos, e ergueu-lhe o queixo com a outra.

— O que houve? Você esteve chorando?

Ela fechou os olhos e tentou se afastar, mas ele não permitiu.

— Fale comigo, Célia.

— Nós não podemos mais nos ver por um tempo — declarou ela. — Precisamos nos afastar. A situação está uma loucura. Minha vida está uma loucura.

Evan soltou-lhe o braço então, e deu um passo atrás.

— Vai me explicar o que está acontecendo?

Havia uma expressão cautelosa nos olhos dele que avisou Célia que aquilo não seria fácil. Mas então Evan não se importava com o que os outros pensavam. Não era regrado pela opinião alheia. Mais uma vez, ela desejou que pudesse ser como ele.

Em vez de responder, Célia abriu a bolsa, tirou o jornal e estendeu-lhe, como se aquilo explicasse tudo. De certa forma, explicava.

Ele olhou para o jornal, então voltou a encará-la.

— E daí? Qual é o problema?

Célia já esperava por tal reação.

— Não é somente isso — disse ela, tensa. — Está tudo na internet. Um site de uma comunidade publicitária tem as fotos no blog, juntamente com algumas linhas sórdidas sobre como eu consegui a conta, depois que você anunciou ter fechado contrato com a Maddox.

Evan franziu o cenho.

— Não consigo entender qual é o grande problema disso e, com certeza, não entendo a razão para que paremos de nos encontrar.

Ela cerrou os dentes.

— Você não entende. Bem, eu entendo, Evan. Estamos falando, sobre a minha carreira, a minha reputação, a qual está manchada agora. Todos na minha agência viram isso. Assim como todos na comunidade publicitária. Todos sabem, ou pensam que sabem o que fiz para que você assinasse com a Maddox. Não importa se é verdade ou não. É o que todos pensam. O anúncio do nosso acordo será postado na *Advertising Media*. Bem abaixo daquelas fotos. Sabe a impressão que isso causa?

Ela fez uma pausa e engoliu em seco.

— Como vou lidar com meu próximo cliente? E se for do sexo masculino e esperar os mesmos favores que ofereci a você? Ou talvez concorde em assinar com a Maddox se eu dormir com ele?

— Eu acabo com ele — respondeu Evan.

— Você não pode estar lá para acabar com todos, Evan. É isso que estou tentando lhe dizer. A melhor coisa que você pode fazer por mim é afastar-se até que a poeira baixe.

Ele piscou, então seus olhos se tornaram frios e duros.

— E isso que você quer, Célia? O que realmente quer?

Célia teve medo de responder, medo de confirmar aquela frieza que se apoderara de Evan. Mas não ia mentir.

— Sim.

Os lábios dele se curvaram em desprezo.

— Eu não serei o segredinho sujo de ninguém, Célia. Estou cansado de me esconder com você, como duas pessoas tendo um caso extraconjugal. Cometi o erro de me contentar uma vez. Nunca mais farei isso.

— Evan, por favor, não é assim. Eu só preciso de um tempo — suplicou ela.

— É assim, Célia. Está aparente para mim que eu não sou prioridade na sua vida. Não venho nem em segundo ou terceiro lugar. Há coisas muito mais importantes do que eu. Não me importo nem um pouco com quem sabe que estamos dormindo juntos. E não vou continuar dormindo com alguém que se importa.

Evan foi para a porta. Abriu-a, então se virou uma última vez.

— Se você mudar de ideia, não se incomode em voltar. Acho que deixou bem claro para que eu sou bom.

A porta bateu, e o coração de Célia se despedaçou completamente. Ela não perdera apenas sua reputação e provavelmente sua carreira, mas também o homem que amava o bastante para ter arriscado tudo, em primeiro lugar.

CAPÍTULO DEZOITO

Terça-feira de manhã, Célia escolheu o caminho covarde e ligou para Brock a fim de pedir férias até o fim da semana. Ele não gostou do fato de ela estar se escondendo, mas após perceber seu desespero, concordou sem discutir.

Ela passou o resto do dia limpando seu apartamento, seu estado emocional alternando entre raiva e tristeza.

Na quarta-feira, arrumou uma mala e foi para o lugar que poderia lamber suas feridas em segurança. A casa de seu pai.

Ele a estudou por um longo momento, então a envolveu num abraço de urso. Célia precisava disso. Nunca o conforto do lar parecera tão bom quanto agora.

Seu pai lhe preparou um bom café da manhã, pois acreditava que qualquer coisa podia ser curada com um imenso café da manhã caseiro.

Durante todo o tempo que Célia comeu, ele permaneceu sentado ao seu lado, fazendo a refeição em silêncio. Não bisbilhotou ou exigiu respostas. Era isso que Célia

mais amava sobre ele. Seu pai nunca se intrometia na vida dos filhos. Apenas esperava que eles fossem procurá-lo, então movia céus e terras para resolver suas situações.

Mas apenas dessa vez não havia solução.

Ela passou a tarde no sofá, assistindo à televisão com ele, que lhe mimou o tempo todo, inclusive assando seus cookies favoritos... de chocolate com nozes.

Obviamente seu pai falara com os outros filhos, porque no fim da tarde, todos os seus irmãos chegaram, um de cada vez, enchendo-a de abraços e carinho. Ou pelo menos Adam e Dalton fizeram isso.

Quando Noah apareceu, olhou-a e perguntou o que tinha acontecido. Célia caiu aos prantos, o que levou seu pai, Adam e Dalton a ameaçá-lo por tê-la aborrecido.

— Bem, papai, eu não a aborreci. É óbvio que alguém fez isso, mas com certeza não fui eu! — protestou Noah. — Ninguém ainda perguntou a ela o que aconteceu?

— Nós estávamos esperando — disse o pai.

— Esperando o quê? Que Cece chorasse?

Célia secou os olhos e tentou parar de fungar. Sabia que seus irmãos detestavam quando ela chorava. Especialmente Noah. Noah sentou-se ao seu lado no sofá.

— Isso não tem nada a ver com Evan Reese, tem? Apesar de seu esforço para não chorar, a pergunta desencadeou mais lágrimas.

— Bom trabalho, seu tolo — exclamou Adam.

— Alguém já lhe disse que sua habilidade com o sexo oposto é zero? — perguntou Dalton.

Noah pôs um braço carinhoso ao redor de Célia.

— O que aconteceu, Cece?

— Oh, Noah, foi horrível. O jornal imprimiu aquelas fotos e esse blog diz coisas terríveis. Minha carreira corre perigo. Minha reputação está arruinada, e Evan não quer mais me ver, porque eu lhe pedi um tempo até que a poeira baixasse. Ele acha que é meu segredinho sujo, e detesta isso. E me detesta.

Ela esfregou os olhos com força.

— Alguma coisa disso faz sentido para o resto de vocês?

Dalton e o pai trocaram olhares indefesos.

Noah suspirou.

— Talvez você deva voltar e começar com o que o jornal publicou e o que diz o blog, e por que sua carreira e reputação estão prejudicadas.

— É uma longa história — murmurou ela.

— Nós temos a noite inteira — ofereceu Dalton.

Célia suspirou e, mais uma vez, contou a história do começo ao fim, não deixando nenhum detalhe de fora. Exceto pelo sexo. Seus irmãos não iam querer ouvir sobre sua vida sexual.

— Isso é loucura — disse Adam.

Dalton assentiu em concordância. Noah, que conhecia melhor o que a imprensa podia fazer com uma carreira e reputação, leu o artigo com expressão preocupada.

— Isso é ridículo — concluiu.

Célia assentiu.

— Nem me fale.

— E onde entra esse tal de Evan? — perguntou seu pai. — Quero dizer, você fingiu ser a noiva dele, e esse jornal fala sobre vocês, e me diz que ele está zangado porque você o considera seu segredinho sujo. Não estou entendendo.

Ela suspirou.

— Eu estou apaixonada por Evan, papai. E agora ele me detesta.

A expressão dos quatro homens era atônita. Houve um silêncio pesado, e ela lamentou ter confessado o fato. Nenhum deles sabia o que fazer ou dizer a seguir.

— Ouça, eu amo vocês todos. Não sei o que seria de mim sem minha família. E não

espero que resolvam meus problemas. Tenho 30 anos. Não sou mais uma garotinha. Vou pensar em alguma coisa. Eu só precisava de um lugar para lamber minhas feridas e me recompor.

Adam franziu o cenho.

— Espere aí. Nós somos sua família, Cece. Não me importo qual é sua idade.

Dalton assentiu em concordância, enquanto Noah lhe apertava a mão.

— Você sempre será minha garotinha e a irmãzinha deles — disse seu pai numa voz emocionada. — Isso não muda porque você fez faculdade, e tem um emprego que a arrasa em cada chance que pode.

Ela recuou diante da direção que aquilo estava tomando.

— Nós a amamos e sempre estaremos aqui para você. Entende?

— Sim, papai, eu entendo.

— Agora venha aqui e dê um abraço no seu pai. Parece que você teve uma semana terrível.

Célia se levantou do sofá e entregou-se no abraço do pai.

— Amo você, papai — murmurou contra a camisa dele.

— Eu a amo também, Cece. Nunca se esqueça disso. Agora, conte mais sobre esse tal de Evan e se eu e seus irmãos precisamos dar uma surra nele.

O staff do escritório de Evan o estava evitando. Não que ele pudesse culpá-los. Ele chegara a Seattle na terça-feira, agindo como um urso ferido. Avisara sua assistente para não voltar ao trabalho ainda, e permanecer com a neta por quanto tempo precisasse.

Evan repassara sua última conversa com Célia diversas vezes na mente. Por mais que tentasse, não conseguia desligar daquilo.

Era culpa sua por ter ignorado os sinais, uma vez que ela fora hesitante desde o começo. Nunca se envolvera com uma mulher que não o colocasse em primeiro lugar. E certamente não se envolveria com uma que dava mais importância ao que o mundo pensava a seu respeito do que ao seu relacionamento com ele.

Uma das secretárias pôs a cabeça dentro da porta, e ergueu um envelope como um escudo.

— Isso acabou de chegar para o senhor.

— Traga aqui.

Ela entrou na sala, colocou o envelope sobre a mesa e saiu apressadamente.

Com um suspiro, Evan olhou para o envelope, o qual continha o nome de alguma corporação em São Francisco que ele nunca ouvira falar. Estava marcado: extremamente urgente.

Ele o abriu, e para sua surpresa só havia um jornal dobrado lá dentro. Nada mais. Nenhuma carta, nenhuma explicação. Puxando o jornal, abriu-o sobre a mesa. Estava virado numa página específica, e lá estava uma foto de Célia. Porém, uma foto na qual ela estava diferente. Mais jovem, talvez? E parecia apavorada, com uma das mãos erguidas como se quisesse evitar a câmera.

Intrigado, Evan leu o artigo. Estava tão furioso quando terminou que teve de voltar e ler mais cuidadosamente.

A fotografia era realmente de uma Célia mais jovem, de quando ela morava e trabalhava em Nova York. Ela conseguira uma posição numa agência de propaganda de prestígio, um ano após se formar na faculdade. Fizera um excelente trabalho e fora promovida a executiva senior... Acima de diversos outros executivos júnior que estavam lá há mais tempo.

Um relacionamento com o diretor-executivo tinha sido revelado rapidamente, e Célia fora nomeada no processo de divórcio entre o diretor-executivo e a esposa. Ela fugira de Nova York se sentindo envergonhada e retornara para São Francisco, onde havia aceitado um emprego com uma agência menor, mas em fase de expansão... A Maddox

Comunicações.

Apenas na semana passada, fotografias íntimas de Célia Taylor com o bilionário Evan Reese apareceram em outro artigo no dia seguinte de Reese ter assinado um contrato multimilionário com a Maddox...

E o artigo continuava, difamando Célia e, conseqüentemente, a Maddox Comunicações. Uma onda de náusea o assolou.

O olhar dele foi para a última edição de *Advertising Media*, entregue naquela manhã. Como Célia previra, o anúncio estava lá para o mundo ver, e manchado por aquelas fotos.

Evan pegou o jornal e estudou-o novamente. Célia jamais teria feito aquilo do que era acusada. Ele não a conhecia há muito tempo, mas sabia que ela não faria uma coisa daquelas. Se tivera um relacionamento com o cretino, não tinha sido por isso que conseguira uma promoção.

Ele queria matar alguém. De preferência, a pessoa que começara aquela difamação. Ninguém mexia com a mulher que ele amava e saía impune.

Todo o ar esvaiu-se de seus pulmões.

Amava?

Gostava de Célia. Ela era linda, vibrante e sexy. Uma grande amante e parceira. Ele adorava sua companhia. Mas, amava-a?

Um nó se formou em seu estômago. Nunca sentira aquilo antes. Como tinha passado 38 anos de sua vida sem nunca ter se apaixonado? Não contemplara a ideia até agora, e não tinha certeza se gostava disso.

Amor era uma emoção inconveniente. Não podia ser agendado ou jogado conforme as regras. Ele gostava de regras. E de agendas.

E, oh, estava completamente apaixonado por Célia.

Por isso estava sentado lá num humor tão terrível que seus funcionários não queriam se aproximar por medo de serem decapitados.

Olhou novamente para o artigo e seu peito se comprimiu. Deus, como fora tolo.

Havia reagido como uma criança petulante, furioso que estavam lhe tirando seu brinquedo favorito. Nesse caso, Célia quisera dar um tempo para o relacionamento deles, e, sentindo-se rejeitado, Evan entrara em pânico, agindo como um imbecil.

Ela precisava do seu apoio. E ele arrogantemente lhe dissera para não se incomodar em mudar de ideia e voltar.

O rosto de Célia manchado de lágrimas surgiu em sua mente. Ela devia estar sofrendo. Os colegas de trabalho tinham visto as fotos, chegando a conclusões erradas.

Evan havia sido egoísta e exigente desde o começo. Não considerara como o relacionamento deles refletiria em Célia. Só pensara nos próprios desejos e necessidades. Não se importava se alguém sabia sobre os dois, mas ela se importava. E por bons motivos.

Ele deveria ter ficado ao seu lado, apoiando-a. Célia estaria lambendo suas feridas enquanto enfrentava o mundo sozinha. E ele tinha uma mulher para reconquistar.

CAPÍTULO DEZENOVE

Célia estava no quintal de seu pai, tomando chocolate quente e olhando para o oceano a distância. Sempre adorara aquela vista. A casa era erguida sobre um penhasco,

apesar de estar situada a uma boa distância da extremidade.

Quando criança, após ler sobre deslizamento de terras, Célia estivera convencida de que eles cairiam no oceano. Seus irmãos tinham lhe dito que era mais provável que eles caíssem num terremoto. Ela balançou a cabeça com a lembrança de como eles gostavam de atormentá-la.

Era pacífico ali, e não pela primeira vez, ela se perguntou por que se sentira tão ansiosa para se mudar. Verdade, sua família podia ser dominadora às vezes, mas eles a amavam. Eram leais e fariam qualquer coisa no mundo por ela. Isso não era algo do que alguém devia fugir. Era algo para se apegar e não libertar nunca.

Não, ela não iria mais embora. Estava descobrindo que seu mundo era ali, onde sua família vivia.

As portas de vidro se abriram e Noah saiu. Ela se virou em sua cadeira para cumprimentá-lo, mas parou quando viu a expressão no rosto dele.

— Eu ia dizer bom dia — murmurou Célia quando ele abaixou-se ao seu lado.

Noah suspirou e estendeu outro jornal.

— Pensei em não lhe mostrar isso, mas se alguma coisa estivesse sendo dita a meu respeito, eu gostaria de saber, de modo que não fosse pego de surpresa.

Pânico a assolou. Ela olhou com medo para o jornal. Mas lutou para superar a emoção, e pegou-o.

Lá, em branco e preto, para todos de São Francisco saberem, estava a história detalhada de tudo que acontecera em Nova York. Oh, aquela era uma campanha de difamação *ousada*. Um artigo que acompanhava o anúncio do contrato entre a Reese Enterprises e a Maddox Comunicações detalhava a história de seus empregos, até o momento presente, insinuando a existência de um relacionamento entre ela e Evan.

Tudo pelo que Célia lutara tanto para esconder tinha sido exposto em detalhes sórdidos.

Ela deveria estar furiosa. Mas o que sentia era... Resignação.

Fitou os olhos preocupados de seu irmão quando um insight lhe ocorreu.

Evan estava certo. Ela dera mais importância para o que as outras pessoas pensavam do que para o que *ele* pensava ao seu respeito.

Contanto que as pessoas que amava soubessem da verdade, não deveria se importar o que alguns estranhos pensavam. Brock acreditava nela e em suas habilidades. Célia tinha o apoio de sua agência. Sua família a amava incondicionalmente. Evan, com certeza, não se importava com o que os outros pensavam sobre o envolvimento deles, então, por que ela deveria se importar?

Pela primeira vez em muito tempo, Célia olhou para sua vida com profunda gratidão. Por tanto tempo vinha sendo moldada por forças externas. Seu desejo de livrar-se da superproteção de sua família. Sua necessidade de escapar do escândalo em Nova York e provar-se para todos ao seu redor.

A única pessoa para quem estivera provando alguma coisa era para si mesma. Todos os outros sempre souberam que tipo de pessoa ela era.

— Oh, Noah, eu fui tão tola — sussurrou Célia.

Noah inclinou a cabeça em confusão. Ela respondeu jogando os braços ao redor do pescoço dele e o abraçando com força. Então se afastou e beijou-lhe o rosto.

— Obrigada.

Ele ainda parecia intrigado.

— Pelo quê?

— Por abrir meus olhos. Eu fiquei cega para o que estava na minha frente o tempo todo.

Noah sorriu.

— Da próxima vez que Adam e Dalton ralharem comigo, lembre-os de que eu abri seus olhos. Seja lá o que isso significa.

Célia sorriu.

— Significa que cansei de tentar agradar os outros. Cansei de me importar com o que as pessoas pensam sobre mim. As únicas pessoas que me importam no mundo já acreditam no melhor de mim. Do que mais preciso?

— Não deixe que esses cretinos a derrubem, Cece. Você está certa. Nós a amamos demais, e nada que qualquer pessoa insinue vai mudar isso. Ademais, sei muito bem que a garota que ajudei a criar não é uma interesseira que manipula pessoas e não se importa com quem atropela no caminho de sua escalada profissional.

Célia o abraçou novamente.

— Obrigada, Noah. Você não tem ideia do que isso significa para mim.

Ele se afastou um pouco, ainda segurando-lhe os braços.

— Então, e quanto a Evan?

Ela pressionou os lábios.

— Ele falou que eu não me incomodasse de procurá-lo se mudasse de ideia. Bem, é uma pena. Eu cometi um erro, mas todos cometem erros. Evan também cometeu os seus. Ele estava zangado e certamente não acredita em metade do que falou. Vou fazê-lo me ouvir. Depois direi que o amo, e espero muito que isso não o faça fugir.

Noah tocou-lhe o rosto num gesto carinhoso.

— Se ele fizer isso, não merece você. Lembre-se disso, certo?

Célia assentiu.

— Vou tomar um banho, então me desculpar pessoalmente.

Noah se levantou, e inclinou-se para lhe beijar a testa.

— Boa sorte.

Célia apressou-se para dentro, determinada a não perder mais um minuto sem se desculpar com Evan e declarar o seu amor.

DEPOIS DO banho, Célia vestiu um roupão e enrolou uma toalha em volta dos cabelos. Então foi em direção à cozinha. Precisava comer alguma coisa e avisar seu pai que iria embora na próxima hora.

Quando saiu do corredor e entrou na sala, olhou para cima e quase desmaiou de choque. Lá, sentado no sofá de seu pai, estava Evan. Noah e seu pai não estavam em nenhum lugar à vista.

— Oh, não — sussurrou ela. — Não, não, não. — Não era este o jeito que eu queria confrontá-lo.

Célia virou-se, pretendendo correr para seu quarto e trancar a porta, até que pudesse se tornar apresentável. Ele a segurou antes que ela desse três passos.

Evan a puxou para seus braços.

— Não, Célia, não vá. Por favor.

Ela gemeu em frustração.

— Droga, Evan, você estragou tudo. Eu queria estar bonita quando fosse me desculpar. Agora, estou de roupão, com uma toalha enrolada nos cabelos. Sem um pinga de maquiagem.

Então Célia caiu em si. O que ele estava fazendo ali? Na casa de seu pai? Como soubera que ela estava lá?

Evan riu e puxou-a para mais perto.

— Preciso falar com você. E para mim, você está mais linda do que nunca.

Célia estreitou os olhos.

— O que você está fazendo aqui, Evan? Como me achou? Eu estava prestes a ir embora para encontrá-lo.

— Então é bom que nos encontramos — murmurou ele suavemente. — Vamos nos sentar, Célia. Preciso lhe dizer muitas coisas.

— Eu também.

Eles se sentaram lado a lado no sofá, e ela o olhou, o coração inundado de amor.

— Desculpe — disse Célia num sussurro trêmulo.

Ele pressionou um dedo nos seus lábios.

— Não quero ouvir essa palavra dos seus lábios. Sou eu quem pede desculpas. Fui um imbecil. Falei coisas desprezíveis para você.

Célia sentiu a ridícula vontade de chorar de novo, como seja não tivesse chorado o bastante nos últimos dias.

— Primeiro, quero falar sobre isso. — Evan tirou aquela terrível folha de jornal do bolso.

Ela congelou de medo.

— Eu não acredito numa única palavra disso. Mas obviamente é uma parte importante do seu passado. O ocorrido a feriu e afetou uma boa parte de nosso relacionamento. Quero que você me conte o que realmente aconteceu.

Os lábios de Célia tremeram e ela torceu as mãos nervosamente no colo.

— Eu saí da faculdade pretendendo regar o mundo. Mudei para Nova York. Amei o lugar. Uma cidade tão grande, tão agitada, e eu estava longe de casa, longe da minha família. Na época, isso era importante para mim. Eu era tola.

— Acho que todos nós passamos por um período no qual precisamos fugir da família — comentou Evan.

Ela deu de ombros.

— Então lá estava eu, no controle do mundo. Arranjei um emprego numa agência de prestígio e trabalhei muito para subir o mais rapidamente possível. Eu era boa e sabia disso. Então, quando fui promovida, não me surpreendi. Pessoas que trabalhavam na agência há mais tempo ficaram irritadas, mas eu sabia que merecia a promoção.

— Então um dia meu chefe me chamou em sua sala, me deu os parabéns, e informou-me o que esperava em retorno pela promoção que me dera.

— Canalha — exclamou Evan.

— Eu fiquei apavorada. E fui ingênua, porque nem sabia o que fazer, além de dispensá-lo diretamente. Fui estúpida para pensar que aquilo seria o fim de tudo.

Evan estendeu o braço e pegou-lhe a mão.

— Eu me enterrei no trabalho, convencida de que se eu trabalhasse mais arduamente, conseguisse mais contas para a agência, ele me deixaria em paz. Uma noite, eu estava trabalhando até mais tarde e meu chefe apareceu.

Célia deu um gemido de desprezo, obviamente sofrendo com a memória.

— Ele me agarrou, e não pretendia aceitar não como resposta. Provavelmente teria me estuprado se a esposa dele não tivesse entrado na sala. Acho que ela sabia o que estava acontecendo e se aproveitou disso para pedir o divórcio e fazê-lo pagar por tudo que ele fizera de errado durante o casamento.

Fui nomeada como a "outra". Todos sabiam sobre o ocorrido. Eu não tinha defesa. Subitamente, eu era a mulher que havia dormido com o chefe para escalar ao topo da carreira, e destruído o casamento dele. Desacreditada, pedi demissão e vim para casa. Brock me deu uma chance na Maddox, e o resto, como dizem, é história.

Evan fechou os olhos e suspirou.

— Fui tão injusto, Célia. Muitas vezes você tentou me contar como nosso relacionamento poderia afetar sua carreira, mas eu não ouvi. Fui egoísta. Estava determinado de que eu deveria bastar para você. Que tolo! Eu deveria ter ficado ao seu lado quando a bomba explodiu, gritando para o mundo que você era minha mulher, e que eu estava orgulhoso disso. Mas agi como uma criancinha quando as coisas não saíram do meu jeito.

Evan segurou-lhe ambas as mãos nas suas e levou uma delas aos lábios. Beijou cada dedo.

— Perdoe-me. Espero que me permita compensá-la por isso. Talvez se você tivesse

me contado essa história antes, eu tivesse compreendido melhor. Mas sei que não lhe dei razão para confiar em mim. Isso vai mudar. Eu a quero em minha vida. Furei qualquer coisa que seja necessária para que isso aconteça.

Célia o olhou em confusão.

— O que você está dizendo?

— Estou dizendo que eu a amo. Que quero outra chance. Estou lhe pedindo perdão, Célia. De agora em diante, você pode confiar em mim e contar comigo para tudo. Irei estrangular pessoalmente qualquer pessoa que tentar difamá-la.

A garganta de Célia se fechou. A boca secou. O mundo girou ao seu redor.

— Mas eu ia me desculpar — sussurrou ela. — Eu estava errada, Evan. Dei muita importância para o que os outros pensavam. Contanto que eu tenha o apoio daqueles que me amam e me respeitam, não importa o que o resto do mundo pensa. Eu deveria pedir perdão de joelhos. Fui horrível com você.

— Não, não, meu amor. — Ele a abraçou. — Você não foi horrível. Você estava arrasada. E eu deveria ter sido a pessoa a lhe dar apoio e compreensão. Nem mesmo tentei entender. Fiquei zangado e fui embora. Eu amo você. Por favor, perdoe-me.

— Oh, Evan, eu também o amo. Muito. Eu o perdoo contanto que você me perdoe.

O rosto inteiro de Evan se iluminou.

— Você me ama? Não está apenas dizendo isso?

Ela sorriu. Então lhe rodeou o pescoço com os braços e o beijou, colocando todo o amor que sentia naquele beijo.

— Como você me achou? — perguntou ela um pouco depois. Evan lhe deu um olhar encabulado.

— Eu teria invadido a Maddox Comunicações, ameaçando morte e destruição se alguém não me falasse onde você estava. Eu já havia tentado seu apartamento, seu celular. Até mesmo liguei para o empresário de Noah, porque não consegui falar com Noah, também.

Célia riu.

— Morte e destruição? O empresário de Noah?

— Bem, talvez não morte e destruição, mas ameacei quebrar o contrato se eles não me dessem algumas respostas. Vamos apenas dizer que a equipe inteira da Maddox desenvolveu um interesse súbito pelo seu paradeiro. Alguém conseguiu o telefone do trabalho de Adam, ele disse que você estava aqui, e eu vim correndo.

Ela meneou a cabeça, mas seu sorriso era tão amplo que não podia escondê-lo.

— Você falou sério? — perguntou Evan. — Realmente me ama? O bastante para aguentar minha rudeza e personalidade exigente? O bastante para se casar comigo?

Lágrimas inundaram os olhos de Célia.

— Acho que posso tolerá-lo — brincou ela. — Se você puder tolerar o fato de que eu não sei cozinhar. Provavelmente nunca o esperarei na porta usando um avental, e o pensamento de ter filhos me apavora.

Um sorriso lento se abriu no rosto de Evan.

— Acho que posso lidar com tudo isso. Então, vai se casar comigo? Tirar-me do meu sofrimento?

— Você não se importa que eu continue trabalhando? Lutei arduamente e levei muito tempo para resolver meus problemas em relação à opinião pública. Não posso desistir agora.

Ele lhe segurou o queixo e traçou-lhe o rosto com o polegar.

— Você não pode desistir. Vai fazer minha campanha publicitária. Eu estaria falido em um ano sem você. Além disso, sinto muito orgulho de você para querer cortar suas asas algum dia.

— Eu o amo — declarou Célia ferozmente. — E, sim, vou me casar com você.

Ele inclinou a cabeça e beijou-a longa e docemente.

— Eu também amo você.

Evan enfiou a mão no bolso e removeu o mesmo anel que lhe dera antes. Pegando-lhe a mão, deslizou de volta no dedo delicado.

DEVOÇÃO TOTAL 311

— Mantive este anel no meu bolso desde que você me devolveu, algo que me causou uma estranha tristeza naquela noite. Promete que nunca mais irá tirá-lo?

Ela olhou para o diamante brilhante, lágrimas nublando sua visão. Então olhou para o homem que a fitava com tanto amor que seus joelhos tremeram.

— Nunca. Desta vez, nosso noivado é de verdade.